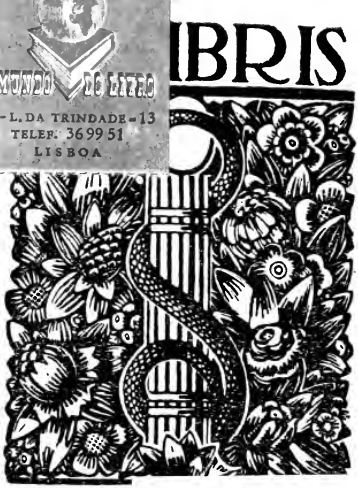
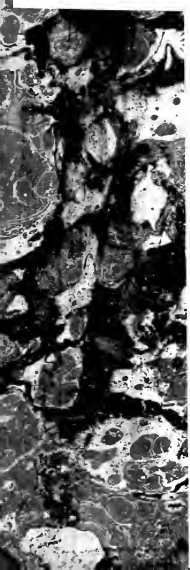
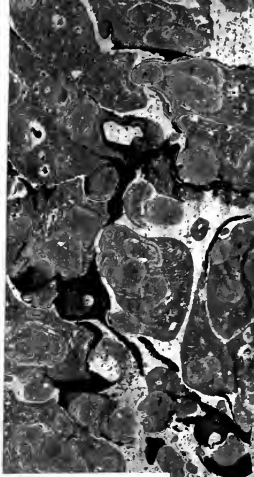
O MUNDO DO LIVRO
11-L.DA TRINDADE-13
TELEF. 369951
LISBOA



SEBAST
CENTEI





Presented to the

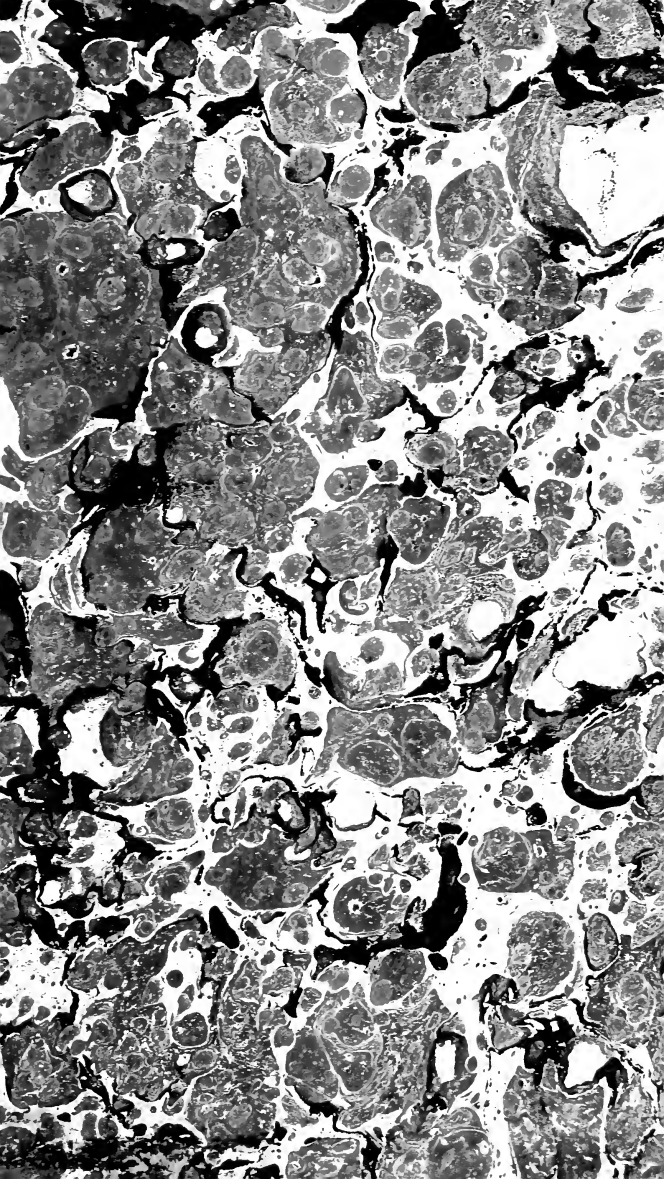
LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton



Dona Branca.

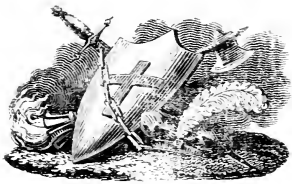
NA IMPRENSA DE H. FOURNIER,
RUE DE SEINE, Nº 14.

D. Branca,

OU

A CONQUISTA DO ALGARVE,

Obra posthuma de F. E.



PARÍS,

EM CASA DE J. P. AILLAUD, QUAI VOLTAIRE, Nº 11.

M DCCC XXVI.

Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/dbrancaouconquis00alme

PROTESTAÇÃO.

Protesto que todas as expressões de que fui obrigado a servir-me, fadas, incantamentos, etc. são puramente poeticas. Outro-si que ainda quando ataquei algum d'aquelles abusos a que tam propensa é a natureza humana, nunca tive a peccaminosa intenção de desacatar a veneranda crença de nossos paes. Antes foi meu principal fim n'ésta obra mostrar o castigo do vício, o curto e amargo dos prazeres mundanos, e o triumpho porfim da virtude e da religião. Se a calúmnia quizer lançar fel, ou a impiedade veneno em minhas ingenuas trovas, desde-ja as desminto, e d'ahi lavo minhas mãos. Ésta obra deixo em depósito ao quasi unico amigo que toda a vida tive : so depois de

minha morte verá luz publica. Mas comquanto a essa hora ja estarei a salvo, no sepulcro, de todas as malevolencias dos homens, desejo comtudo que a memoria (se alguma restar) do obscuro auctor d'estes versos seja bemdicta dos bons Portuguezes, dos homens de verdadeira religião e temor de Deus. Nasci, vivi, e não tardarei a morrer, no seio da igreja Catholica, Apostolica, Romana: a ella sujeito meu humide escripto; e se na minima cousa involuntariamente encontrei seus preceitos, do coração me desdigo e retracto.

F. E.

N. B. Esta declaração estava autographa em um papel avulso entre a primeira e segunda folha do manuscripto, (esse em lettra que desconheço) o qual recebi de F. E. poucos dias antes de sua morte.

O EDITOR.

O assumpto d'este romance é tirado da chronica de D. Afonso III, de Duarte Nunes do Leão.

Dona Branca,

ou

A CONQUISTA DO ALGARVE.

CANTO PRIMEIRO.

I.

Aureos numes d'Ascreu, ficções risonhas
Da culta Grecia amavel, crença linda
De Venus bella, Venus mãe d'Amores
Brincões, travessos; — do magano Jove,
Que do septimo ceo atrás das môças
Vem andar a correr per este mundo,
Ja niveo touro, ja dourada chuva,
Ja quanto mais lhe apraz; — de Baccho alegre,
Do louro Apollo, e das fermosas nove
Castas irmans que nos vergeis do Pindo
Tecem aos sons da lyra eternos carmes;
Gentil religião, teu culto abjuro,

Tuas aras profanas renuncio;
Professei outra fe, sigo outro rito,
E para novo altar meus hymnos canto.

II.

Não rias, bom philosopho Duarte,
Da minha conversão, sincera é ella*:
Disse adeus ás ficções do paganismo,
E christão vate christãos versos faço.
— Irão meus versos ao retiro mystico,
Aonde te escondeste, procurar-te;
E ao levantar da nevoa matutina
Te hãode acordar para contar-te a historia
Dos bons tempos que foram. — Ouve, escuta
O alaúde romantico, ouve as coplas
Do amigo trovador: á nossa terra
Vamos, amigo, vamos co'estes sonhos
Embalar as saudades, e dar folga
Ás âncias d'alma co'as ficções do ingenho

* Veja nota a este verso, no fim.

III.

«Em hora boa saia a nova esposa
« Per caminho de flores ; — saia a bella ,
« A casta filha de Sion sagrada
« Para os paços magnificos do esposo.
« Choremos nós , que ella se vai, choremos,
« Que nos deixa e se vai : outro rebanho
« A apascentar caminha em prados novos ;
« D'outras ovelhas cuidará solícita ,
« Que não de nós : sua coroa mystica
« Outras mãos tecerão da rosa agreste ,
« Do lirio das campinas para a frente
« Da pastora sagrada : o bago sancto
« D'outro redil defenderá a entrada.
« Em hora boa saia a nova esposa
« Per caminho de flores ; — saia a bella ,
« A casta filha de Sion sagrada
« Para os paços magnificos do esposo. »

IV.

Aberta estava a porta do mosteiro ,

E as virgens do senhor este eantavam
Hymno de saúdosa despedida
Á sua joven prelada, que ora as deixa.
Formosa e em viço de florentes annos
A real Branca, de Lorvão senhora
Alli trocou do seculo as grandezas
Pola soidão do claustro: o nobre Afonso
Viu com lagrymas pias — não de mágoa,
Despir a linda filha a régia purpura
Pola estamenha austera. Môça e bella
O baculo empunhou, e o regeu digna
De seu sancto mister. — A mais subido,
Mais alto grau na hyerarchia a chama
O castelhano rei: ouvira a fama
De suas virtudes o avô regio; quer-lhe
Como a sangue que é seu, e amada filha
De Beatriz muito amada: eleita d'Holgas
Vai abbadeça a tomar posse agora
De seus grandes, riquissimos dominios.

V.

Cavalleiros cinquenta armados d'aço
Lucidas cotas, duras malhas vestem:
Alva cruz nos broqueis; e alvo pennacho
No elmo brilhante fluctuando ondeia.
Alta a viseira está, mas baixos olhos
O respeito lhes põe; não fita ousada
A vista do guerreiro as virgens sanctas
Que o veo do templo separou do mundo.
Vassallos estes são que as ferteis varzeas
De Burgos teem, e d'Holgas ao mosteiro
Preito e homenagem dão: custou-lh'armados
A entrar assim per terras portuguezas;
Com muito campeão romperam lanças,
E em pontes e castellos de senhores
Houveram que brigar, nem lhes valeram
Salvos-conductos do valente Afonso;
Que o portuguez cioso não tolera
O rival castelhano em terra sua.
Mas passaram alfim, e a sua bella,
Real senhora levam. Ja fluctua

O pendão branco ao vento matutino;
Dá signal o clarim, viseiras descem,
Lança em punho. — Alva mula, ajaezada
Com ricos pannos de ouro e finas telas,
Monta a formosa infante accompanhada
De suas donas. Soeiro e Lopo a seguem;
Soeiro e Lopo, venerandos padres,
Digno exemplar em lettras e virtudes
Dos filhos de Bernardo; a consciencia
Teem a seu cargo da gentil princeza;
E bulla especial do sancto padre
Para caso qualquer o mais difficil,
Que nem o agudo Busembáu sonhára,
Nem o Larraga lhe mettêra o dente.
Mestre Gilvaz, que em Padua fez prodigios,
E a Galeno e Averroes deu sota e basto,
Em gorda, russa mula, — e não de physico,
De nedea que é — pesado de aphorismos
Grave caminha juncto aos reverendos.
Nuno, valente e guapo borda-d'agua,
Taful de escaramuças e ciladas
Contra arraianos, do Leonez e Mouro

Temido como duende que os persegue,
Nuno, mancebo experto, e cavalleiro
De nobres partes, per elrei mandado
Á infante fôra a accompanhá-la a Holgas,
Como escudeiro seu. — « Tam bello pagem
A senhora tam môça não cumpria. »
Rosnava la comsigo frei Soeiro;
Mas o mal que lhe quer, pelo respeito
De quem o manda, declarar não ousa.
Seguem mordomos, escudeiros, moços,
Que, uns duzentos ao todo, cavalgando
Vão em marcha vistosa ás margens lindas
Do suavissimo e placido Mondego.

VI.

Raro é o veo, alva a touca; e transparecem
Pelo veo raro e pela touca alvissima
As tranças louras como o sol que nasce
Detras do outeiro, como os raios d'elle
Luzem quando ligeira os cobre nuvem
Diaphana no ceo. — Quem hade os olhos
Debuxar! Como o azul do firmamento

Em noute pura? — Não, que são mais lindos.
Como a saphyra em relicario sancto
Á luz das tochas, adorada emtôrno
Em devota funcção? — Ah! que outro brilho,
Outra luz teem; e a devoção que inspiram,
— Bentas reliquias, perdoae-me o verso —
É mais fervente. Oh! sahem d'esses olhos
Languido-azues umas suaves chammas,
Um quasi effluvio d'alma, que transpira,
Que vem do coração, que doce mana,
E o ar, e o peito que o respira, embebe.
Seio... — imagine-o amor c'o ôlho atrevido
Do perspicaz desejo. — Amor! — que disse!
Amor! virgem do altar não sabe amores.
Longe, atrevido cubiçar profano;
É vedado esse pomo: ai do que o toca!
Vela o esposo do ceo, ao ceo pertence;
Admire-o a terra; mas alêm é crime
Passar de admiração. — Branca, a formosa,
A linda Branca, sangue real d'Afonso,
Tam bella, tam gentil fez de suas graças,
De seus incantos sacrificio ás aras.

VII.

Leda caminha a nobre comitiva;
Mas o sol, que declina, lhe poz termo
Ao viajar: fadiga sente a joven
Princeza a tanto andar não costumada.
É mister de buscar poisada commoda
Para a noute. — Onde? a luz ja vai mingando;
Nem tarda o manto a se cubrir das trevas
Orphão do dia o ceo. — Dobrar o passo,
Que a poucas leguas jaz convento rico
De monges negros.

« Monges negros! » — disse
Frei Soeiro c'um gesto de desprêzo. —
« Pernoitar sua alteza em tal mosteiro!
Senhora, grande sancto foi san' Bento,
— Meu padre san' Bernardo me perdoe. —
Mas para tam fidalga companhia,
Para vós, real senhora, sôbretudo,
Dos monges brancos honra, flor e nata,
Tal poisada buscar! — De nossa regra
O mais sancto preceito e veneravel,

Quereréis infringi-lo? Antes mil vezes
Os votos todos tres. E vossa alteza
Me desculpe, porêm uma so noute
Sem o cumprir!.... Não chega a tanto a bulla
Do sanctissimo padre: eu por mim digo,
E frei Lopo, que ahi 'stá, que me desminta;
Mas absolver não posso esse peccado. »

VIII.

INFANTE.

« Que é, padre mestre? Que peccado?—Tremo
De vos ouvir. Antes aqui na terra
Dura dormir, e ao relento frio,
Que tammanho peccado commettermos.
Dizei o que é, dizei: que nos empece
De ir poisar ao mosteiro de san' Bento?
Teem esses padres fama de virtudes;
E não sei que lhes falta... »

« O que lhes falta?
Disse com voz austera, e tam medonha
Frei Soeiro, que a princeza de aterrada
Estremeceu na sella, e se não fôra

Um pagem que lhe accode a segurá-la,
Da excommunhão, que viu sôbre a cabeça,
Fulminada cahíra. —

« O que lhes falta? »

Repetiu, sem curar do mal que a afflige:
« O que lhes falta! o que! — falta a *tremenda* *. »

IX.

Riramos hoje nós, degenerados,
Tibios fieis, da emphatica resposta
Do rigido Soeiro; e tal magano
Haveria de spirito philosopho,
Que impio mofasse do zeloso padre,
E lhe ousasse dizer: « Fóra, Bernardo! »
Porêm n'aquelles tempos de fe viva,
Em que ao mais leve incredulo respiro
Tremenda excommunhão tapava a bôca.
E em caso de mais polpa, um bom milagre; *
— Tempo sancto, que nós não mais veremos;
Maldicta seja a ruim philosophia! —

* Veja nota a estes versos, no fim.

N'aquelles tempos de saudosa historia,
Que responder a um reverendo padre
Confessor, — confessor de sua alteza?

X.

Indecisa parou a comitiva;
E, os olhos fitos nos dous sanctos filhos
De san' Bernardo, moços, escudeiros,
Cavalleiros, a propria infante aguardam
A decisão do caso de consciencia,
Que porventura a todos os condemna
A dormir ao relento, e mais sem ceia.

XI.

Sem cear! — Este negro pensamento
D'azas pesadas esvoaça n'alma
Ao theologo austero; anda, desanda,
Com todas as ideias se lhe entrava;
E a qualquer solução, que lhe desponta
No difficil problema, este se aggrega
Corolario fatal — sem ceia! — Á parte
Os dous graves juizes se retiram

A conferenciar, e a voz primeira
Que unisonos soltaram foi: — « Sem ceia! »

FR. LOPO.

« Sem ceia, padre mestre! »

FR. SOEIRO.

« E sem tremenda,
Carissimo! »

FR. LOPO.

« Assim é; porêm mais vale
Pouco, que nada. »

FR. SOEIRO.

« E a regra? »

FR. LOPO.

« A regra... — O caso
Intrincado é. »

FR. SOEIRO.

« E tam arduo, que o não viram
Igual ainda os casuistas todos. »

FR. LOPO.

» Caso é este, meu padre, que um capitulo
Não viera a cabo em decidi-lo ao justo. »

FR. SOEIRO.

» Capitulo, dizeis! — A ser eu papa,
A concílio chamára a christandade:
E nem assim. »

FR. LOPO.

« Mas, padre, se mandassemos
Alguem adiante a ver se concertava
O caso co' esses negros monges — negros
Sejam elles. »

FR. SOEIRO.

« Que raio de luz esse!
Inspirou-vos o ceo, ou san' Bernardo.
Sim, padre, sim, va vossa charidade,
E convenha com elles sôbre o modo
De se cumprir a nossa sancta regra.
Nós iremos emtanto a passo lento
Té que resposta da missão nos venha. »

XII.

Assim se decidiu o grave caso
De consciencia; e assim a Deus prouvera
Se decidissem todos. — Deu d'esporas

Á nedea mula o sabio conselheiro;
E informada a princeza e seu cortejo
De accordam tam prudente, a passo tomam
O caminho do proximo convento.

XIII.

Levam tempo disputas; e as fradescas
Mais que nenhuma. — Escassa a luz incerta
Do crepusculo tenue, dubias côres
Ao vecejar dos campos dava ainda,
Ao lourejo das messes, e ao verde-alvo
Dos ferteis olivaes que a estrada bordam.
Per entre elles ao longo ao longo enfiados,
Ia a abbacial cohorte caminhando;
E na vasta planicie, onde começam
A pesar raras as nocturnas sombras,
Os olhos com delicia se estendiam.
— Fecha a maga, saudosa perspectiva
Ao cabo la, cerrada cordilheira
De outeiros, cujo verde tachonado
Co'a pallidez das urzes, que desmaiam
No ardor do sirio, inda o veo das trevas

Permitte distinguir. Um so mais calvo,
Negro e quasi de solido granito
N'esse animado quadro parecia
Em scena tam vivaz quasi squeleto
De monte, e contraposta imagem funebre
Da morte, em tanto luxo e flor de vida.
Como atahude egypcio, que entre os brindes
E prazer dos festins vem travar gostos
Co'a lembrança — terrivel! — do futuro.

XIV.

Escarpado de agudas penedias,
Isolado, so, arido, e de pontas
De vivo seixo agudas eriçado
Estava o cêrro: como em mar d'areias,
Insoluvel theorema a sabios, s'ergue
A obra dos Pharaós. — Iam vagando
Pelo variado aspeito d'este quadro
Os olhos dos viandantes, — quando subito
No alto do escuro monte uma luz clara
Surdiu, desapparece, — outra vez brilha,
E some-se: — a luzir volve tranquilla;

Como um phanal em costa mal segura
Ao prudente baixel do p'rigo avisa.

XV.

Maravilhou a todos o espectaculo
Inesperado : a timorata infante
Cuida ja ver de mouras incantadas,
De feiticeiras más, de lobishomes
Toda a caterva em pêso a vir sôbre ella;
E não ousava rezar baixo o credo,
Nem *vade retro, Satana!* que dizem
Nem sempre cousas más se vão com rezas,
E ás vezes é peior, porque se assanham.

XVI.

« Que será? » disse emfim um rumor surdo
De vozes dos que tremulos pararam,
E observam com terror a luz estranha.
« Deus nos acuda! » baixo diz a infante;
« E o padre san' Bernardo antes de tudo : »
Frei Soeiro emendou.
« Certo me espanta,

Volve dom Nuno, o pagem da princeza;
« Certo me espanta este signal estranho,
Que por velas* de mouros o tomára
N'outra paragem. Bem travado co'elles
Anda o mestre dom Paio, que os deixasse
Passar do Algarve aqui. Afé vos digo
Que este é o proprio signal que usa em seu campo
Aben-Afan.
« Aben-Afan! » repetem
Em côro a comitiva espavorida
Com frigido terror. — O mais tremendo,
E mais temido, acerrimo inimigo
Que tinha Portugal, era esse mouro
Pelos tempos d'então. Valente, ousado
Era elle, e senhor de grandes terras:
Todo o Algarve d'aquem o reconhece
Como a principe e rei temido e alto.
Suas galés innumeras infestam
Entre as columnas d'Hercules os máres
Emvão com seus ardidos cavalleiros

* Veja nota a este verso, no fim.

Dom Paio, o mestre de Santiago o ataca :
Sangue infiel correu e o christão corre ;
Mas do queimado Algarve nos castellos,
Firmes inda nas lanças musulmanas,
Profanas luas brilham. — Como as sette
Aureas tòrres no escudo lusitano
D'emtôrno ás sanctas Quinas se junctaram?
Como a nobre Tavira abriu suas portas
Ao portuguez? Como ao singelo titulo
De rei de Portugal o augmento veio
D'aquem e d'alem mar, que outros tam nobres
Trouxe depois, — ja nobres, tristes hoje
Que so memorias tristes nos recordam
Do tam caro ganhado, e tam barato
Perdido.....

XVII.

INFANTE.

« Mouros são, dizeis, dom Nuno?

NUNO.

« Real senhora, talvez não : é certo
Que este signal, por vos fallar verdade,

De mouros é, e a hora a costumada
De suas rezas maldictas; mas no sitio,
Em que estamos, tam cêrca dos castellos
D'elrei e outros senhores poderosos,
Não creio eu que mouros se atrevessem
A vir assim. — Demais, a que? — Tam pouco
Não teem la elles que fazer no Algarve
C'os de Sanctiago. — Se o levais em gôsto
Irei eu ver o que é; que me não temo
D'elles.... »

Ao proferir d'éstas palavras
Surde, como visão de espectro ou sombra,
D'armas negras armado um cavalleiro
E em corcel tambem negro, — quaes os rege
A noute em carro d'evano. — Passando,
Atravessou impavido as fileiras
Dos castelhanos, que tomados subito,
Como d'espasmo frio, nem ousaram
A fazer-lhe a pergunta costumada
De : « *Por quem, cavalleiro?* » — Ia ja longe,
Quando acordados a bradar começam :
« *Por quem, por quem?* » — Mas elle sem volver-se

Nem apressar o magestoso passo,
Em portuguez tornou : « Real, real
Por branca rosa, flor de Portugal! »
— Deu d'esporas; e a rapido galope
Despareceu. Tranquillos foram todos
Co'a resposta, e contentes — que d'amigo.
Certo era : so dom Nuno la dizia
Entre dentes baixinho : « Amigo! — Embora :
Porêm, afé, cavallo e cavalleiro,
Tam christãos elles são, como eu sou mouro. »

XVIII.

Andando vão caminho do mosteiro,
E andando, a noute mais e mais desdobra
Seu veo negro d'estrellas recamado,
Que, ausente, a lua sos no ceo deixava
Alvas brilhar. — Qual o festivo bando
De donzellas louçans no prado á sôlta
Em horas de recreio, e longe d'olhos
Sempre álerta, ligeiras danças formam,
Travam jogos brincões; surri-lh'o esmalte
Do campo, e as flores tam gentis como ellas.

XIX.

Mas ja cuidoso o rigido Soeiro
Co'a delonga do enviado reverendo,
Começa de assombrar-se-lhe a consciencia
Na ideia de quebrar o mandamento
Cardeal dos preceitos bernardescos.
Ja entre a comitiva mal disposta
A acceder aos escrupulos do padre,
Murmuravam alguns; e so continha
O respeito da infante, que assanhada
Não rompesse a questão entre os dous maximos
Podêres que este mundo entre si regem....

XX.

Eia! cobrae alento, animos fortes,
Que, vêdes, Lopo traz a medicina
Para escrupulos, fomes, e temores
De mal passadas noutes, magras ceias,
E o mais que agora em vossas almas pesa.
« Tremenda, padre; e viva san' Bernardo! »
Gritava ja de longe, esbaforido

Do galope em que vem: « Viva a tremenda! »
Soeiro volve; e vivas lhe respondem
Da companhia alegre co'a mensagem.
Dobra-se o passo; cada qual se apressa.
Com olhos e alma no tinello* bento.
Branca, a formosa Branca de annos tenros
Á tutoria monachal affeita,
E sem vontade sua onde é senhora.
Vai onde a levam, e rezando sempre.
Começa uma novena e tres rosarios,
Que nos p'rigos da estrada promettèra
A não sei quantos sanctos milagrosos,
Se á poisada ésta noute a salvo a levam.

XXI.

Correi, correi, ó nobres cavalleiros.
Correi, correi; san' Bento vos espera
Com farta ceia e regaladas camas.
Porèm, como os escrupulos cessaram
Do rigido Soeiro? como poude

* Refectorio.

O destro enviado congraçar diff'renças
De monges brancos, e de negros monges?
— Facil não foi; travada houve disputa;
E a não ser o abbade, homem prudente,
Que o bago regedor metteu em meio
Da renhida contenda; hoje ao sereno
Ficáras, linda Branca delicada,
E de tuas faces as purpureas rosas
Amanhan desbotadas não dariam
Inveja e zelos aos rubins da aurora.
Esses olhos tam puros, d'onde mana
Doce arroio de luz celeste e meiga,
Olhos, por quem amor dera o seu throno,
Dera um ceo de prazer e de ventura,
Se outro ceo, se outro amor ja não tomára
Para si todo, todo esse thesouro;
Esses olhos pesados do relento,
Morna a luz, sem fulgor, do novo dia
Não brilhariam matutinos raios:
Qual sóe brilhar no ceo a estrella d'alva,
Percursora do sol — tam radiante,
Tam magestosa não, porêm mais bella.

XXII.

Eis os repiques nas sonoras grympas;
Eis as tochas, e os canticos: — « Bem vinda
« A filha de Sion, bem vinda seja
« A progenie dos reis, a casta esposa
« Eleita do Senhor. São os seus olhos
« Como os da pomba quando em terno arrulho
« Anceia... » — Os padres bentos o cantavam;
Não sou eu que o inventei: — e outras mais cousas,
Excitantes imagens das delicias
Conjugaes d'alma: hymno exemplar e sancto,
Extrahido do cantico dos canticos*.

* Veja nota a este verso, no fim.

Dona Branca.

CANTO SEGUNDO.

I.

Oh formosura! oh doce incanto d'olhos,
Enlèvo d'alma, para quê no mundo
Te debuxou a mão da natureza?
Que vieste fazer do ceo á terra
Ornato d'anjos, divinal revérbero
Da face do creador? — A luz da estrella
No firmamento azul, o alvor da lua
Frouxo-brillante, e bello como a face
Da virgem que suspira por amores
Vagos, que em peito infante lhe despontam;
O surrir meigo da rosada aurora

Que vem o dia annunciar com flores
Roxas, colhidas nos jardins do oriente;
E o sol, orbe de luz no ceo, radiante,
Olho, imagem de Deus, clarão e vida,
Ser, existencia propagando eterno
Per innumeros orbes suspendidos
No espaço, — oh! formosuras sois condignas
Do edificio magnifico do mundo.
De taes bellezas adornou sua obra
A mão que tudo fez. — A magestosa
Architectura do orbe foi traçada
Assim, n'um grande rasgo de belleza
Simples, sublime e grave, como a idéia
Que a concebeu no seio á eternidade.

II.

Mas, homem, — tu, miserrimo dos entes
Que se arrastam no espaço circumscripto
De um dos minimos globos do universo,
Insecto de um so dia, que nasceste,
So para continuar o élo da vida
Na cadeia dos seres, que apontaste

N'um angulo da scena magestosa
Para ve-la, e — morrer; homem, quem póde
Comprehender teu fado mysterioso
Nos destinos do mundo! — E como aprouve
Á natureza — liberal, e avara
Comtigo, ja mesquinha, generosa,
Ja rica em dons, ja pobre em faculdades,
Que te deu, te negou, e assim te ha feito
O mais ràro phenomeno da terra,
Incomprehensivel, unico — homem, como
D'ésta sorte lhe aprouve á natureza
De ajunctar em teu rosto a formosura
Toda pelo universo repartida!
Como tu, vidro obscuro e quebradiço,
Em ti so concentraste o prisma inteiro
Das bellezas no mundo repartidas!
Ou zombas d'elle, ou alto é teu segredo
Acêrca do homem, creadora essencia.

III.

E então da especie na porção mais debil,
Mais fragil foi cahir todo esse raio

De formosura! — E então para compendio
De bellezas e incantos, escolheste,
Natureza, a mulher! — De quem teu cofre
Rico de mimo e graças, confiaste!
Nossos prazeres todos, nossos gostos,
Consolações, allivio em mágoa, amparo
Na infancia, incanto em juventude, e arrimo
Na velhice, de ti, mulher, nos partem:
Concéde-los tu so, ou no-los negas.
Negas, — e quantas vezes! — Mas tyrannos
Não somos nós, injustos, oppressores?
De quantas dores, privações, tormentos
Lhe não travamos duros a existencia!
Que sordidos harens, que vis eunuchos
Tens, Oriente; sepulcros tristes d'ouro,
Onde geme a virtude, e amor corrido
Cede á brutal desejo o faxo e a venda!
— Culpas, Europa, o mussulmano barbaro?
E os teus carceres negros e traidores,
Onde á innocencia candida, á piedade
Arma o perfido bonzo o laço astuto,
Laço, que, eterno, a vida, os gosos d'ella,

A ventura, o prazer d'um nó separa*?
Corta sem dó — crueis! — e até cerceia
O derradeiro bem d'um desgraçado,
A esperança? — Esperança! nem um viso,
Nem um so raio teu penetra os ferros
Da escravidão que so tem fim co'a vida;
Nem um so raio teu vai bemfazejo
Aquentar corações gelados, mortos!
Mortos, — mas palpitando no sepulcro,
A que baixaram vivos. — Homem barbaro,
Ingrato e desleal, qual é seu crime?

IV.

Escrupulos, adrede fomentados
Por ignorancia interesseira e baixa,
Quanta victima cega hão conduzido
Ao altar profanado de holocaustos
Tam sanguinarios, crus! — A patria, amigos,
Casa paterna, maternaes caricias,

* Veja nota e este verso, no fim.

Doces futuros d'um esposo amavel,
De meigos filhos, sanctos gosos d'alma,
Dados de Deus — e tudo abandonado
Pela impia crença de que a Deus não prazem,
Que impureza os deturpa, o vicio os mancha,
E so do claustro para o ceo ha estrada.
— Dogma fatal, preverso, injurioso
Á divindade! — Oh! victima innocente,
Formosa Branca, de tal êrro foste.
Devota, pia, timorata e fraca
Temeste o mundo, escolho de virtude,
E, sem o conhecer, fugiste o mundo.
Pr'igos, cachopos tem o mar da vida,
Tredos baixos, procellas tempestuosas:
Mas o nauta que timido largasse
O baixel que o conduz á patria cara,
E dos riscos das ondas aterrado
Fosse em algoso, ingreme cachopo,
So, no meio dos máres accolher-se,
Onde nem doce esp'rança d'almo pôrto,
Nem confôrto da vida, nem uns longes
De melhor sorte, mas so ermo triste,

Mas so a vasta solidão do oceano —
Prudente o chamarias? — Oh virtude,
Que homens, que leis dos homens te conhecem?

V.

Trazei, filhos de Bento, as succulentas,
Largas postas do nitido cevado;
Correi devotamente ao dormitorio,
E em grosso pingue de toucinho gordo
Me affogae os escrupulos bernardos.
— Foi lauta a ceia, e vasta: peruns trinta,
Por cabeça os leitões, adens sem conto.
Não manjares opiparos, não brandas
Delicadezas d'exquisito gôsto,
Mas fartura, abundancia illimitada
Á portugueza velha. — Comeu pouco,
De extenuada a mui formosa infante;
Mas por ella e por si, por um convento
Comeram os dous padres confessores.
Nem tu, mestre Gilvaz, em tal appêrto
De tentações, podeste recordar-te
Do fatal *omnis indigestio mala:*

Texto que em teu systhema te confunde,
Unico em toda a vasta medicina,
Que interpetrá-lo bem não conseguiram
Tuas doutas vigilias. — Ja repletos
Com tam frugal repasto ao leito foram,
E no primeiro somno em paz descançam.

VI.

E ora de cruz alçada, e ceruf'rarios,
Em procissão coristas se encaminham
Com ingente marmita ao dormitorio
Onde jazem os hóspedes bernardos.
Supinos jazem, e jazendo roncam,
Mas ao devoto cheiro da *tremenda*,
E ao conhecido canto acordam presto.
E assim a procissão andando entoava:

CÔRO.

Sus, erguei-vos, irmãos, que ésta é a hora,
Ésta é a hora tremenda e sagrada:
Vinde, vinde fazer penitencia,
Levantae-vos, que a hora é chegada.

UMA VOZ.

Macerae essa carne rebelde
Co' este gordo, tremendo bocado;
Sonhos maus, tentações do diabo,
Fique tudo em toucinho affogado.

CÔRO.

Sus, erguei-vos, irmãos, que ésta é a hora,
Ésta é a hora tremenda e sagrada:
Vinde, vinde fazer penitencia,
Levantae-vos, que a hora é chegada.

OUTRA VOZ.

Louvor seja ao glorioso Bernardo,
Que tam sancto instituto vos deu:
Sem *tremenda* quem póde salvar-se?
Com *tremenda* ninguem se perdeu.

CÔRO.

Sus, erguei-vos, irmãos, que ésta é a hora,
Ésta é a hora tremenda e sagrada:
Vinde, vinde fazer penitencia,

Levantae-vos, que a hora é chegada.

VII.

Co' ésta órgia monachal annunciavam
Os irmãos bentos aos irmãos bernardos
A respeitavel hora da *tremenda :*
Uso antigo, sagrado e inalteravel
De monges brancos, e hoje por não vista,
Exemplar tolerancia permittido
Nos claustros pretos, não sem muito escandalo
Dos padres-graves rigidos da ordem,
Que altamente em capítulo altercaram,
Assignaram seu voto em separado,
E protestaram n'acta. Mas o abbade
Mais tolerante, ou mais cortezão que elles
Relaxou, em respeito da princeza,
A monachal, austera antipathia,
E a liberdade franqueou de culto,
Por ésta noute so, em seus dominios.
— « E que nos faz a nós que os bons bernardos
Comam toucinho, ou não? (argumentava
O philosopho abbade) ha hi peccado,

Ou offensa de Deus? »—« Què, padre abbade,
(Torna inflammado em zêlo um reverendo)
O què? Indiff'rentismo em taes materias
É dos peccados todos o mais grave.
O que nos faz a nós que comam porco!
E Judeus, o que importa que o não comam?
Mas para estes ha boas fogueiras;
E então aquelles...»—« Basta, padre: á ordem!
Por sancta obbediencia vo-lo ordeno. »
— E decidiu-se que a *tremenda* fosse
Punctualmente repartida aos hóspedes
Com todo o ritual prescripto e usado
Entre os gordos bernardi-brancos monges.

VIII.

A procissão fôra direita á porta
Da abbadeça gentil; mas tam cansada
Se achava da viagem, que impossivel
Lhe era cumprir co' este preceito sancto
Da regra. — Meiga voz disse de dentro:
« Dispensae-me hoje, que... não posso. »
—« Como?

Não posso! — brada em cuecas acudindo
Gorda, cachaci-pansuda figura,
Que da fronteira cella a correr veio :
« Não posso! o quê? Não chega a tanto a bulla.
Dispensar! Com dispensas vai perdida
A igreja, e as ordens. Dispensar no caso
Mais grave, no preceito mais restricto
De nossa regra! — Não, senhora minha :
Heisde tomá-la, ou não sou eu frei Soeiro. »
E atacava, dizendo, as descozidas
Bragas, que enfiou á pressa arrebatado
De zêlo e rigidez.

— « Ésta so noute,
Ésta so por mercê e por piedade. »
—Volve a sonora voz dentro da cella :
« Todo me doe o corpo fatigado.
Oh! meu bom patriarcha san' Bernardo,
Tu o sabes, se eu posso! »

FR. SOEIRO.

« Embora, embora :
Mais acceita será a penitencia,

Quanto mais custe. Vamos: vossa alteza,
Como prelada que é, deve ao exemplo
Sacrificar seu cómmodo e vontades.
So assim se mantem a disciplina
Da ordem. »

INFANTE.

« Mas...

FR. SOEIRO.

« Ver-me-hei pois obrigado
A fulminar da excommunhão os raios. »

INFANTE.

« Excommunhão!... não, não: eu abro, eu abro.
Misericordia! não, reverendissimo,
Oh! não me excommungueis. Um porco vivo
Comerei antes... antes. »

Uma idosa
Bem apessoada dona abriu a porta;
E o rigido Soeiro, inda em cuecas,
Ponderoso facão na dextra empunha,
E em manta enorme atassalhando um naco

Tal, que a so vista d'elle affugentára
Synagogas inteiras, triumphante
C'o gran' podèr de sua auctoridade:

FR. SOEIRO.

« Approximae-vos, abbadeça d'Holgas. »
E a timida innocente, a passo lento,
Ao bruto sacrificio se encaminha.
C'os lindos olhos mede o desmedido
Bronco pedaço, que o brutal bernardo
Para boca tam breve ousou talhar-lhe;
E c'um gesto de mágoa tam afflicta,
Mas tam formosa, tam incantadora,
Que abríra compaixão em bronzeos peitos,
Peitos de tigres — que não fossem frades*,
Á repugnante, enjoosa penitencia,
Resignada e humilde se prepara.

IX.

Scena era digna do pincel flamengo,
Digna de ti, ó Wan-derneér mimoso,

* Veja nota e este verso, no fim.

Da natural simpleza ingenuo filho,
Ésta que n'alma agora me debuxa
O acceso imaginar: — pinta-me o escuro
Fundo dos quadros teus c'um longo e funebre,
Escasso-allumiado dormitorio.
Põe-me na luz primeira d'esse quadro
Timida e joven, candida beldade
Com alvas, longas roupas, e o veo alvo
Erguido, que descobre a face angelica,
Onde a amargura — não de paixões vivas
Que o rosto convulsivas desfiguram,
Mas a que o gesto juvenil risonho
Contrai á vista do pedante mestre
Brandindo austero a ferula temida.
Essa, essa angústia da innocencia, altera
A suavidade das feições divinas.
— Diante d'ella, a comica figura
De fradalhão bojudo, encarniçado
Co'as grossas, curvas e cevadas fórmas
Transparecendo das ligeiras cuecas;
Na mão, tremenda posta de toucinho,
Que rindo amostra com prazer maligno

Á timorata virgem.—Gruppos negros,
Brancos de monges de diversas côres,
Cavalleiros armados d'armas brancas,
Brancas sobrepelizes de coristas
Em derredor com arte collocados.....
Não fôra, se tal quadro debuxasse,
Divino Mengs, o teu pincel tam brando,
Não fôra, entre os milhares de prodigios
De tua eschola immortal, o menos bello.

X.

Novo actor no meu quadro—nova, digo,
Figura, pois que fallo a lingua d'arte;
Ou então novo actor, porêm na scena:
Mestre Gilvaz, que acode ao arruído,
Despertando d'um sonho affadigado,
Em que se viu, qual Tantalo *inter dapes*,
De pasteis, de peruns, de trouxas d'ovos
Cercado emtôrno,—e a cada mão que estende,
A cada ávida boca que escancára,
Um livido aphorismo em feia fórma
De alado spectro co'a aza de morcego

Lh'o arreda ácinte, e o cansa, o atormenta,
Como o doutor de Sancho, no banquete,
Um depós do outro, os almejados pratos
Ao faminto escudeiro denegando.
—Acordou do terrivel pesadello,
Á bulha da *tremenda*, e mal lembrado
Da verdadeira causa do alvorôto,
Que a taes deshoras o socêgo quebra
Da habitação monastica, aturdido
Ao sitio corre onde o arruido escuta.

XI.

Estavas, linda Branca, n'esse instante
Resignada á enjoativa penitencia
Que a teu cebento confessor tam doce,
Tam deliciosa e branda parecia.
Eis bom messer Gilvaz entra esfregando
As enviscadas palpebras, e rouco,
Bocejando em hiatos tremendissimos,
De rebulicio tanto inquire a causa.
Viu-o a infanta, e cobrando em seu desmaio
Um alento de esp'rança, os meigos olhos

Com supplice expressão volve ao galeno;
E—« Mestre Gil, oh! mestre Gil » exclama:
« Valei-me por quem sois. Ai! não, não posso.
Mestre Gil, vós sabeis que fraco eu tenho
O estomago, desde a última doença,
Que aquellas dez garrafas, trinta pilulas,
Ptisanas, infusões, purgantes, tonicos,
E não sei que outros mais doutos remedios
Vosso muito saber me receitára.
Ai! acudi-me, senão d'ésta morro. »

XII.

Os olhos magistraes de novo esfrega,
E inda tonto de somno e mal desperto
Chega á princeza, e quasi por instincto
Da doutoral natura, a mão estende,
E ao niveo pulso gravemente a applica.
« Febre (disse) febricula; — está duro,
Intermittente, — vivo, e com seu tanto
De...—Vejamos a lingua.—E de appettite
Como vamos? — Funcções segregaticias
Em regra? — Bom: o caso é de importancia,

Mas não de p'rigo : a *historia morbi* é simples,
E a capitulação *tyronum minimo*
Per quam facilis. — Pôstoque nos diga
O grande mestre, o sabedor dos sabios :
Ars longa, vita brevis; invertido,
Com o favor de Deus, ja muitas vezes,
Tenho o douto aphorismo : — vida longa
Com arte breve; e assim heide emendá-lo
Na primeira edição *correctior, auctior :*
Ubi ars brevior, erit longior vita.
E que saiam a campo esses doutores
Da mula russa ; a pé firme os espero
C'um syllogismo *em barbara*, outro *ad hominem*
E tres cornudos, bifidos dilemmas,
Que lh' hão de estopetar as cabelleiras,
E fazer comer terra á faculdade.
Ignorantões ! heide incová-los. — »

INFANTE.

« Vêde.....
Que é urgente..... »

MESTRE GIL.

« Se é urgente!—Biltres,
Sevandijas de borla, vis insectos!
Pretender ensinar-me, a mim, ao mestre
Gilvaz, doutor pela alma academia
De Padua, que tres dias successivos
Sustentei a pé firme as minhas theses,
E esgrimi c'os primeiros disputantes
De Bolonha e Paris! — A mim, birbantes,
A mim! » — E no ardor da dialectica
Com pés e mãos fallava, e combatia
Imaginarios zoilos, atrevidos,
Petulantes, ignaros aristarchos,
Que, ás lançadas de vivos argumentos,
Desmontava do arção, prostrava em terra
Na escholastica arenna estatelados.
Embalde o implora, o chama a gentil Branca,
E a circumstante turba ás gargalhadas
Lhe responde aos somnambulos discursos
Que não intende: mais e mais irado

Lhes torna: « Ignorantões, a mim, birbantes! »
Não esquecendo assim, nem quando em sonhos,
Da faculdade a natural modestia.

XIII.

Frei Soeiro, emtanto, co'a *tremenda* em punho,
Insta; Branca suspira, e encara o doctor;
A fradalhada ri; Gilvaz redobra
De enthusiasmo; o confessor declama;
E em gritaria tal ninguem se intende.
Quando um leigo a correr esboforido
Vem a gritar: « Misericordia! acudam;
Misericordia! Mouros no convento. »
— « Mouros! » repete unisona a caterva;
E os berros de Soeiro, os argumentos
De Gilvaz, as risadas dos coristas,
Tudo parou n'um gelido silencio.
Como n'harpa festiva os sons alegres
Do trovador que feriu setta imiga,
Quando animava co'as canções divinas
As danças dos zagaes no flóreo prado,
Mas o cruel archeiro d'alta tôrre

O mirou certo ao coração, e fria
Pára a mão, que as vibrou, sonoras cordas.

XIV.

Mouros! — Com olhos fixos e pasmados,
De susto e medo atonitos se encaram
Uns aos outros, e como que perguntam
Em seu mudo fallar : « Oque faremos? »
Dos cavalleiros a mor parte dorme;
E os que velavam co'a funcção nocturna
Da órgia bacchanal, tomados subito
De terror imprevisto, accovardados
Sem ânimo, sem fôrça, irresolutos
Em pavor frio como os outros gelam.
« Que faremos? » — « Ás armas! gritou Nuno :
Ânimo! ás armas, e segui-me todos,
Que eu... »—Não bem proferira éstas palavras,
Tremendo *Alla* soou pelas abobedas
Agudas do comprido dormitorio,
E os alfanges nas trevas scintillaram
Mal acclarados das nocturnas lampadas.
Luziram finas pedras nos dourados

Broches d'alvos turbantes. — *Alla* soa;
E os frades, o doutor e os cavalleiros
Seviram n'um instante sôbre os peitos
Apontadas as duras cimitarras,
Cru terror de christãos. — Nem um suspiro,
Nem um ai : mãos atrás, e um nó valente
De rijo esparto. Nuno so, que em tanta
Desordem conservou cordura e alma,
Das mãos do frade toma a cruz que guiava
A procissão burlesca, e a golpes vivos
Co'a bandeira da fe a inficis combate.
Sôbre elle alfanges cento a golpes chovem,
Se descarregam ponderosas hachas;
Mas o intrepido Nuno a um lado e outro
Fere, estrue, defende-se, e derruba
Inerme e so ao ismaelita armado.
Não lhe comporta o generoso peito
Perder, sem disputar, a liberdade,
E antes a vida, que a honra, barateia.
Caminho se abre entre as cerradas turmas
Das mouriscas espadas — Espantado
De tanto esfôrço, e como que vencido

D'um podêr sup'rior, recua o mouro;
E o intrepido mancebo defendendo-se,
Retirando-se — alfim a escada alcança.
C'um desesp'rado golpe e furibundo
Aterra os que mais proximos o seguem;
A pulos desce, atravessou a crasta*,
— Como sulco de luz na tempestade,
Que as nuvens rasga, e some-se, — na cêrca
Entre árvores e o escuro desparece.
— « Deixae-o : » — disse entre os infieis um delles
Que em nobre adman, no rico dos vestidos,
E no respeito que lhe os outros catam,
Seu chefe se demostra : — « quem tam nobre
Assim defende a liberdade e a vida,
É digno de as gosar : ninguem o siga. »

XV.

Quem é este inimigo generoso,
Que alma tam nobre em peito infiel encerra?
Quem é este guerreiro musulmano,

*Claustro.

Que tam gentil, tam majestoso brilha
Nas picturescas arabes alfaias,
Que o talhe heroico, o altivo porte, a graça
Esbelta de marcial belleza arreiam?
Branca emtôrno da frente em tresdobradas
Voltas o cinge estofa resplendente
Como a neve nos picos annuviados
Da serra das estrellas ;— puras virgens
A deduziram em lidados fusos
De Alvor nos verdes plainos, e a teceram
Ao som das namoradas cantilenas
Dos romances do oriente, que as memorias
Contam d'avós nas terras apartadas,
D'onde vieram ao reclamo tredo
Do vingativo pae pola offendida
Honra da loura virgem. — Encurvadas
Em demi-lunar círculo rebrilham
A esmeralda da côr dos verdes campos,
E a saphyra que o azul do ceo reflecte,
E as amethistas roxas como a humilde
Violeta modesta, que se esconde
Do sol creador na flórea primavera.

Olhos negros — tam negros como as tranças
Que, ao destoucar-se, a noute esparze longas
Pelas eburneas costas — vivo lume,
E o fogo da progenie do deserto
Do rosto baço, como tochas, lançam
Accesas no aguçado minarete
Á hora das preces na mesquita. — Baço,
Baço é o rosto — que o sol crestou as faces
Ha longas gerações da raça altiva
Dos filhos do ermo, — porêm bello, e cheio
De animada expressão; e o vivo realçam
Carmim das faces crespos fios d'evano,
Que em anneis romanescos lhe dividem
O bem fendido, nitido bigode.
Fórra-lhe o peito cota de aço fino
Entalhada em lavor custoso de ouro.
Longo, pesado e curvo o alfange pende-lhe
Fiel á esquerda: a morte se ha postado
Nos gumes d'esse alfange, e dahi colhe
Ampla ceifa de vidas. Quantas lagrymas
De viúvas, d'orphãos n'esses feros gumes
Cortido teem, sem lhe embotar os fios,

Sem lhe embaçar a lamina brilhante,
Que novo sangue, novos golpes pulem!

XVI.

E este era o chefe da infiel cohorte,
Que o sancto asylo a profanar se atreve
Da monachal virtude. Preso o abbade
C'o resto de seus monges que dormiam,
Com os mais castelhanos cavalleiros,
A quem grilhões pesados despertaram
Do brando somno, todos manietados,
Excepto Nuno, quantos habitavam
O mosteiro essa noute malfadada,
Ao vencedor seus campiões os trazem.

XVII.

E de ti, linda Branca, de ti bella,
Mimosa dama tenra e delicada,
Ai! de ti com horror meu canto foge.
Cortada a voz nas cordas do alaúde
Teu destino cruel dizer não ousa.
Virgem botão, que ao sol desabrochavas

Em jardim de virtudes, ai! colheu-te
Grosseira mão do salteador dos bosques.
Quem te defenderá? Tua virtude?
Ceos! a candida rosa da innocencia
Nem tem espinhos que do vício a guardem.
Irás, filha de reis, sangue d'Afonso,
Ramo augusto d'essa arvore frondosa,
Que germinou nos campos da victoria,
E co'as raizes no sanguento Ourique
Topeta os astros da estellada esphera,
Irás pois tu, que os thalamos dourados
Dos principes da terra desprezaste,
E repoisavas gemedora pomba
Nivea no seio do celeste amado,
Irás de immundo harem, victima abjecta,
A prazeres infames, e ao capricho
De barbaro senhor jazer escrava?
E escrava, oh Deus! do crime e da vergonha!

XVIII.

Correi, lagrymas tristes, deslaçae-vos
Do coração, onde pesais tenazes,

Dolorosos soluços : ânsias cruas ,
Sahi, terriveis apperturas d'alma ,
Vinde em mares de pranto aos olhos turvos ,
Espalhae-vos em nuvens de suspiros ,
Desaffogae-lhe o peito comprimido :
Para um so coração é muita mágoa.
— Chora , linda princeza , o teu destino ,
Sôbre teus dias malfadados chora ;
Essa flor de belleza , essa virginea
Candura de innocencia — Oh !.....
Mas na face
Da real donzella que expressão eu vejo ?
É afflicção , é dor ? não. — Què ! sem medo ,
Sem horror encarar o gesto impuro
Do inimigo da fe ! — Que olhar tam doce ,
Que lhe ella lança ! — Crêras que um incanto
Acintoso de occulto malandrino
Lhe desvairou o coração e os olhos ,
Que aos do mouro gentil rendidos tendem ,
Qual tende por incognito feitiço
Do norte ao pólo a namorada agulha.
Não ha surriso nos vermelhos labios ,

Não ha meiguice nos brilhantes olhos,
Mas ha não sei que pensamento languido
A ressumbrar de toda essa figura
Angelica, divina, que o desprèzo
Justo, que as sanctas iras não souberam
Onde, em tanta belleza, debuxar-se.
Elle o joven traidor, elle o conhece:
E o que não adivinham cubiçosas
Vistas de gentil moço? o que não sabem
Ler nos de virgem olhos de mancebo?

XIX.

Quem se ajoelhou ante a real infante?
O bello mouro foi. Quem lhe protesta
Respeito e vassallagem? Tu, formoso
Neto de Agar. — Como o escutaste, ó bella
Filha de Afonso? — Murmurando as cordas
Da minha cetra... não, christan vergonha
Não a ousam dizer. As niveas azas
O anjo guardador desprende, e foge
Para o ceo d'onde veio, e a triste nova
Leva ao pastor d'uma perdida ovelha.

Perdida! — Sim: á torpe voz do mouro
Ás impuras palavras — Branca, a filha
Dos reis da terra, e do celeste esposa,
Branca — surriu, corou — e a surrir volve.
O atrevido imprimiu osculo ardente
Na mão de neve, que se entrega ao bejo,
E — vergonha fatal de ceos e terra! —
Parece no contacto envenenado
Estremecer-lhe co'a impressão lasciva,
E no deleite infando entorpecer-lhe
Alma, sentidos, coração, e a — honra!
— Tal em cheiroso banho aspide amigo
Voluptuoso suicida applica ás veias;
Tal perde a vida em languido lethargo,
Que, não transe de morte, mas tranquillo
Adormecer de vida, e socegado
Antes dirás repoiso da existencia.

XX.

Um brado o mouro deu: os seus o intendem,
Partem. — Voae, voae, correi ligeiros
Co'a rica joia que levais roubada;

Correi, que atrás de vós vingança corre.
De exterminio e de morte vejo armadas
Lusas phalanges, denodadas hostes....
— Oh! defende-os, amor; pune-os, virtude.
E que merecem elles? — O castigo.
Mas castigar amor! — O ceo tem raios,
E a crime tal nunca os mandou á terra.

Dona Branca.

CANTO TERCEIRO.

I.

Que monta a razão frígida, e o pesado
Cálculo de medidos pensamentos
Pela bitola compassada, estreita
D'essa philosophia austera e sêcca,
Seva tyranna d'alma que em tam brando
Sonho nos accordou de illusões doces?
Phantasias embora, — mas tam lindas,
Tam deleitosas! mas reaes prazeres,
Bens, verdadeiros bens, que os nós gosavamos,
E satisfeitos de sonhar dormiamos.

— Despertos que encontrámos! Nossos olhos,
Descerrados a luz, que vem, que acharam?

II.

— Triste realidade da existencia,
Esqueleto da vida descarnado,
Que és tu sem as ficções que a embellezavam?
Ficaste como a varzea requeimada
Do ardor do muito sol, sem flor, sem relva,
Arida, feia. Mas o sol é vida,
É a luz creadora do universo.
Sim; mas nem tanta luz que cegue os olhos,
Nem tanto sol que nos deseque o prado.
— Razão, que és d'alma o sol, gyra em nossa alma,
Dá-nos dia e clarão ao pensamento;
Mas de teu carro a ardidos Phaetontes
Nas inexpertas mãos não ponhas redeas:
Tocha que foi de luz, será d'incêndio
Faxo terrivel; — e o calor de vida
Labareda vulcanica de morte.

III.

Oh! magas illusões, oh! contos lindos,
Que ás longas noutes de comprido hinverno
Nossos avós felizes entretinheis
Aopé do amigo lar, e ao crebro estallo
Da saltante castanha, e appetitoso
Cheiro do grosso lombo, que volvendo
Pinga e rechia sôbre a braza viva!...
Pimponices de andantes cavalleiros
Capazes de brigar c'o mundo em pêso,
Malandrinices de Merlin barbudo,
Travessuras de lepidos duendes,
E vós, fermosas mouras incantadas,
Na noute de san' João aopé da fonte
Aureas tranças com pentes d'ouro fino
Descuidadas penteando, — em quanto o orvalho
Nas esparsas madeixas rociando,
Os lucidos anneis de perlas touca....
Oh! magas illusões, porque não posso
Crer-vos eu co'a fe viva d'outra idade,
Em que de boca aberta e sem respiro,

Sem pestanejo um so, de olhos e orelhas
No *Castello* escutava a boa Brigida*
Suas longas historias recontando
D' almas brancas trepadas per figueiras,
D'expertas bruxas de unto besuntadas
Ja pelas chemines fazendo vispere,
Ja indo, ás duzias, em casquinha d'ovo
A India de passeio n'uma noute;
E ai! se o gallo cantou, que á fatal hora
Incantos quebram, e o podèr lh' acaba.

IV.

Não gósto de Irminsulfs, nem de Theutates,
Nem das outras theogonicas prosapias
De runica ascendencia. As alvas barbas
Do padre Ossian (Macpherson foi seu nome)
Tam prezadas do douto Cesarotti,
Tam favoritas do Alexandre corso,
Não me incantam a mim, não me embellecam,

* Pequena quinta que foi da minha casa, na qual passei os primeiros annos da infancia, e ouvia as historias da boa Brigida, velha creada que tinha todo o geito e traça de bruxa, e era chronista mor de feitiços e milagres.

Como aos outros cantores alamoda,
Que a nossos doces climas transplantaram
Esses gelos do norte, esses brilhantes
Caramellos dos topes das montanhas:
Do sol do meiodia aos raios vivos,
Parvos! — se lhes derretem; a brancura
Perdem co'a nitidez, e se convertem
De lucidos crystaes, em agua chilra.

V.

Em beldades varia a natureza
Pelos paizes do orbe; vária a siga
Em suas fórmas gentis a arte que a imita.
Ves essa dama de douradas tranças
Nas sempre verdes, arrelvadas margens
Do frígido Thamisa passeiando?
Ves? na mimosa face alva de neve
Transparecem-lhe as rosas; um suspiro
Concentrado no íntimo do peito
Lhe anceia o coração: talvez a morte
Lhe cerceou dos gosos da existencia
A amizade, ou amor n'um caro objecto.

Magoada, mas sem lagrymas, — afflicta,
Mas sem as convulsões que a dor expressam
No desespêro, no delirio d'alma,
Que só tuas praias vêem, teus bosques ouvem,
Vecejante Pamyso, Tejo aurifero,
Manso Guadalquibir, e flavo Tybre.
Ve-la? seus olhos côr do ceo resplendem,
Mas como o ceo resplende annuviado
De vapor leve e raro. — Essa belleza,
Essa dor, esses campos, todo o quadro
Harmonizam co'a propria natureza.
Mas dá que inhabil mão teu painel pinte,
Que olhos negros, vivazes, scintillantes
Á formosura austral dotasse ignaro;
Que n'esses labios, onde treme a furto
Suffocado soluço, lhe debuxe
Desafogada a dor em pranto acerbo,
Gemidos agudissimos, suspiros,
Que vão ferir o ceo com agras queixas;
Que essas tranças tam lindas, que são d'ouro,
Sem arte não, mas com singelo allinho
N'alva frente enastradas, lh'as tingisse

Da côr que poz a noute nos ondados
Cabellos das donzellas portuguezas,
E em feições que debuxam pouco d'alma,
(Que a alma n'esses paizes regelados
Toda no coração, não vem ás faces.)
Expressasse, com arte monstruosa,
As paixões, cujo incêndio em nossos climas
É labareda que scintilla, estalla,
E em chamma abrazadora aos ceos se eleva,
Mas nas regiões do norte é fogo lento,
Que amortecido á vista, arde e consumme.
Não chammeja, não brilha, mas intenso,
Occulto lavra, e no intimo devora!
— A este meu quadro, *credite Pisones*,
Semelha a parte maxima dos quadros
Que assoalham por hi trovistas mores
N'essa feira da ladra de consoantes,
Que não encaixam cavallar pescosso
Em humana cabeça, mas caveira
Burrical orelhuda em corpo d'homem.

VI.

E eu em críticas, eu poeta humilde,
Cujo ignorado nome á sombra dorme
Do nada protector, a que me abrigo,
Que não tenho, não quero, não procuro
Nem Mecenas, a quem dedicar odes,
Nem Augustos, de quem *pechinchar* tenças,
A dar preceitos eu! — Perdão vos peço,
Laureados habitantes d'esse monte,
Onde c'o vosso Pegaso, irmão d'armas
(Armas terriveis, que jogais tam mestres!)
Pela divina relva andais pastando,
E á sacra fonte ides beber com elle,
Perdoae-me, que eu volto ao meu assumpto,
E a cavallos e a vós, e á mais companha
Quadrupedante deixo em paz no Pindo;
Em paz — e ás moscas — que assim vai o mundo.

VII.

Vivam as fadas, seus incantos vivam!
Nossas lindas ficções, nossa ingenhosa

Mythologia nacional e propria
Tome em fim o logar que lh'usurparam
Na lusitana antiga poesia
De suas vivas feições, de sua ingenua
Natural formosura despojada
Por gregos deuses, por espectros druídicos,
E com postiças, emprestadas galas
Arreada sem primor, rica sem arte.
— Qual a innocente virgem das florestas,
Que as lindas tranças de grinalda simples
Da musqueta selvagem adornava,
Bella, tam bella como a luz que nasce
Alva no arraiar d'um puro dia
Do flóreo Abril; se habitador ocioso
De corrupta cidade em tal brancura
De singeleza poz nódoa de vicio,
E maculou c'o halito pestifero
Esse lirio que foi glória do prado;
Então brocados, então pannos d'ouro,
Bordadas telas, cortezãos donnaires
Polo perdido ornato da innocencia
Se esforçam — preço vil! — de lh'os dar novos.

Mas ah! sob essa pompa os não affeitos
Membros definham, e nas faces pallidas
Arrebique impostor não suppre a rosa,
Nem os diamantes, que na frente brilham,
Emprestam luz aos olhos 'mortecidos.

VIII.

Mas se ha paiz, se ha clima onde pareçam
As illusões de nossa prisca idade
Reaes nascer da propria natureza,
E co'a verdade unir-se tam estreitas,
Que as não distinguirás;—teus verdes bosques,
Teus palmares, teus aridos desertos,
Tuas rocas ermas, tuas sos areias,
Áquem, além de varzeas que vecejam,
De chrystallinas aguas marchetadas,
Ardente Algarve o são: tu não cantado
Téqui de nossos vates, em meus versos
Não insensiveis ás bellezas tuas
Verás por ti um brado erguer-se á fama.

IX.

No mar, que Europa d'Africa divide,
Entra, como a explorar o seio ás ondas,
O saxeo promontorio que de Sagres
Tem hoje nome. Na moderna historia
Dos povos do universo, porventura
Não ha hi ponto no orbe, que assim lembre
Tanto feito de glória e de heroismo;
Nem ha padrão erguido por mãos d'homens
D'alto custo e lavor, que outra recorde
Epocha tal aos seculos e idades.
D'alli Henrique aos astros perguntava
Da eternidade a estrada; e novos mundos
Novos climas e ceos lhe appareciam.
D'alli os curvos lenhos desprenderam
Primeiro voo audaz a ignotos mares.
Alli o berço foi da lusa glória:
Crêra-lo hoje sepulcral moimento
D'essa glória defuncta. Ruinas tristes,
Esbroados pardeiros — oh, vergonha! —
São as tôrres d'Henrique. Affasta os olhos,

Viandante, não vejas esse oppróbrio
Da nação, que a primeira foi no mundo
Em grandezas—outr'ora..... hoje—em miseria.

X.

Dahi se estende, ao longo pela costa,
Fertil porêm inculto, agreste plaino.
Jamais pesado boi guiou arado,
Ou conduziu charrua egua ligeira
Per tam bravia terra; inteira crêras
Guarda da creação a virgindade.
Mas seu aspecto não arido e bruto,
Não selvagem parece. Alli não mora
Cardo lanoso, çarças espinhosas;
Nem coroada de abrolhos eriçados,
Como em dominio seu, sôbre a calcada,
Amarellenta relva se divisa
Sêcca Esterilidade passeiando.
De viço e fresquidão verdeja o prado,
E aqui, alli tufados ramilhetes
Do recendente amargo rosmarinho,
Do alecrim floreo-azul seu doce aroma

Com a brisa do mar na terra exhalam.
Formosos pães cobertos de verdura,
Outeiros de palmeiras coroados,
Montes ao longe; alvos areaes a um lado,
Onde o próvido insecto auxiliando
Trabalhos d'arte e fôrças da natura,
A sacarina flor no botão pica,
E ás carregadas árvores augmenta
O dulcissimo pêso. — La n'um alto,
Entre árvores espessas e copadas,
Entre gigantes palmas, — dobradiças
Olaias que os floridos ramos curvam
Descahidos, qual dama delicada
Os lindos braços n'um desmaio languido
De mimosa descai —; roxos sycomoros,
E a larangeira que matiza os pomos
D'ouro co'a argentea flor: entre este luxo
De vecejo e fragrancia, — meio vista,
Meio encuberta da ramagem spessa,
Maravilhosa fábrica se erguia
De palacio, onde quanto o rico Oriente
Tem de pedras e brilho resplandece.

XI.

Ligeira e leve é a fórma : quasi aerio
Paço o crêras de fada enamorada,
Que o ergueu com palavras mysteriosas
N'uma escondida nuvem, para estancia
De gentil cavalleiro que ha roubado
A amores de princezas. — C'um surriso
Desdenhoso observára a architectura
D'esse estranho edificio, o allumno rigido
Da antiguidade classica : nem jonio
Nem dorio, nem italico, nem mixto;
De nenhuma ordem é : menos lhe víras
Os gothicos florões, os recortados,
E o grave da saxonica rudeza.
Não lhe descubriria o proprio Volney
Caldeu vestigio ou nubyco rastejo :
Nem tu, famoso Jonnes, conseguíras
De lhe dar scientifico interêsse
Por indico, indostan, mogol, ou persico.
Nada d'isso é, e todavia é bello,
Em que lhe pez a sabios, mestres d'arte,

Doutores, antiquarios, dilettanti,
Virtuosi, amateurs e professores.
— Disputa sine fine travariam
Sôbre elle as duas bellicas phalanges
Que ora na arena litteraria pugnam,
E aos grasnantes jornaes dão thema eterno,
Para encher as politicas lacunas.
Ja se ve que de *classicos*, *romanticos* —
Guelphos das lettras, gibelinos d'artes —
Fallar intendo : paz seja com elles,
Assim como c'os outros disputantes
D'este disputativo por essencia,
Inquieto mundo, aonde todos ralham
E ninguem tem razão. — Eu por mim deixo
Jogar as cristas a essa gente toda.
Para mim so desejo a paz d'espirito,
A consciencia limpa, e as frugaes sopas
Ganhas com suor honrado. Ésta ventura
Góso eu, mercê de Deus, pezar de ingratos....

XII.

E a minha historia, e o meu lindo palacio?
Maldictas reflexões! — Tórno ao meu conto;
E quem quizer achar a margarita,
Como o pinto da fabula esgravate.
— Era pois o tal paço o mais formoso
Que se viu nunca; em pedras preciosas
Todo encravado, todo reluzente
D'ouro e diamantes. — Unica uma grade
Tambem de ouro macisso as portas fecha
Do paço e dos jardins: velam á entrada
Dous enormes leões, que noute e dia
Solicitos a guardam, nem se affoita
Mortal nenhum ao limiar terrivel.
Certo é porêm que ás vezes fatigados
Os leões adormecem: — mas quem sabe
Quando elles dormem? — Muitos outro tempo,
Vendo-os d'olhos fechados, se atreveram
A entrar a porta, e devorados foram
Pelas terriveis feras, que dormidas
N'esse instante suppunham. Incantado

É este paço; e os leões de incanto
Os olhos, quando dormem, arregalam.

XIII.

Quem o soubera! — Um so n'aquelles tempos
Sabia este segredo incantadiço;
Do Algarve d'áquem mar era o rei joven,
O bello Aben-Afan. Rumor havia
Entre o povo que um dia andando á caça,
Co' esses formosos paços deparára,
E ou fosse acaso, ou certo conhecesse
Quando os leões dormiam, penetrára
Sem p'rigo algum pelos jardins defesos,
E de condicção que é, ousado, e amigo
De aventuras correr, entrára ardido
No palacio e nas salas marchetadas,
Que dizem todos ser de pedras finas
E brilhantes recamos d'ouro e seda.
Do que elle la passou ninguem o sabe
Mas sabe-se porêm que sette dias
E sette noutes demorou nos paços,

E ao septimo volveu triste e pensoso,
Pallido, melancholico, fallando
Amiude so. — Por vezes, quando em sonhos,
Ou quando solitario passeiando
Do alcaçar nos eirados, alta noute,
Ou no alvor da manhan, ignotos nomes
Murmura estremecendo, e ora em batalhas,
Ora em reinos, victorias e conquistas
Discorre, e com o alfange denudado
Meio mundo ameaça; ora affinando
O mourisco alaúde, em saudosos
Requebros, namoradas queixas sólta,
Com que parece dar allívio a mágoas
Que em segredo no íntimo o devoram.

XIV.

Desde então o terrivel inimigo
Dos Portuguezes, hoje em guerra viva
A fogo, ferro e sangue os segue e accossa,
Entra per suas terras, leva a morte,
O pranto e a confusão por toda a parte;
E, sem causa ámanhan subitamente

Quasi ao vencido imigo a paz implora,
E em ocio vergonhoso inteiras luas
Passa, como embebido nas aerias,
Vagas ideias que lhe agitam alma.

XV.

Quasi vai a fechar segunda Egyra
O circulo lunar, desde que o mestre
De Sanctiago, ousado cavalleiro,
E o mais valente portuguez que a espada
Jamais cruzou c'o mahometano alfange,
Pelas terras do Algarve se affoitára
Em correrias com seus nobres freires:
Ja em Cacella, preço offerecido
Por Estombar e Alvor antes ganhadas,
Os pendões da conquista tremolavam;
E Aben-Afan com pouca resistencia
Indifferente os ve tallar seus campos,
Tomar suas villas, e arvorar a roxa
Cruz da espada nas tôrres e castellos,
Que de seu preito são. A guerra trava

A mais e mais com furia entre os de Christo
E o mussulmano; mas o rei mancebo
Da antiga Sylves no dourado alcaçar
So, pensativo tristes dias passa.

XVI.

É noute, é noute escura, e o ceo tam negro,
Que nem estrella tem. Abre-te, porta,
Porta de Azoia, ao teu senhor. Seguido
Ei-lo vai de seus fortes cavalleiros,
Os mais fieis e os mais intimos d'elle,
Costumados, da infancia, a accompanhá-lo
Em suas aventuras. Onde, aonde,
Rei do Algarve, onde vas assim montado
No teu corcel querido, cujas pretas
Clinas se entrançam com listões de purpura?
Onde assim vas de teus fieis cercado,
E a taes deshoras? — Surpr'ender o inimigo
Em cilada ardilosa? — a dar soccorro
A sitiado castello mal defeso,
Ou de violento golpe entrar nas tendas

Dos christãos, e acabar co'a raça impia
Dos jurados imigos do Crescente?
— Quem sabe aonde! — Veo impenetravel
Do mysterioso principe os designios
Encobre a todos. — Ja correu metade
A lua de seu gyro, e ninguem sabe
De Aben-Afan. — Mas contra os portuguezes
Não foi elle, que as luas mahometanas,
Diante a roxa espada vacillando
De Sanctiago, seu fulgor perderam;
Eo mestre, da victoria precedido
Ja de Tavira ás portas se apresenta.

XVII.

Mas que phalange é essa de guerreiros
Que vão, longo do mar, nos corceis férvidos
Correndo á brida sôlta? — Um que se eleva
Sôbre os outros — qual se ergue no deserto
A palmeira coroada sôbre a grama
Que á raiz se lhe acoita, — e que montado
N'um formoso andaluz da côr da noute

A comitiva bellica precede;
Quem é elle? — Quem é essa beldade,
Que d'arção leva e que sustem nos braços?
Onde a conduz, e donde a traz roubada?
Roubada a traz! — Mas no formoso gesto
Da bella não se pinta o desespêro
Cruel da dor: sua nivea frente ingenua
Poisa no seio do gentil guerreiro,
E seus olhos do puro azul da esphera
Volve de quando em quando aos olhos negros
Do que a leva nos braços. Não afflicto,
Não é convulso o olhar, mas triste e languido:
Porêm, se amor ou mágoa lh'o embrandece,
Quem poderá saber. — Suas longas vestes
Alvas de neve, sua touca airosa
Como de christan virgem dedicada
Aos altares, parecem. — Mas na frente
Dos que a levam resplende a maura lua
No enroscado turbante!.... — Ja do outeiro,
Onde o brilhante paço se divisa,
A costa sobem; á dourada grade
Se approximam: abriu-se per si mesma,

Como incantada que é; e os leões fulvos
A juba sacudindo, franca entrada
Ao guerreiro gentil e á bella deixam;
Mas quando os outros ao lumiar vedado
Ousam de se affoitar, — as portas fecham-se
Com terrivel fragor, os leões rugem,
E os corceis espantados, eriçando
De horror as crinas, voltam, e sem freio,
Sem govêrno, com furia partem, voam,
E em pulverosa nuvem desparecem.

XVIII.

Agora occulta mão tomou as redeas
Do fermoso ginete, e o leva ás fartas
Cavalharices, que reluzem d'ouro,
E são mais ricas do que salas régias
Em paços de monarchas opulentos.
Agora dando a mão á bella dama
O cavalleiro sobe os degraus lucidos,
Escadas de diamante que juncavam
Mais lindas flores do que a linda rosa,
Mais fragantes que o oleo precioso

Dos vergeis do Thibet. Agora entrando
Por galeria longa, taes prodigios,
Taes maravilhas que seus olhos viram,
Não ousarão meus versos descrevê-las.
Mas ao cabo, de solido carbunc'lo
Fechada porta jaz; le-se em arabigo
No lumiar da porta este lettreiro.

AO REI SEM REINO,
E Á ESPOSA SEM MARIDO.
ABEN-AFAN! AQUI JAZ O TEU FADO:
PENSA!—PENSA OUTRA VEZ ANTES DE ENTRARES.

Ferem os olhos do guerreiro as lettras
Fatidicas; e a mão, que ora apertava
A delicada mão da linda dama,
Largou-a, e frouxa cai: mudo e co' rosto
No chão, parece meditar profundo,
Em penosas ideas concentrado.

XIX.

« Sim, resolvi » — clamou, e a mão da bella
De novo toma, ao coração a leva.

E—« Resolvi »—clamou :—« perca-se tudo.
Oh! tudo, tudo — e seja Branca minha! »
— Abre-se a porta, e o joven par é dentro.

Dona Branca.

CANTO QUARTO.

I.

Forravam ricas sedas o apposento;
No avelludado, persico tapete
Brando deslisa o pé; cassoulas de oiro
Exhallam os arabicos perfumes;
Em vasos transparentes d'alabastro
Vecejam raras, matizadas flores.
— Tibia luz, temperada para amantes
Frouxa allumia; e dá realce ao incanto
De tam mago deleite que hi respira.
Como um throno d'amor jazia ao lado
Fofo sophá, que a placido repoiso

(Se não a doce agitação) convida.
Entrava n'ésta estancia o cavalleiro
Com a formosa dama : elle inflammado
De quanto amor, quanto desejo accende
O deus dos corações em jovens peitos;
Ella — como levada de um feitiço,
A que não póde resistir, não sabe.

II.

Convidava o sophá, insta a fadiga,
E e bella reclinou-se; — não deitada,
Não assentada, mas n'essa indizivel
E dubia posição que toda é graças,
Desalinho, requêbro, enlêvo d'olhos,
E talisman de lubricos suspiros.
Oh! suspirar, suspira o cavalleiro;
Que a seus pés jaz, que as niveas mãos lhe apperta,
E que lh'as beja com ardentes labios,
Por onde alma em delirio se evapora.
Ella tambem — ella tambem suspira,
E nos olhos azues alveja a lagryma
Precursora do languido deliquio,

Em que adormece a virgindade, — e expira,
Como expira innocente passarinho
N'aza escondendo a languida cabeça.
Dos olhos do mancebo fuzilava
O raio do prazer; vivas faíscas
Saltavam a ateiar a chamma ardente
No altar, que ao sacrificio se prepara.

III.

Os vestidos da bella são grosseira
Estamenha, e o toucado um so veo liso:
Mas que diamantes, mas que telas d'ouro
Tranças tam lindas, corpo tam formoso
Encubriram jamais? — Uma cruz pende-lhe
Entre o seio, que trémulo palpita.....
Uma cruz! — oh sacrilega beldade,
Não vejo eu reluzir mourisca lua
No turbante que involve abaça frente
De teu cego amador? — Mas, ai fraqueza
Fatal de nossos miseros sentidos,
Que não ve mais que amor quem amor sente!

IV.

Não fallavam os dous, não; as palavras
Das linguagens dos homens são mesquinhas,
São pobres de expressões, quando alma inteira
Rompe do coração e accode aos labios.
Não fallavam, mas diz tudo o silencio,
Diz mais que as fallas; mudos se percebem,
Mudos se intendem, mudos se respondem,
Nem tem mor eloquencia a natureza,
Que a mudez, que o silencio dos amantes.

V.

Porêm rompeu-se alfim: uma voz doce,
Languida como a frente da papoula
Que pende o ardor do sol, meiga e suave
Como o sussuro da aura matutina
Entre as flores do orvalho rociadas,
Uma voz disse: — « Oh! tem de mim peidade,
Oh! não abuses da fraqueza minha.
Sei que te amo, conheço que impossivel

Me é não te amar; mas meu amor é crime,
Mas ésta cruz... »—E a cruz chegou aos labios,
E os labios não ousaram a bejá-la.
« Oh! se aomenos sequer tu a adoráras,
Se convertido á fe, comigo eterna
Penitencia fizesses d'este crime,
Que ambos, ai de mim!—ambos commettemos:
Oh! não podéra ser crime tammanho
O que ganhasse uma alma como a tua
Para a fe verdadeira. »
Um ai profundo
Do mais íntimo peito lhe responde,
E éstas vozes o seguem:
« Que disseste,
Oh! filha dos christãos, que me has proposto!
Eu que tudo perdi para alcançar-te,
Que abandonei por ti quanto homens prezam,
Quanto por valioso tem o mundo!
Inda exiges de mim mais sacrificios!
Desertar do meu culto e meus altares.
Renegar do meu Deus! »
— « Teu Deus é falso.

— « Falso o meu Deus !.... E o teu é verdadeiro !
Quantos deuses ha pois na natureza ?
Eu adoro o que fez este universo,
O que nos ares suspendeu magnifico
Esses orbes de luz que nos acclaram,
Que provê nas areias do deserto
De orvalho ao sequioso viandante,
Que tanto accende o sol, derrama a chuva
Para os cedros que se erguem sôbre o Libano.
Como para a rasteira, humilde grama
Que vejeta nos plainos arenosos :
O Deus que me creou, que no teu rosto
Poz o traslado da belleza etherea,
Este, — este é o meu Deus ; e falso é elle ? »

VI.

Os theologos sabem mil respostas,
Para sophismas taes ; porêm aos olhos
Do ignorante são verdades puras
Que sua pobre fe debil não ousa,
Nem sabe combater* : callou se a bella,

* Veja nota a este verso, no fim.

Mas suspirou, e com profunda mágoa
Lhe pende o gesto sôbre o niveo seio,
E nas formosas mãos formoso o esconde.
As lagrymas, que os olhos lhe arrasavam,
Per entre os roseos dedos deslizando,
A gotta e gotta cahem no regaço;
E debulhada em pranto assim parece
Alvo lirio do prado, em cujo caliz
Chorou a aurora ao despontar do dia.

VII.

— « Oh! como te amei eu? Como ha nascido
Este amor no meu seio? Separados
Por um abysmo, que entre nós cavaram
Todas do ceo e terra as potestades,
Quem nos uniu assim, que fôrça?..... »
— « A minha »
Disse uma voz solemne e retumbante.
Que estremeceu nos timidos ouvidos
Da donzella christan, como estremece
O som do bronze conductor da morte
Na orelha do pastor que o seu rebanho

Pasce longe do campo das batalhas,
E acorda ao estampido inesperado,
Que os echos das montanhas lhe repetem.
— « Uniu-vos meu podêr : » — a voz dizia :
« A quem submissos os destinos cedem ;
E obedece a propria natureza. »

VIII.

Mais vivo aroma os vasos recenderam,
Animou-se nas flores côr mais bella,
E uma longinqua musica suave
Se ouviu com harmonias tam aéreas,
Tam doces e arrobadas de deleite,
Que aos dous amantes alma se estendia
Á larga pelo peito de escutá-la.
Approximou-se pouco e pouco a magica
Melodia suavissima : uma nuvem
Se condensou opaca no apposento ;
A musica cessou, tudo é silencio,
Mas breve estes sonoros hymnos se ouvem
Ao saúdoso som d'accordes harpas.

I.

Desabrocha, alva flor, linda murta,
Desabrocha, que amor te bafeja:
Ja tua folha lustrosa veceja,
Ja vermelhos botões véem a abrir.
Mas no louro, onde o sangue negreja,
Salpicado dos golpes da espada,
Seque a folha, definhe esmyrrada:
Foi a glória vencida d'amor.

II.

Filha, filha do sangue real,
Real é teu amante; não chores.
Rosa Branca, flor de Portugal,
Brilha, brilha do Algarve entre as flores.
Apressae-vos, que o tempo não poisa,
Foge a vida nas azas do vento,
Chega a morte, descai fria loisa;
Tudo acaba no triste moimento.

III.

Bem fadada, mal fadada
O mancebo e a donzella!

Emque peze a Sanctiago,
Sanctiago de Compostella.
Fugir do dia aziago,
E do frade do condão,
E mais fugir dos orvalhos
Da noute de san' João:
Que se quebra o incantamento
Ao pino da meia noute;
Ao cantar do gallo preto
Se acaba o contentamento.
Bem fadada mal fadada
O mancebo e a donzella,
Emque peze a Sanctiago
Sanctiago de Compostella!

IX.

Ás derradeiras notas d'este canto
Se adelgaçava pouco e pouco a nuvem,
Té que rara de todo se dissolve,
E um resplendor de luz na estancia brilha.
Que mais que humana cousa se amostrava.
Alados genios e ligeiras fadas

Abrem cortejo em dansa compassada
A uma, que parece alta raínha
De todo o imperio do ar. Tunica longa
De transparente azul-celeste involve
Mal recatadas fórmas, que revela
Em parte; e quanto ha bello no universo
É menos bello que essas magas fórmas.
Alvo de neve um cinto dá realce
Ao torneio do corpo e á côr da veste.
Sua estatura mais que humana se ergue
Em gentil proporção; fôra excessiva
Em beldades da terra, mas augmenta
O sobrenatural d'essa beldade,
Que de mais altas regiões descende.
Flexivel, curta vara tem na dextra,
E um simples diadema d'alvas perlas,
Lhe c'roa a frente. O rosto — oh! quem lh'o ha visto?
Nenhum ôlho mortal: um veo espesso,
Um veo, que não ergueu mão de homem vivo,
Nem erguerá jamais, lhe cobre o rosto.

X.

Era Alida, a formosa fada Alida,
A rainha dos genios, e a senhora
D'esses paços magnificos. — N'um extasi
De pasmo e admiração era a donzella.
E a fada assim fallou.

— « Tudo perdeste,
Filho de Agar; — na terra tudo, tudo:
Mas, se te basta amor, um ceo te fica.
Desde o dia em que puz na tua escolha
As venturas d'amor e as da fortuna,
Tua livre eleição tenho aguardado,
E fiel á promessa que te hei feito
A cumprirei á risca. — *Rei do Algarve,*
— Te disse eu, quando a este meu palacio
Te conduziu o fado — *tu procuras*
A ventura na terra: eu t'a prometto;
Mas tem limites meu podér na sorte;
E forçoso escolher. No orbe que habitas,
Felicidade inteira os fados negam.
Toma estes dous ramos incantados

Com magicas palavras, guarda-os sempre;
N'elles de teu futuro puz a sorte
E ora t'os dou, e em tuas mãos a ponho.
De louro é um, colhido á luz escassa
Do crepusculo pallido da noute
Co'a mão direita, e salpicado n'arvore
De sangue d'homem morto na batalha.
De murta é outro, ao pino da meia noute
Em dia de san' João ao luar colhido,
Rociado d'orvalhos, de formosas
Lagrymas de donzellas borrifado
Tres vezes tres, com tres suspiros d'alma
Em cadauma das tres. — Abotoados
Ambos estão, e em viço; mas as flores
So as verás desabrochar n'um delles,
Quando no outro esmyrrado e resequido
Folha e botão cahir. Volve a estes paços
Então, que o teu destino está cumprido,
E o incanto quebrado. — « Assim t'o eu disse,
Filho de Agar. Voltaste pois : os ramos
Do teu fado onde estão? qual d'elles sêcco,

Qual florido me trazes? »

De seu peito

Tira dous ramos o gentil mancebo,

E c'um gesto de alegre sobresalto,

« Florece a murta »—diz—« e Branca é minha. »

XI.

A fada lhe tornou : « Florece a murta,

Florece a murta, sim, e Branca é tua;

Mas sécca o louro, e a tua glória é extincta :

O teu throno cahiu, cessou teu reino,

A tua raça é proscripta; os teus altares

Fulmina o raio — Vence um deus estranho,

Vence o Deus dos Christãos, e Allá succumbe. »

Emmudeceu a fada; o rosto bello

Do principe destinge esmorecido

Descor'çoamento, — apos vergonha o cora;

E em variada sezão sua alma anceia.

XII.

Ia na formosa e candida donzella,

Que estatica ésta scena contemplava,

Os olhos crava, e todo o amor do peito
N'essa vista se espande, se dilata,
E a agitação do espirito lhe acalma.
— « Eia pois escolhi (clamou, e toma
A mão da virgem) « o meu fado é este,
Ésta a minha ventura, a minha glória.
Oh! n'este coração reine eu somente,
E o throno dos Caliphas não invejo,
Nem o sceptro d'Omar. N'aquelle peito
Impere eu so, e o imperio do universo
Disputem entre si os reis da terra. »

A FADA.

« Reinas, imperas; Branca é tua, adora-te:
Eu no seu coração puz tua imagem,
E a teus olhos rendi seu virgem peito
No momento em que a viste. Branca é tua;
E so a perderás, se hallucinado,
Teu florecido ramo abandonares,
E o deixares seccar. — Então, não póde
Guardar-t'a o meu podêr. O incanto é este;
E o incanto que eu fiz quebrar não posso.

— Filha do rei christão, este é teu paço:
Eu vo-lo cedo, amantes venturosos.
Nenhum ôlho mortal póde este alcacer
D'ora avante avistar, nem homem póde
Vivo na terra penetrar seus muros.
De nada receeis; gosae tranquillos
As delicias d'amor. O vosso minimo
Desejo, no momento em que o formardes,
Vereis cumprido: dae redeas folgadas
Á imaginação; riquezas, festas,
Adornos e manjares — quanto encobrem
As entranhas da terra, quanto as aguas
Teem no fundo dos máres sepultado,
Tudo ante vós será no proprio instante
Que o desejardes. Porêm ai! se o ramo
Da murta definhar.... ai! se o desejo
Te pede ver florído o sêcco louro!
Oh! ai de ti, filho de Agar: não póde
Valer-te o meu condão. » — N'éstas palavras
Fez leve aceno co'a varinha; e subito
A formosa visão desapparece.

XIII.

Ficaram sos os dous amantes. Cheia
De espanto ainda e admiração, olhava
Para o seu roubador a linda Branca
Com olhos onde toda se lhe pinta
A confusão do espirito. — « Explica-me
(Lhe disse alfim) explica-me este enigma,
Ésta visão, e os mysteriosos dictos
Da fada, e as prophecias que te ha feito
De teu perdido reino. Por que modo
Me conhecêste, como — e este mysterio
Por mais occulto o tenho — como pôde
Assim meu coração ao teu render-se?
Como entre nossas almas, que nascidas
Foram para odiar-se e aborrecer-se,
Tam doce amor travou, tam fortes laços? »

XIV.

Ao dizer isto, os olhos derretia
Da namorada virgem o deliquio
De apaixonado amor : a mão de neve

Sôbre a querida mão poisou do amado.
Languidamente a face lhe pendia
Para o seio agitado, e um suspiro
Sussurrou desmaiado á flor dos labios;
— Como quando nas aguas chrystallinas
A viração da tarde branda encrespa
A lisa superficie. — Não cabia
No peito a Aben-Afan tam grossa enchente
De delicia, de gôso: accumulado
No coração tanto prazer dobrava-lhe
As pulsações incertas e appressadas.
Da formosa christan tomou nas suas
As delicadas mãos, e convulsivo
Lh'as aperta; acres bejos as devoram,
Voam das mãos ás faces, — e das faces
Descem — ao seio não, que á virgem bella
Do lubrico desmaio acorda o pejo,
E ao atrevido mouro não consente
O veo tenaz erguer d'esse fechado
Sacrario de pudor e formosura.

XV.

Cedeu o amante aos rogos da modestia :
E é tam grato ceder quando a certeza
Da victoria de perto nos acena!
Cedeu : poucos momentos, que retardam
O gôso do prazer, mais vivo o tornam.
— Contou-lhe então como perdido um dia
Na caça deparára co' estes paços
Da fada Alida, e entrára, sem que ousassem
Oppor-se-lhe os leões que á porta os guardam.
Que os jardins incantados discorrêra,
Vira o brilhante alcacer, e admirando
Uma por uma tantas maravilhas
Longo tempo estivera, té que a fada
Lhe apparecêra tal como hoje a vira,
E os dous mysticos ramos lhe entregára,
Onde encerrado estava o seu destino.

XVI.

« Entrei (disse elle) entrei cheio d'esp'rança
Pela vida, que alegre se me abria

Diante de mim, como horisonte puro
Sem nuvens, sem negrume : embreve ao throno
Subi de meus passados; e o diadema
Tam pesado! — na frente descuidosa
Não me avexava, que minha alma, livre
De paixões, se espraiava toda ao largo
Pelo mar da existencia não picado
Das tempestades que no peito humano
Alevantam desejos, pensamentos,
Cubiças, ambições. Os meus fadados
Ramos todos os dias contemplava,
E verdes sempre, mas sem flor, os via.
Começou a enfadar-me ésta incerteza,
Este vago tardar de meu destino;
E solitario, so no meu retiro
Dias, noutes passei, luas inteiras,
Suspirando sem causa de tristeza,
Melancholico, e quasi aborrecido
Da vida, que tam cheia de prazeres
Se me antolhava, e que ora tam insipida
Me appareceu. Travaram n'isto as guerras
Entre os christãos e os meus : nossas fronteiras

Pacíficas télli entrou o mestre
De Sanctiago; e horrido theatro
Se fizeram de guerra sanguinaria,
Que não desaffiámos. Sois vós outros,
Portuguezes, imigos do descanço
E delicias da paz, viveis no fogo
Ardente das batalhas, como vive
No fogo a salamandra. Acudi presto
Ao reclamo da guerra; e o meu alfange,
Sabem-no os teus se corta per arnezes
De christãos cavalleiros. Duvidosa
Vacillou a fortuna entre o estandarte
Da roxa cruz, e entre as douradas Luas.
Dom Payo que assolára nossos campos,
Entrára nossas villas precedido
Da victoria, parou sua marcha rapida,
E tropeçou na estrada da conquista,
Que tam facil e plana se lhe abríra.
C'o exemplo de seu rei cobraram ânimo
Os povos; e a antigua independencia
O Algarve sustentou. De nossas terras
Rechassado o inimigo, me occupava

Em guarnecer as praças arruinadas,
Outras edificar, e preparar-me
Contra nova invasão, que eu certa a tinha
De tam inquietos, bulliçosos animos.

XVII.

« Uma noute prostrado de fadiga
Adormeci : era ventosa a noute
De outomno; e as folhas sêccas que cahiam
Sôbre a tenda em que estava, o silvo agudo
Dos despregados ventos me embalaram
N'um somno mal tranquillo, mas pesado
De quebramento e lassidão. Dormia,
Dormia eu, mas escutava o ruído
Dos furacões, e o som da tempestade;
De meus sentidos todos so desperto
O ouvido, que velava, os reflectia
N'alma como rugir de brutas feras,
Sibyllos de dragões, huivos de tigres,
Canticos de demonios malfazejos,
De genios maus, —descompassadas vozes
De mortos resurgidos n'hora aziaga,

E em banquete de horror sôbre um sepulcro
Embriagando-se em sangue de parentes,
De amigos, — talvez filhos, que no berço
Deixaram quando a morte os tomou subito*.

XVIII.

« O coração no peito comprimido
Me anceava afflicto, e o sangue accumulado
Sôbre elle me pesava, como a barra
Do ferro sôbre o peito ao criminoso.
Não era sonho este, era um estado
Indefinivel; mas não durou muito,
Nem, a durar, lhe resistíra a vida.
Senti coar-me um balsamo suave
Pelas veias, e o sangue dilatar-se
Brandamente per ellas : sôlto e livre
O coração senti; e a phantasia
Se descubriu da cerração medonha
Que a ennegrecia. — Leves, leves fórmas
Diaphanas, ligeiras como os ares;

* Allusão aos vampyros. Veja-se nota a este verso, no fim.

Me gyravam n'um quadro transparente
De incerta côr, mas bello, mas tam mago,
Tam delicioso como fresca aurora
Per estiva manhan. Vagas e froixas
As fórmas eram; logo mais sensiveis
Se relevaram, — pouco e pouco augmentam;
E um paraizo, um ceo d'ante mim era.

XIX.

« Oh! como descrever-t'o! Um ceo de glória,
Um tranparente azul, de estrellas bellas
Marchetado, — mil anjos de azas brancas
De strella em strella alegres revoavam,
Lirios de alvura candida espalhando
Pelo ar embalsemado de fragrancia.
Uma virgem trajando roupas simples,
Que em pureza e candura resplendiam,
Uma virgem no meio d'este incanto
Apparecer a vi como a raínha
D'esse paraizo, como a divindade
A quem os anjos todos se humilhavam,
E sôbre quem seus lirios e boninas

Com amor jubilosos desparziam.

XX.

« Sentia-me arrobar-se-me a existencia,
E o coração voar-me, como os anjos,
Para a celeste virgem. De seu peito
Uma cruz resplendente lhe pendia,
E essa cruz.... essa cruz, como inimigo
Talisman, affastava da donzella
Meu coração que embalde forcejava
De approximar-se a tanta formosura.
Ella, a virgem uns olhos compassivos
Punha em mim, e um surriso parecia
Em seus divinos labios consolar-me,
E ao coração, que ja desanimava,
Alentá-lo d'esperanças. — Mas a fôrça
Do talisman vencia, a cruz terrivel
Dardejava faiscas rutilantes,
Como a espada de fogo que fulmina
Nas mãos do guardador do Eden defeso.

XXI.

« Eu suspirava, a angústia me opprimia,
E co'ésta agitação se dissiparam
A celeste visão, o sonho. Acórdo,
Acórdo, mas metade da existencia
Não acordou em mim; ficou no sonho
A maxima porção da minha vida;
Ficou-me o coração apos da virgem
Correndo embalde. *Embalde* (exclamo) *embalde*....
E não mais a verei! — Vinha a arraiada
Alvorecendo então no roxo oriente:
Secreta inspiração (*não sei qué* d'alma,
Que sente sem a ajuda dos sentidos,
E parece no íntimo do homem
Ser cousa alheia, ou mais que a humanidade)
Me fez pensar nos incantados ramos.
Brilhou-me d'ante os olhos a esperança,
Como um clarão de vida: corro a elles,
Observo-os.... oh! no louro resequidas
Se esmyrravam as folhas, — mas na murta
Os botões, como perolas do oriente

Em tranças de Sereias, alvejavam;
E ja n'alguns leve signal de abrirem
Se divisava: — como em curvas praias
Ao subir da mare pintadas conchas
A medo o rico esmalte descubrindo.

XXII.

« De alegria, de júbilo insensato,
O arraial despertei; tendas se levam,
Ordens á pressa dou, a Sylves tórno,
E so no meu alcaçar longo tempo
Medito, e mil projectos um sôbre outro,
A qual mais vago, a qual mais louco, formo
Sôbre o meu sonho, os ramos e o destino,
Que Alida me fadára. — Alfim um dia
Levado assim de impulso repentino
Deixo a cidade so, e confiando
Á minha estrella o dirigir-me os passos,
Redeas sólto ao cavallo, e sigo a estrada
Que elle de si tomou. Certo caminho
Foi das fronteiras, correu noute, e dia
Ás margens do Guadiana, e pelas terras

De Andaluzia entrou; a Estremadura
Castelhana atravessa: emfim chegámos
A um valle formosissimo, e assombrado
D'enzinhas altas: per ahi partiam
Os limites da Beira portugueza;
Ahi parou. O sol no extremo occaso,
Como n'um mar de luzes se affogava;
Mas no resto do ceo ja raras trevas
A estender-se começam: voz e esporas
Emprégo; — não se move o corcel fixo
No solo, qual se fôra bronzea estatua
Em pedestal de marmore encravada.
Longo tempo insisti; cerrada a noute
Era ja, — desmontei, e n'um rochedo
Vizinho me assentei: ahi na mente
A estranhez da aventura e do meu fado
Entre mil pensamentos revolvia.

XXIII.

« Mas uma luz, bruxuleando escassa
Per entre os ramos de viçoso olmedo,
Não longe descubri: certo, que humana

Habitação será. — Approximei-me
Na intenção de pedir por essa noute
Gasalhado, aguardar o desincanto
Do meu corcel, e em diversos trages,
Que a pêso d'ouro, e joias hi comprasse,
Apé seguir a incerta romaria
De meu peregrinar mysterioso.

XXIV.

« Chego; pequena ermida solitaria
Estava entre o arvorêdo : a luz sahia
Pelas fisgas da porta mal fexada.
Entrei; um sancto horror de meus sentidos
Se apoderou : — forravam toda a estancia
Ossos de homem, caveiras — brancas umas
Do tempo, outras ainda mal cubertas
A pedaços de pelle resequida,
De eriçados cabellos. Uma tumba
Negra jazia ao lado, e uma cruz tosca
No chão cravada : d'essa cruz pendia
Lampada que a luz funebre desparze
N'estes objectos funebres. Absorto

Contemplava o terrivel monumento
Dos triumphos da morte, quando um fraco
Som quasi extincto ouvi de voz cerrada
Dizer : « *Filho das trevas, tu procuras*
A claridade; acha-la-has; mas guarda-te :
Abraza a luz amiudo. »
« *Quem me falla?*
(Tornei eu) *quem aqui n'ésta gelada*
Habitação de mortos me conhece? »
— « *Um que é ja no limiar da eternidade*,
Um moribundo. Segue o teu destino,
Aben-Afan : outr'ora obedeciam-me
Os espiritos todos, e podéra
Mostrar-t'o.... — mas, é tarde; sinto a hora
Derradeira soar-me — expiro...—fexa-me
Os olhos — veste o meu burel — e entra
Nas terras portuguezas... la... » — A morte
O colheu; roucos sons balbuciou inda,
E n'um arranco l'he fugiu a vida.

XXV.

« Combatido de varios pensamentos
Passei a noute juncto do cadaver.
Mas alfim decidido, e resoluto
A correr todo o meu destino ás cegas;
Acceite-se o legado — disse eu — *vista-se*
O burel do santão, e avante, á sorte!*
C'o primeiro crepusculo da aurora
Ja, em vez de turbante, me cubria
Capuz agudo a frente. Um nome escripto
Em um papel achei no seio ao morto,
Hugo.— Lembrei-me então que n'outro tempo
A um Hugo ermitão salvára a vida,
Que agradecido grande recompensa
Pela acção generosa me fadára.

XXVI.

« As fronteiras passei; apé caminho
(De noute o meu corcel desparecêra)
Sem perguntar estrada, sem vereda

* Veja nota a este verso, no fim.

Seguir mais que a do acaso. Ajoelhavam-me
Per villas e logares que eu passava,
Os devotos aldeãos. Ao dia septimo
Juncto me fui achar, ao romper d'alva,
D'um mosteiro. Cantares entoavam
Vozes tam doces, como vozes d'anjos
No alto das montanhas celebrando
As grandezas de Allá. — Todo enlevado
No mago incantamento d'essas vozes,
Do templo estive á porta : — franqueá-la
Não ousava, — e a vontade m'o pedia,
Mas retinham-me escrupulos. Ao cabo
Disse eu : Que importam nomes? Deus é o mesmo :
Christo* e Mahomet foram prophetas,
Mas Deus é o mesmo Deus. — Entrei na igreja.

XXVII.

« Era um côro de candidas donzellas
Que alternadas o cantico solemne
Entoavam. Sentia-me eu tomado
Da religiosa e sancta magestade

* É discorrer d'um mahometano.

Que enchia o templo. Os olhos repoisava
Com prazer innocente n'essas virgens
Que por Deus renunciaram a prazeres,
A delicias da terra — quando subito
Porta se abriu do templo á extremidade
E uma virgem entrou: seu ar, seu gesto
A mostrava entre as outras a primeira,
E entre ellas parecia tam brilhante,
Como em cappella de jasmins a rosa,
Ou como o lirio n'hástea debruçado
Sôbre o campo arrelvado de violetas.

XXVIII.

Deu-me rebate o coração no peito:
Era essa imagem a que eu vira em sonhos;
Essa, essa propria; a mesma cruz brilhava
Em seu peito.... — Perdi razão, sentidos:
N'um extasi de gôso indefinivel
Cahi como em deliquio. — Longo espaço
Devia de durar, que so no templo
Acordando me achei: findára toda
A ceremonia, e as virgens retiraram-se.

Sahi então, e soube que o convento
Era Lorvão, e.... »
—« Tu » —interrompendo-o,
Branca lhe diz— « tu eras o eremita,
Que em nossa igreja ũa manhan entraste,
E que tam enlevado parecias
Na oração? »
—«Era eu mesmo.»
—«Oh Deus! e eu propria
Com quanta devoção te contemplava!
Tam joven, eu dizia, e tam deixado
Do mundo ja!... Mas tu o ermitão eras?

XIX.

» Eu sim, que extasiado em teu semblante
Ahi perdi o coração e a vida;
Ahi n'esse momento se cumpriram
Os meus destinos todos. — O fadado
Ramo consulto: florecia o myrto.
Ceos! clamei, é quebrado o meu incanto!
Mas que fazer! a noute veio; a um proximo
Olival me levara incerto passo,

E na soidão, minha alma se intranhava
Em pensamentos vagos, em projectos
Mais vagos. — Um corcel vejo pascendo
Embridado, e mourisca sella tinha:
Era o meu fiel Adir; chamei-o, corre
A mim alegre, estende-se abaixando
O alto costado, como convidando-me
A montá-lo. — Hesitei; — mas dirigido
Por occulto podêr não é meu fado?
Montei, partimos; trouxe-me a estes paços.
Não vi Alida; mas teu nome, o sítio
Onde te encontraria em teu caminho
Para Castella, como libertar-te
De teus brutaes dervizes deveria;
Tudo li n'uma tarja transparente
De jaspe em lettras d'ouro. Outra vez parto
C'os mais fieis dos meus, fui emboscar-me
N'uma escarpada rocha, e te esperámos.
O resto sabes tu: — sábe-lo, ó Branca,
E ja teu coração me ha perdoado. »

XXX.

Os braços da donzella se enlaçaram,
Como um festão de candidas boninas,
Emtôrno ao collo do gentil mancebo.
— O propheta, se a vira n'esse instante,
Emendára o Koran, e não vedára
A um anjo tal do paraizo a intrada.

Dona Branca.

CANTO QUINTO.

I.

Toca o sino a completas; era noute
Em Cacella : — seu branco sobrevestem
Manto co'a roxa cruz sôbre a armadura
Reluzente, e ao côro se encaminham
De Sanctiago os nobres cavalleiros.
As espadas, terror do mauro Algarve,
Depoem juncto do altar, e vão devotos
Ante o Deus dos exercitos prostrar-se
Em humilde oração. Ha poucas horas
Guerreiros na batalha, agora simplices,

Silenciosos, austeros cenobitas
Rezam em côro; — ámanhan, quem sabe?
Correrão aventuras namoradas,
E nos braços de languida beldade
Cumprirão o terceiro mandamento
Da muito nobre e respeitavel ordem
Da andante, singular cavalleria.

II.

Oh! quem ve hoje na ponteada casa
De aperaltada, esguia casaquinha
Brilhar a mesma cruz, symbolo d'honra,
De patriotismo e glória, que pendêra
D'aureo collar em peitos d'aço duro,
Peitos que sem pavor per entre selvas
De lanças, de azagaias se arrojavam;
Quem as vê hoje,—a cruz sancta de Christo,
Pendão de glória, que guiou no Oriente
Castro, Alboquerque e Vasco,—a roxa espada
De Sanctiago, que arvorou as Quinas
Nos castellos do Algarve, — penduradas

Pelas librés da infamia e da injustiça; *
Quem, de sua nobre origem cogitando,
Ousará de dizer: « São cavalleiros,
São portuguezes cavalleiros esses? »

III.

Tremolava a bandeira de Sanctiago
Nos muros de Cacella, que vencida
Aos fortes cavalleiros se rendêra.
Mas Tavira resiste: fatigados
Os de Christo, e Mahomet formaram treguas,
E da guerra continua repoisavam.
Ja gran' parte do Algarve succumbira
Ás armas de dom Paio e dos seus freires,
Depois que Aben-Afan de seu alcaçar,
— Sem se saber aonde — se ausentára.
Tavira a forte, Sylves a maritima,
Firmes porêm sustentam porfiosas
Ao mouro rei a vacillante c'roa.
As principaes então, e as mais famosas

* Veja nota no fim.

Em valor e riquezas essas eram
Per todo o áquem dos aridos Algarves.

IV.

Findára o côro: a hora do repasto
N'um fresco eirado, á lua, passeiando,
Os cenobitas campeões aguardam.
De batalhas e cercos fallam velhos,
Das justas e torneios do bom tempo
Que foi; — moços d'amores e caçadas,
D'aventuras, e cousas que mais prazem
Á idade em que veceja a flor da vida,
E folga o coração no peito á larga.
— « Sabei (disse dom Alvaro), senhores,
Que dous falcões tenho eu, que os mais manhosos
D'elrei de Leão não teem que ver com elles.
Pena é que em terras nossas não ha caça,
Comque entreter o tempo d'éstas treguas;
Senão verieis. »
— « Gran' desejo tenho
De o ver eu » (Mem do Valle respondia)
Que as minhas aves atéqui as tinha,

Em que peze a dom Alvaro — as melhores
Que hei visto em vida minha. Mas, senhores,
Cousa vos direi eu, que vos agrade,
Pois cavalheiros sois: p'rigoso é o caso,
Mas de gôsto será. Sabei que em Antas
É a caça melhor de todo o Algarve:
Mister é de passarmos per Tavira;
Mas em paz, como estamos, de impedir-nos
Não ousarão os mouros: e se ousassem.... »
—« Tanto melhor, que sua perda fôra:
(Volvem á uma os jovens cavalleiros)
Vamos, e ámanhan ja. »
Foram-se ao mestre,
E do que hão concertado lhe dão parte.

V.

Com prudencia dom Paio, e bom aviso
Lhes ponderou da empresa os contratempos:
Quanto ciosos eram de suas terras,
E mulheres os mouros. — « Nem por isso,
— Accrescentou surrindo o grave Paio —
Lhes quero eu mal, que ha hi fermosas damas,

E a ver taes cavalleiros costumadas
Não estão ellas. » — Rindo agradeceram
O comprimento ao mestre ; e pois lhe dava
Cuidado sua ida, lhe disseram
De paz, e guerra iriam bem armados.
E assim no alvor do dia se partiram
Com suas aves e armas, cavalgando
Em andaluzes, relinchões ginetes.

VI.

Seis eram os mancebos ; mas tam guapos,
Tam gentis cavalleiros não vestiram
Nunca em terras d'Hespanha arnez ou malha.
C'o denodo e despejo d'essa idade,
Para quem p'rigos são delicia e brinco,
Caminho vão direitos de Tavira ;
A ponte passam a veloz galope,
E ás frescas margens de ribeira placida,
Onde Antas jaz, alegres começavam
Suas aves a soltar, seguir-lh'os voos,
E a entreter-se em folguedos innocentes,
Disputas joviaes, e outros singelos

Passatempos de alegre confiança.

VII.

Mas o diabo, que jamais não dorme
Quando ve gente môça em bom caminho,
E que não pára sem fazer das suas,
E os metter em camizas d'onze varas,
O diabo se deu aos diabos todos
De ver seis rapazetes tam bem postos,
Tam galhardos e bellos, — de sua regra
Cumpridores fieis, e mais honestos
Que o mais honesto monge da Thebaida.
Ora, sabido é que o tal amigo
Lucifer, Belzebut, Satanaz, diabo,
Demonio, ou como quer que é sua graça,
(Na minha terra as beatas o designam
C'o extravagante nome do *Baétas;*
Nome a que nunca pude achar o furo
Da ethymologia; e desafio
O carmelita auctor do diccionario,
Que traduziu — triztriz — pratos quebrados,
Désse tammanhas voltas ao miolo

Como as eu dei para encontrar com elle.)
— O diabo pois – que emfim este é seu nome —
Tanto fez, que até sanctos da Thebaida
Com suas tentações voltou do aveço,
E se metteu sem medo á queimaroupa
Com cilicios, jejuns e agua benta :
Como lhe havemos d'escapar nós outros,
Pobres e miseraveis peccadores!

VIII.

E como póde entrar este inimigo
Jurado da adamitica progenie
Os austeros limites da Thebaida?
— Com môças : môças são cousa do diabo,
Se é que o diabo não são ellas mesmas :
—Que em quanto para mim – Deus me perdoe-
Por taes as tenho, ás tentações malignas,
Que sinto ca per dentro quando as vejo,
E me dão taes vontades... Abrenuncio!
O diabo ellas são, ou ellas d'elle

IX.

Pois o pae da malicia, que bem sabe
O podêr de taes armas perigosas,
Assentou de apanhar n'uma das suas
Os jovens caçadores: vai, e enfia-se
(Que é mestre n'isto, e não lhe custa nada
Estender-se, agachar-se, encarquillar-se,
Acaçapar-se curto e pequenino
Como um mosquito, ou alto alevantar-se
Como a tôrre dos clerigos*) enfia-se
No papo d'um falcão dos da caçada;
E o falcão, que ficou, como la dizem,
Co' diabo no corpo, larga o pairo,
E desanda a voar per esses ares;
Voou, voou, té que estacou mui longe,
E se poz a pairar como quem mira
A caça, e a fita bem para empolgá-la.

* Tôrre fermosisima no Porto.

X.

Acertou que o falcão dos dous gabados
De dom Alvaro era. — « Estranho voo
(Mem do Valle lhe disse) é o da vossa ave :
Nunca vi um falcão voar d'essa arte. »
— « Crede, senhor (dom Alvaro lhe torna)
Que é fina caça a que elle paira agora ;
E afé não ha hi ave em toda Hespanha,
Que tal a avente, e tanta. »
—« Ir-lhe-hei no alcance »
–Volve o outro.–« Ide embora, porêm crede-me,
Que a mim somente, e não a outro, a entrega. »

XI.

Mem do Valle picou, e per um trilho
Agreste e rudo entre árvores e mato
Mette o corcel fragueiro, e costumado
A mais agros caminhos. — Ja chegava
A um valle estreito, que em redor fechavam
Ingremes, escarpadas serranias
Tam aridas, tam sêccas e escalvadas,

Quanto era amena, vecejante e bella
A varzea, que um arroio dividia
Despenhado do cume alto da serra
Com ruído, em cataracta picturesca,
Onde em brilhantes prismas concentrando
O matutino sol seus raios puros,
Ahi nas côres d'Iris se extremava.
A relva de boninas esmaltada
Amorosos perfumes recendia;
E áquem, além festões de verdes balsas
Prendiam com seus ramos enlaçados
Ás viçosas figueiras. Ramilhetes
De murta em flor brotavam pelo prado,
E á sombra dos mais altos arvoredos
Viçava o tenro, dobradiço arbusto
Que em nossos bosques semeiou de perlas
Para enlêvo da infancia a natureza:
Oh! idade feliz, em que as eu via,
As alvas camarinhas resplendendo
No limpido ceirão, e as cubiçava
Essas perlas mais finas a meus olhos
Do que as da bella egypcia mal pudica.

XII.

Sobre este ameno delicioso valle
Paira a prumo o falcão: mas extasiado
Nas bellezas do sítio, e formosura
Da grata solidão so pensa e cuida
Na maravilha que lhe incanta os olhos,
Que alma lhe ameiga, o joven cavalleiro.
Quando subito a ave — qual se víra
Saltar lebre fugaz de espessa moita —
Desce veloz, e atrás de árvores densas
Á vista se escondeu do cavalleiro.
Ve-la baixar, e correr prompto ao poiso,
Que lh'a occultava — foi um so momento.

XIII.

Facil era a entrada da espessura
Per um lado onde as árvores fallecem.
Entra; e a caça que viu... — Tenteio embalde
As cordas do romantico alaúde,
Que os genios das montanhas me afináram
Para os singelos sons desalinhados

De meu simples cantar; falham-me as notas,
Desafina a canção. — Que verso póde
Descrever os segredos da floresta
Do Almargem! — onde incantos estupendos,
Nocturnas festas celebrar se hão visto
Ás fadas, e aos espiritos da noute:
Floresta, onde jamais pé de homem vivo
Depois do pôr do sol entrar não ousa;
E so do alto da serra o pegureiro
Viu luzinhas — signal certo de bruxas —
A surdir e a esconder-se a um lado e outro,
Saltando (como estrellas namoradas,
Que via o grego antojador de favas
Ao brando som de harmonicas espheras
Bailar no azul do ceo as tripecinhas);
Ou perdido viandante arripiado
De medo, ouviu confusas gargalhadas,
Estranhos cantos e gemidos funebres.

XIV.

Jaz sôbre a relva, á deleitosa sombra
Do espesso arvoredo adormecida

Joven beldade. — Oh! se anjos divagando
Acaso pela terra, adormeceram
Algum' ora em recinto delicioso,
Que lhes fez recordar d'Eden os bosques,
Seu formoso dormir como este fôra.
Alva, ligeira tunica appertava
Pelo meio do corpo delicado
Cinta de verde côr; douradas tranças,
Sem mais ornato que o formoso ondado
De seus proprios anneis, se debruçavam
Per hombros, onde quebra a fôrça do alvo
Ligeira côr de desbotada rosa.
Seus olhos! — com as palpebras escuras
Fechado tem o somno esse thesouro
De brilho e de innocencia: — mas nos labios
A innocencia surri. A um lado jaz-lhe
Pequeno livro. O atonito guerreiro
No rapto dos sentidos alheados
Longo tempo ficou absorto, mudo,
Como a quem maravilha tem cortado
Co'a razão ametade da existencia.

XV.

Que livro será este? — Abre; e redobra
Seu pasmo: de orações e rezas sanctas
Era um livro christão. — Como é possivel!
Em terra de infieis, virgem tam bella....
Um agnus-dei que pende ao lindo collo
Da bella, e c'o sereno movimento
Do seio brandamente se agitava,
A certeza lhe augmenta. Christan virgem
N'este paiz de mouros! — oh! roubada
Foi de certo; e a seus barbaros deleites,
Seus infames prazeres a reservam
N'algum castello proximo. — Sem dúvida.
Mas como n'este sitio adormecida?
Baldam ahi de todo as conjecturas.
Fugiu talvez..... — acaso communica
Este bosque com parte mais escusa
Do parque, ou cêrca dos mouriscos paços,
Onde escrava a reteem. — Christan é ella;
E eu christão cavalleiro, que hei jurado
De defender a fe e a formosura,

Devo.... o quê? — Libertá-la d'èsses gryphos
Dos montros que a innocencia se preparam
Á devorar-lhe crus : — devo, oh ! sim devo.

XVI.

Dest'arte reflectia o cavalleiro,
E levado de zêlo — ardente zêlo
Da fe — (Travêsso duende me sussurra
No ouvido menos puro sentimento :
Vai-te, espirito mau, não te accredito ;
Era boa a intenção : que faz ao ponto
Se profanête*, acaso, algum desejo
Na tenção se ingeriu? Vasos de barro
Somos nós, quebradiços e achacados;
E raro, a obra melhor do homem mais justo,
O ouro mais puro da virtude humana
De liga vil seu tanto não encerra.)
Levado pois *da fe* — « Salvá-la » : clama :
« Salvá-la é fôrça, e ja. » — Mas, se a desperta,
Se receosa a timida virtude

* Diminutivo necessario.

D'essa dama em fugir c'um cavalleiro...
Saberá convencê-la. — E se no emtanto
Perdido o tempo..... Oh Deus! urge o perigo;
Cumpre deliberar. — Toma-a nos braços,
Salta na sella, — e parte, corre, voa.

XVII.

No papo do falcão raivava o diabo,
Vendo tam mal sahir-lhe o estratagema,
E que o laço, onde creu ter apanhado
Avirtude do sancto cavalleiro,
Nova c'roa de glória lhe viçava
Na honesta frente. — Em tam escura sombra,
Tal formosura... occasião tam bella!...
Capacitar-se o diabo não podia
Que tanta fôrça houvesse n'um mancebo,
Que resistisse a tal. — Mas onde a leva
Elle agora? — *Sabido* é que o diabo,
Que tudo *sabe*, so futuro ignora.
Deu a voar, e segue pelos ares
O joven par no rapido galope.

XVIII.

Nos braços appertando o doce pêso
Corria o cavalleiro, e lhe batia
O coração. —Surriu de ouvir-lh'o o diabo
Tam apressado, e disse la comsigo :
« Não bate o coração com tenções boas. »
Mas no emtanto a donzella mal desperta
Do somno ainda, que pensar não sabe
Do estranho successo que a acordára :
Se vela ou sonha, se anjos a conduzem
Ás regiões do ceo, ou se o maligno
Espirito a arrebata ás profundezas
Do abysmo, duvidosa, nem se atreve
A abrir os lindos olhos; mas tremendo,
Encolhendo-se toda, mui baixinho
Ao bento anjo rezava da sua guarda.

XIX.

Porêm alfim curiosidade vence
Afinal sempre em feminino peito.
Quem a leva roubada? anjo, ou demonio?

Ver-lhe a cara deseja. — E se elle é negro...
Credo! — Mas pouco e pouco vai abrindo
O cantinho do ôlho. Alta a viseira
O mancebo levava; e o bello rosto
—Que bello era e gentil — se descubria
Entre as luzentes armas de aço fino,
E sob o elmo implumado — qual nos pintam
O triumphante archanjo aos pés calcando
Revel esp'rito, que venceu nos plainos
Do ceo em regular, campal batalha.

XX.

Ao encarar com tam formoso gesto,
O medo todo lhe fugiu do seio;
E a grata persuasão que em corpo e alma
A leva ao ceo um anjo tam bonito,
Certeza foi, que de prazer celeste
Lhe inunda o coração. — Mas será sonho?
Nunca elle acabe sonho que é tam bello.
Com medo de acordar, seus lindos olhos
Fogem da luz do dia, e so se entr'abrem
Para gosar da angelica presença

Do roubador gentil. Emtanto o joven
Sente o doce calor do brando corpo
Os membros repassar-lhe, e dar rebate
Ao sangue, que agitado ja circula,
E em seu tropel o espirito involvendo,
Ja menos puras sensações e ideias,
Elembranças, por fim, peccaminosas,
E ao cabo tentações. — Ja não surria,
Mas dava pulo o diabo de contente.

XXI.

Eis ao subir de pedregosa encosta
Agra e difficil, do alto da montanha
Vozes mil a gritar: « Ei-los vão, ei-los!
O roubador infiel! ei-la a princeza.
Acudi, acudi, vingae no infame
Nossas injúrias todas. »— E redobra
O alarido das vozes tumultuárias;
E gritando corriam, e descendo
Dos lados todos, breve tem cercado
O cavalleiro multidão de mouros,
Que em furia cresce, e emtôrno se amontoa

Embalde elle o corcel a voltar fórça,
Embalde tenta de descer de novo,
E salvar-se na fuga: a turba immensa
De toda a parte acode. Atropelados
Do fogoso cavallo, a muitos prostra;
Mas outros, e outros véem: ceder é fôrça.

XXII.

Ceder! um portuguez, e um cavalleiro!
Oh! que pesado então lhe foi o leve,
O doce pêso que a seu peito apperta!
Que fará? Lança e escudo lhe fallecem.
Mas ceder! isso não: co'a esquerda abraça,
Defende a linda dama que estremece:
A dextra brande a espada formidavel,
A cujos golpes o infiel desmaia;
E cahem como espigas em calmosa
Sesta d'estio aos golpes do ceifeiro.
E a bella! — Oh! despertada alfim do sonho,
Suas magas illusões se desvanecem.
Cruel realidade! Quem é elle?
Como a roubou, e aonde, onde é que a leva?

Porque assim o perseguem esses mouros?
Ai! isso intende, isso conhece a triste;
Claros os gritos são. Assim podéra
Evitar ella que lhe a face vejam.
Se a reconhecem—Deus!—que horror a espera!
Com o seu roubador, seu cavalleiro,
Seu defensor (ou como ha de chamar-lhe?)
Se abraça, e esconde o rosto delicado
No seio aspero e ferreo da armadura.
Mas é ja tarde, ja reconhecida
Foi da turba infiel. — « Oriana! » bradam;
« Oriana! » soa emtôrno. Co'este nome
Cresce a raiva, o furor nos combatentes,
A quem resiste impavido um so homem.

XXIII.

« Oriana » repetindo, embravecidos
Investem; mas o nome que os excita,
Como se fôra magica palavra,
Respeito lhes inspira: os golpes vibram,
Mas no meio do golpe a mão descai-lhes,
E o peito deixa aos botes desarmado

Da espada do christão. — Ja da matança,
Ja de tanto ferir lhe affroixa o braço;
E as fôrças pouco a pouco a fallecer-lhe.....

XXIV.

Fôrça é pois succumbir. Pereça embora;
Embora; — mas á furia d'esses barbaros
Abandonar a victima innocente
Que elle insensato ao sacrificio trouxe.
Uma virgem christan!—Ceos!—e tam bella!
Subito lhe accordou: resta-lhe um meio
De salvação ainda, de esperança.
O corno toca; os sons repete ao longe
O echo das montanhas. Ja o ouviram,
E o usado som de Mem reconheceram
Os socios, que, não longe, começavam
A ouvir o alarido da peleja.
O passo dobram: ei-los — oh ventura!
São a milhares a mourisca turba;
Mas seis de Sanctiago! — Ávante! e rompem.
Sanctiago! e ávante. — Em roda estão do amigo.
Vidas como éstas caro são vendidas;

E tarde,— se a perderem, — a victoria
So coroará os lividos cadaveres
Do vencedor, a quem se deu maugrado.

XXV.

O inimigo recúa. Seccos troncos
De figueiras, que ahi jazem, encastellam
Uns, em quanto outros á lançada viva
Seu trabalho defendem. Ja completa
É a tranqueira, e a tempo; que os cavallos
De cançasso e feridas se abatiam.
A suas frageis muralhas se accolheram,
E da turba que os cérca se defendem,
Como leões á boca de seu antro
Polos filhos e esposa combatendo.

XXVI.

Ai da formosa incognita donzella,
Que ao deslaçar os braços delicados
Do corpo do mancebo, os lindos olhos
Cheios de amor e lagrymas levanta
Para o ceo, para elle, e: « Adeus »—lhe disse—

« Adeus! Que breve foi, e que amargado
O prazer d'este abraço! » — Oh cruas vozes,
Tam meigas, tam crueis! Abriu-se-lhe alma
Ao joven; e a paixão, que lhe escondiam
Suas chymeras vans, toda lhe avulta;
Co'esse golpe de morte lhe rebenta
O amor télli no coração occulto.
Oh transe! — amor travando o braço á morte!
A eternidade em meio da ventura!
Que abysmo se abre entre elle e os seus desejos!
Os olhos do mancebo se enturvaram,
E o sangue, que vertiam mil feridas,
Parou: — n'esse momento lhe suspende
A vida e o coração da dor o excesso
Co' a fôrça do prazer. — Qual sóem oppostos
Ventos parar em cabo procelloso
A soçobrada nau. — Anjo da morte,
Porque retiras a aza côr da noute,
Que lhe estendias sôbre a frente livida?
Doce é morrer assim; mas todo o calix
Do passamento, té ás fezes negras,
Bebê-lo! — Oh! cruel és, anjo terrivel.

XXVII.

De novo j orra o sangue das feridas;
Volveu á vida.—« Oh Deus! »—clamou: seus labios
Descorados na face da donzella
Osculo imprimem, o primeiro—e o último!
A virgem não corou: solemne, e augusto
E o extremo da vida; não ha pejos
Na despedida ás portas do sepulcro.

XXVIII.

—« E quem és tu, incognita beldade? »
—« Eu? (volve a virgem) eu? sangue inimigo
Teu, e da cruz nas minhas veias gyra;
Sangue de reis, — sangue fatal! Raiou-me
A fe per entre as trevas do meu êrro:
Este o crime, que os barbaros imputam
Á irman de Aben-Afan..... »
— « Tu irman d'elle! »
Toma a espada, e com impeto que mostra
Fôrças maiores ja do que as da terra,
E sem mais proferir, dá sôbre os mouros

Com furia tal, que innumeros lhe cahem
Aos pés d'um bote so. — Porêm foi esse
De Sansão moribundo extremo exfôrço :
Sobre o montão das victimas que immola,
O sacrificador exangue accurva;
Sem vida cai : não o vingueis, amigos :
Não cahiu bravo em campo de batalha
Mais gloriosa quéda; não deis lagrymas
A quem so derramou em vida e morte
Sangue inimigo e seu. Mem não existe :
Folgae, filhos d'Agar, sôbre o seu tumulo.

XXIX.

Olhos formosos que lhe a morte déstes,
Chorae vós, sim chorae! — Mas tanta perda
Ignora ainda a bella causa d'ella.
Não o viste cahir, gentil Oriana,
Que no meio dos fortes cavalleiros
No chão prostrada, supplice invocavas
Ao ceo perdão, do ceo misericordia,
E gemes, como a rôla solitaria
Sôbre o lascado ramo do pinheiro,

Quando os ventos do outomno tempestuoso
Da emigração a quadra lhe annunciam :
Ai ! caçador cruel lhe ha morto o esposo,
E seu terno arrulhar o chama ainda.

XXX.

Com a morte de Mem coragem ganham
Os infieis, e affroixa nos de Christo
O ânimo não, mas esse mais que humano
Exfôrço gigantesco, enthusiasmo,
Que não so p'rigos sem pavor arrosta,
Mas a infallibil perda, a morte certa.
Sem lhe atentar o horror, com gôsto encara.
Lassos de combater, de sangue exhaustos,
Que a jorros corre dos golpeados membros,
Os que fortes exercitos venceram,
E são terror de bellicosas hostes,
Ante uma vil, desordenada turba
De alvorotada plebe ja succumbem.
Eis a correr do alto da montanha
De redea larga vem um cavalleiro
Ancião, de longas barbas venerandas,

Nem armado, nem seu trajar indica
Linhagem nobre ; mas nobreza d'alma
Brilha em suas feições. Ao chegar perto
Dos combatentes, moderára o passo,
E grave se approxima do tumulto
Com semblante sereno. Erguendo a dextra :
« Suspendei » — disse — « suspendei as armas ;
Escutae-me um instante. »
A inesperada
Falla do velho á sanha da peleja
O furor suspendeu : para o combate ;
E curiosos da causa que o alli trouxe,
Attentos mouros e christãos o fitam.

XXXI.

— « Illustres cavalleiros, escutae-me,
Filhos de Agar, ouvi-me : injusta guerra
Fazeis todos : o sangue desparzido
N'este dia fatal ao ceo bradando
Está vingança, e todo ha recahido
Sôbre minha cabeça. Eu a princeza
Oriana dos reaes paços de Tavira

Na fuga auxiliei, e ao respeitado
Bosque d'Almargem a levei, e em guarda
A um eremita sancto a dei eu mesmo.
Mas essa que buscaes ha tanto tempo,
Mas essa, por quem hoje heis combatido,
Não é ja vossa, não: Oriana, a bella,
A real Oriana aos erros e mentiras
De vossa falsa lei tem renunciado;
Christan é hoje..... »
— « Ella christan! » exclamam
A maura turba com horror e espanto.
— « Sim, christan sou » — lhes diz, alevantando-se
A princeza gentil; e no ar, no gesto
Lhe brilhava um splendor de magestade,
Que, entre essa multidão d'homens armados.
Sanguentos, golpeados, parecia
Anjo de paz que vem de ordem do Eterno
O cru flagello suspender da guerra.
— « Sim christan sou: e o Deus so verdadeiro,
Que á sua sancta luz abriu meus olhos,
Constancia me dará para o martyrio,
Para alcançar a immarcessivel palma

Que me espera no ceo. Vinde ; essas armas
Para meu peito dirigi : tormentos
Inventae novos ; tudo com delicia
Receberei de vós , com prazer d'alma ;
Tudo...—Piedoso Deus! que hei visto! »—Pára-lhe
A voz e a vida; cai : no gesto livido
Veo de morte se estende. A malfadada
No cadaver de Mem, que jaz per terra ,
Fixára acaso os olhos descuidados ;
E do golpe fatal, que inda ignorava ,
Repentino ferida , á dor succumbe.

XXXII.

Alvaro e os mais christãos, que a viram subito
Desmaiar e cahir,—não suspeitosos
Da causa de seu mal, hallucinados
Em tanta confusão,—de tredo golpe
Per mahometano archeiro a crem ferida.
De horror e indignação furiosos bramam ;
E Alvaro lhes bradou :—« Amigos, eia !
Este resto de sangue que inda gyra
Em nossas veias , pouco é , porêm corra

Portuguez té á gotta derradeira.
Que nos sobra de vida? Escassas horas :
Seculos fossem ellas, á vingança
De crime tanto e tal votadas sejam.
Sanctiago, e ávante! nossa é a victoria,
E triumphando nos receba a morte. »

XXXIII.

As fogosas palavras do mancebo
Nos corações que apenas palpitavam
Exangues, semimortos, vida e fogo
D'enthusiasmo infundem. Quaes rompentes
Leões, investem sôbre o mouro em furia.
A jorros corre o sangue; a vozeria
Dos combatentes, gritos dos feridos,
E o arrancar dos moribundos fórma
Consonancia medonha. Acostumado
Não era á guerra o venerando vélho,
Que esperando salvar os cavalleiros
Á custa de sua vida, alli viera.
Conhece todo o Algarve o nome e fama
De Garcia Rodrigues, o mais rico

E honrado mercador d'aquellas eras,
Que em seu tráfico e vida, recovando
Entre os mouros do Algarve e as portuguezas
Terras vizinhas, grande accumulára
Haver de ouro e riquezas. — Indo aos paços
De Tavira vender suas mercancias,
Co'a princeza Oriana costumado
Era a fallar: e quando convertida
Á christan fe, por muitos rogos d'ella
A levounas recovas escondida,
Que o não sonhou ninguem. — Caminho agora
Ia de Alvor, quando escutou o ruído,
E a causa soube do fatal combate,
Que a apaziguar correu — em vão. « Salvá-los
É impossivel!... pois (disse elle) morra-se
Como homem tambem. »—Empunha a espada,
E sôbre os mouros deu como homem que era.

XXXIV.

Novas emtanto da fatal peleja
A Cacella chegaram. Parte á pressa
C'os seus o mestre, esperançado ainda

De soccorrer os nobres combatentes :
Tavira passa ; os mouros aterrados
Do furor com que vem, passá-lo deixam.
Chega : — ai !... tarde. Ja lividos cadaveres
Sôbre montões dos que immolou seu ferro
Jazem os sette heroes. Tropheos d'emtôrno
Seus imigos lhes são, que os precedêram,
E ás regiões baixaram do sepulcro
A annunciar do vencedor a vinda.

XXXV.

Mas os mouros do campo da batalha,
Em vendo o mestre vir, se retiraram
Açodados c'o medo da vingança.
E elle, a quem no peito ância rebrama
De punir tam cruel aleivosia,
Os preciosos despojos recolhendo
Dos nobres cavalleiros e do honrado
Mercador, no alcance vai dos mouros,
Que em vão fogem. Cruento sacrificio
As sombras dos heroes alli recebem :
Milhares cahem. De Tavira ás portas

Accossados os leva; e as portas, que abre
Para acolher os seus o musulmano,
Ao mestre foram triumphal entrada
Na capital do sobjugado reino.

XXXVI.

Do Algarve a capital cede a dom Paio;
Mas em Sylves o rei no forte alcaçar
Crem todos; e acabar c'o infame jugo
Dos infieis em terras portuguezas
Jurára o mestre. Bem guardada e forte
Deixa Tavira, e sôbre a antiga Sylves
Vai com a flor dos seus ebrios de glória.

Dona Branca.

CANTO SEXTO.

I.

Ai de ti, Sylves, de tuas nobres tôrres,
Teu alcacer tam forte! Quem resiste
Ás espadas terriveis de Sanctiago?
Ja de redor dos muros, que de lanças,
De frexas, de besteiros se coroam,
Suas tendas assentou, suas azes posta
O invencivel mestre. Ja trabucos
Acestam, catapultas véem de rôjo;
Máchinas, ligneas tôrres; e se dobram
Acubertados couros, protectores
De escaladas e assaltos. Mas de dentro

Dos muros os cercados se apercebem
Para a defesa : ardentes alcanzias,
Duros cantos, ferradas longas varas
Que os incendiarios fachos arremessam
Ás inimigas fábricas. Redobra
Corage em uns e outros o perigo.
Pregam no campo frades indulgencias,
Na cidade os immans novas promessas
Fazem de houris e paraizos : folga
Emtanto a morte, e para a ceifa crua
C'um perfido surriso a fouce affia.

II.

Dom Paio em suas tendas rodeado
Dos cavalleiros principaes, com elles
Nos desenhos do assédio practicava,
E no mais que a seu cargo e pôsto cumpre.
Um homem d'armas entra, e ao conselho
Annuncia que ao campo um messageiro
Do rei de Portugal n'essa hora chega.

D. PAIO.

« Que novas traz? »

HOMEM D'ARMAS.

« Sabê-lo-heis mui presto,
Que não tarda comvosco; e sua messagem,
Diz so a vós dara. »

D. PAIO.

« Embora venha:
E praza ao ceo que do valente Afonso
Nos traga alfim o tam pedido auxílio.
Gran' mister hemos d'elle. Cavalleiro,
E generoso é Afonso; a nenhum outro
De toda Hespanha com mais gôsto dera
Preito do que hei ganhado: mas importa
Que a levarmos ao cabo ésta conquista
Nos ajude elle; senão... reis não faltam;
Deus proverá, e a nossa espada ao resto. »

III.

ARAUTO.

« Da parte do mui alto e poderoso
E temido senhor, rei dom Afonso

De Portugal e Algarves, a dom Paio,
Mestre de Sanctiago, cavalleiro
Muito nobre e esforçado, vem dom Nuno;
Sua embaixada traz. »

Com ricas armas
Armado vinha o portuguez: em cima
Da malha sobreveste d'ouro e seda
Orlada com franjões de fina prata,
Passamanes do mesmo, e sôbre o peito
Bordada a cruz azul, insignia antiga
Do reino, e embaixador que o representa,
Segundo usança é.

D. NUNO.

« Senhor dom Paio,
Elrei, e meu senhor, que a vós me manda,
Vos envia saudar, como a quem preza
E muito estima vossas nobres partes,
E a respeitavel ordem de Sanctiago,
Cujo sois digno mestre. Sabei como
Prouve ao muito alto rei de Leão, Castella,
De Toledo, de Cordova e Sevilha,
Murcia e Jaen, a meu senhor e amo,

Elrei de Portugal, n'este seu reino
Investi-lo do Algarve; e vos ordena
Que lhe entregueis castello e fortalezas
E logares e villas que heis tomado;
E preito lhe façais e homenagem,
Como a senhor e rei. E mais vos trago
Que em marcha com sua gente a estes sitios
Vem elrei meu senhor, com tenção firme
De ajudar-vos na sancta empresa vossa
De libertar suas terras do pesado
Jugo de mouros; no que muito conta
Comvosco, e vossos nobres cavalleiros,
A quem honra e mercês fara condignas.»

IV.

D. PAIO.

« Sejais bem vindo vós, e a vossa alegre
Messagem que trazeis, senhor dom Nuno.
Portuguez sou, e portuguez me prezo
De ser do coração; e muito folgo
De entregar nossas praças e castellos
A rei tal e senhor. Em hora boa

Venha elle a tomar nossa homenagem,
E a conquistar o mais que no seu reino
Inda infieis lh'o teem. Com mãos á obra
Nos achais, cavalleiro: d'ésta Sylves,
Onde o mourisco rei temos cercado.
O resto da conquista está pendente;
E...—Mas vejo-vos rir!—Não sei... »

De feito

Surria Nuno, e em gestos se expressava
De quem do mestre aos dictos fe não dera.

D. NUNO.

« Não tomeis, senhor meu, para má parte
Este surrir. De Aben-Afan dizieis
Que o tendes hi cercado; e sei eu certo
Que algures elle está, que não em Sylves. »

V.

D. PAIO.

« Sabeis? »

D. NUNO.

« Sim sei. »

— Então reconta ao mestre

Como da infante em companhia a Holgas
Indo, o rei mouro subito os tomára,
E elle so, per estranho caso, a vida
Salvára, e liberdade; — que escondido
Na cêrca do convento, deparando
Com um mouro, o matára, e em seus vestidos
Á pressa disfarçado, Aben seguíra
Té a uns formosos paços, onde a infante
So com Aben-Afan entrar poderam.
E que subito os paços se sumiram.
Que certo havia alli incantamento
Ficou elle; porêm logar e sitio
Bem o conhece, e taes signaes tem pôsto,
Que hade com elle dar. D'ahi partiu-se.
E a elrei se fôra a lhe contar do roubo
E desacato da real infante.
Que de vingar sua honra, e a de sua filha
Jurára Afonso; e a Beatriz, sua esposa
Ao pae mandára a lhe pedir do Algarve
Terras e senhorio, resoluto
A acabar d'ésta feita co'a vil raça
De Mahomet. A tudo o castelhano

Assentiu : e elrei caminho á pressa
Vem do Algarve, e a nobre invicta espada
Jurou não embainhar sem que no sangue
Do derradeiro mouro a injúria lave.

VI.

« Mas se incantada a infante (diz dom Paio)
C'o mouro está, que vale guerra e sangue
Para a cobrar? »—« A tudo se ha provido :
(Nuno volveu) com elrei vem quem sabe,
E tudo póde em cousas taes d'incantos:
Certo, que nomear tereis ouvido
Frei Gil de Santarem... »

—«Frei Gil!—Oh! valha-nos
Sanctiago! (á uma os cavalleiros dizem)
Traz comsigo esse frade dom Afonso? »

D. NUNO.

« Sim traz; mas não sabeis quanto mudado
Está frei Gil. Do diabo, a quem vendêra
A alma polo podèr da bruxaria,
O escripto cobrou que lhe fizera
De obrigação, lavrado com seu sangue.

E agora o diabo, a quem servíra escravo,
Como a senhor o serve; e é maravilha
Ouvir casos e cousas que se hão feito
Per sua intervenção. Peça mais fina
Nunca sancto ao pregou a fino diabo,
Do que o padre frei Gil; fa-lo ir ao côro
Resar c'os frades, ouvir missa inteira,
E confessar-se até. »

— « Mas quem ve isso? »
— « Ninguem senão frei Gil: boa era essa!
Se o víra alguem, forte milagre fôra* »

VII.

Riram os cavalleiros do bom lôgro
Que pregára ao demonio o sancto frade.
E o mestre, encarregando da ordenança
Do cêrco, e mais govêrno que cumpria,
Ao commendador mor, se foi com parte
Do conselho da ordem ao caminho
De Selir, a esperar elrei Afonso,
Que para ahi direito em marcha vinha.

* Veja nota a este verso, no fim.

VIII.

Mas longo o cêrco a parecer começa
Aos sitiantes; rapida a victoria
Télli os precedeu: emfim o auxílio
Do monarcha pora termo ás delongas,
E acabará c'o imperio mussulmano
Nos libertos Algarves. — Se podessem
Todavia vencer sem esse auxílio!
Veda-lh'o a ausencia do esforçado mestre.
Sem elle aventurar-se a dar assalto
Não ousarão, nem devem. Surdas minas
Lavrando vão caladamente emtanto
Com direcção do alcacer, que o mais forte
Lanço é da praça toda, e decisivo.
Segue de perto aos que trabalham, prompta
A escolha dos mais bravos e atrevidos
Na subterranea estrada, que ja longa
Cresceu: prestes estão de peito e d'armas
A qualquer caso; ou contramina os cruze.
Ou, repentino, a bem guardada estancia
De inimigos os leve seu trabalho.

IX.

O ardido Nuno entre os primeiros sempre
É na glória e perigo. Voluntario
Se off' rece a ir na subterranea empresa.
Trabalhavam um dia, eis—« Vozes sinto »
Disse parando n'obra um dos soldados.
— « Escutemos : silencio ! » — Nuno accode :
E álerta ouvidos, e calado é tudo.
Vozes se ouviam, mal distinctos echos,
Sons abafados, como uns ais perdidos
De infeliz a quem vivo sepultassem
Nas entranhas da terra, e que em lamentos
—Vãos!—conjurasse o horror de seu destino.

X.

« Manso continuae vosso trabalho ;
(Diz Nuno) descubramos d'onde nascem
Estes estranhos sons. »—Vão pouco e pouco,
Leve e leve, minando a dura terra.
Ja clara a voz se ouvia : feminino
Era o accento gemedor e afflicto.

E como supplicante : crebros golpes
Se ouviam c'os lamentos misturados,
E um rouco murmurar de voz austera :
—Supplicio, algoz, e victima parecem.
Tam proximos estão, que se distinguem
As fallas ja.
—«Piedade! —diz voz trémula—
Piedade! eu desfalleço, eu morro... »
—«Amigos!
(Bradou Nuno) á uma os ferros, eia!
Salvemos essa victima innocente
Da mahometana barbara maldade.
Rompei d'um golpe so o estreito espaço. »

XI.

Mal dissera ; aos alviões nas mãos robustas
Cede a terra, e cahindo patenteia
Á vista dos atonitos guerreiros
O lobrego recinto de medonho
Subterraneo, horrivel calabouço.
Uma lampada funebre, que ardia
Suspensa em meio, triste luz reflecte,

Clara porêm, na profundez do antro.
Em pé spadaúdo mouro como estatua,
De medo e pasmo está; seus olhos fixos,
Seu gesto em contracções de horrido espasmo,
O pavor, a crueza, o susto, o crime
Alternados debucha. Tem na dextra
O instrumento de barbaro supplicio,
Azorrague sanguento. Juncto d'elle
No chão prostrada ũa mulher: — vergonha
Me abafa os sons nas cordas que estremecem:
A indecorosa posição.... pintá-la
Meus versos ousarão? — Em terra os joelhos
Poisava, e em terra a face; co'as mãos ambas
Cobre-a, de pejo, — o seio encobrem vestes;
Mas o restante — oh! não as tem mais bellas,
Nem mais patentes Callipygia Venus,
As fórmas divinaes que nome e fama
Dão ao cinzel e marmore divino.
Matizam crus signaes o alvo dos lirios,
Como sóe no vergel tulipa roxa
Entre as cecems brotar. — Mais se divisa

Outra flor... Veo de Apelles no meu quadro.

XII.

Veo de pudor cubriu os olhos castos
Dos guerreiros christãos. Seu manto arroja
Nuno á infeliz, e co'a outra mão travando
Da barba hirsuta do algoz: — « Malvado,
(Lhe brada) mas que vejo! tu! — é sonho.
Ou és tu mesmo? Como n'estes habitos
Co' esse turbante, infame renegado?
Eterno Deus! — Vil monstro de maldade,
Falla: quem é ésta innocente victima
De teu furor cruel? porque a ferias
Tam despiedado? Falla, ou n'este intante
A merecida morte...»
Um suor frio
Cobria o mouro; os dentes lhe batiam,
E os membros contrahidos lhe estremecem.
Qual ceifeiro robusto, a quem na messe
Tomou quartan violenta, co'a mão trémula
Aperta a foice, e em vão chamar os socios.

Bradar procura em vão; no aberto sulco
Sôbre os feixes d'espigas que ha colhido,
Cai opprimido d'ância e quebramento.

XIII.

D. NUNO.

« Miseravel! — Soldados segurae-o;
Mas respeitae o sangue d'esse monstro
Ao cutello votado da justiça.
E vós, senhora, cobrae fôrça e ânimo,
Que não estais com barbaros: respeito
E piedade achareis. Auxílio e amparo
Por cavalleiros, e christãos devemos
Ás damas; nem nos veda a differença
Do culto e religião.... »

C'um gesto a dama,
Em que, a pezar do pejo e abatimento,
Sobresai dignidade e formosura
De nobreza e virtude, alevantando-se
Gravemente, o interrompe co'éstas vozes:
« Meu culto e religião, senhor, é o vosso;

Christan sou, por christan hei padecido,
E de meu padecer uma so queixa
Tenho elevado ao ceo — que lento e brando
Não me haja dado a suspirada morte. »

D. NUNO.

« Nobre dama, comnosco ao regio Afonso
Vinde; e recebereis honra e justiça,
Qual se vos deve. Nome e sangue ignoro
De tam bella senhora; mas porcerto
D'alta progenie o tenho. »

DAMA.

« Em mal! bem alta. »

D. NUNO.

« E portuguez.... »

DAMA.

« Senhor, mouro é meu sangue;
Todos os meus o são, christan eu unica.
Não me pergunteis mais; eu vo-lo rógo
Por vossa cruz : levae-me presto ao campo,
Onde os soccorros que ha mister minha alma,

Encontrar possa. »

Prompto, Nuno ordena
Ás guardas e vigias o que devem
Em sua ausencia fazer, e co'a formosa
Dama e c'o velho mouro ao campo volve.

XIV.

Soavam atabales e trombetas,
Que tangem menestreis: todo um triumpho
O arraial parecia. — « Ei-lo que chega,
Ei-lo! Real, real por dom Afonso
Do Algarve e Portugal!» mil vozes clamam.
E do mestre e dos seus acompanhado
O magnanimo Afonso n'um formoso
E suberbo andaluz montado vinha
O campo entrando. Os vivas de alegria,
As saudações do povo e dos soldados
Benigno accolhe: mas profunda mágoa
No rosto impressa traz; ri-lhe nos labios
Doce affabilidade, que os monarchas
Portuguezes outr'ora distinguia:
Mas a frente pesada de cuidados

Em vão se aliza, as rugas da tristeza
Sob o diadema d'ouro se lh' encrespam.

V.

Chegado á tenda elrei, breve repoiso
Toma a rôgo dos seus; mas logo ordena
Que l'he chamem frei Gil; e a sos com elle:

REI.

« Que heis descuberto, padre, que esperanças,
Que novas me trazeis? »

FR. GIL.

« Tem confiança
Em meu podêr, ó rei dos Portuguezes;
Tua filha verás, ve-la-has; mui cedo
É para se cumprir a grande obra,
Em que empenhado tenho as minhas artes,
Minha sciencia toda. »

REI.

« Muito ha, padre,
M'o prometteis assim, e... —Desculpae-me;

Sou pae; e nenhum pae nunca amou filha,
Como eu a minha Branca; nem mais digna
De amor e de ternura houve outra filha.
A meu pezar, confesso, que aos altares
A cedi — e inda mal! Triste presagio
Me agourava seu fado. »

FR. GIL.

« Rei, és homem:
E como homem és fraco e miseravel.
Peza-te o quê? Da filha que has votado
A um Deus que reino a reino te accrescenta? »

REI.

« Oh! mas a minha filha, a minha Branca? »

FR. GIL.

« Tua filha verás: sou eu, Afonso,
Que t'o asseguro. Do immundo espirito,
Que hei forçado a servir-me e obedecer-me,
A resposta alcancei: não está longe
A abbadeça d'Holgas d'estes sitios. »

REI.

« Aonde, aonde está? Com ésta espada

Per minha propria mão....

FR. GIL.

« Tua mão, tua espada,
A tua croa, o teu sceptro que empenháras,
Não são nada sem mim. Que sois vós outros,
Reis da terra, que fôra o vosso throno,
Sem o amparo do altar? — Ouve : liberta
Será Branca per mim ; nem longe é o dia.
Quando o ramo de peste em talha de ouro
For escondido, quando bento orvalho
Estender seu influxo a terras d'impios,
Quando em noute mais clara do que o dia
Escurecer o ceo sombra de mortos,
E o gallo preto annunciar a hora
Fatal a incantamentos e á possança
Dos espiritos do ar — liberta é Branca.
N'isto confia, ó rei : mas grande e forte
É o podêr que a guarda. Grande imperio
É o do genio que a retem captiva.
De confiar-t'o duvidei té-gora ;
Porêm força é que o saibas : protegido
Da raínha das fadas é o joven

Roubador de tua filha. Nem violenta
Em seus torpes abraços está ella :
Fatal incanto a cega, poderoso
Feitiço a enamorou... »

REI.

« Oh Deus! que horrores!
Meu sangue, a minha filha? Que vergonha
Me annuncias! — Oh! venha a desgraçada :
Seu juiz, seu algoz serei eu mesmo »

FR. GIL

« Não o permitta o ceo; altos decretos
São do destino eterno : adorar deves,
E conformar tua vontade humilde
Com a vontade summa. Penitencia
De seu êrro fara; e hade applacar-lhe
A penitencia sua as iras justas
Do esposo e do ceo. — Mas a salvá-la,
A quebrar seu incanto é necessaria
Uma difficil cousa. »

REI.

« O quê? »

FR. GIL.

« Tres gottas
Sem ferro havidas, e do sangue proprio
Do roubador. »

REI.

« De Aben-Afan? Burlais-me,
Padre, zombais de mim? Não me havis dicto
Que com ella no mesmo incantamento
Esse perfido mouro está? »

FR. GIL.

« Sim disse. »

REI.

« E então? »

FR. GIL.

« Perto de nós está seu sangue. »

XVI.

Mal éstas vozes pronunciára o frade,
Á entrada da tenda um cavalleiro
D'uma formosa dama acompanhado

Assim falla : — « Perdoae minha ousadia.
Rei e senhor : justiça ante vós venho,
E piedade implorar. Horrendo crime,
Barbara affronta a Deus e á humanidade,
Á formosura um monstro ha perpetrado.
A queixosa, senhor, é a bella dama,
Que aqui vedes ; — o reo... Interrogae-a.
E d'ella o sabereis. »

REI.

« Formosa dama.
Justiça vos farei ; tende bom ânimo.
E se de vossa affronta é tal o caso,
Que so a desaggrave espada ou lança
Em campo raso ; cavalleiros tenho.
Que por tam bella dama se appresentem
A defendê-la em cêrco ou estacada
Contra o proprio Amadis. Mas vossos trajos
Á usança mourisca me parecem :
E vós, senhora, sois?... »

DAMA.

« Moura hei nascido ;

E christan sou. Mas de meu triste caso
Vos dirá esse honrado cavalleiro.
Desculpae-me, senhor; longos discursos
Meu padecer e mágoas não toleram. »

XVII.

Nuno então conta o que no campo soube
Dos cavalleiros que ao fatal combate
De Antas em tardo auxílio haviam ido,
E ésta dama em podêr da maura turba
Quando fugia a viram : e sabido
Tinha dos prisioneiros como a causa
Do combate ella fòra ; como filha
Era de regio sangue ; e á fe de Christo
Convertida, ao Almargem a levára
A um sancto ermitão, e em guarda a dera
O mercador Rodrigues. Depois conta
D'Antas a crua historia, e como havendo
Succumbido os christãos na fatal lucta,
Os infieis a Sylves a levaram,
E n'um medonho subterraneo carcere,
Per comêço de trattos, a arrojaram.

— « Como foi minha dita libertá-la,
Vós o sabeis, senhor; (Nuno accrescenta)
Mas os tormentos crus, mas a impiedosa
Injúria atroce que um preverso monstro
Lhe ha feito—oh! não me atrevo a proferi-la.
Concedei-me, senhor, que ante vós traga
O reo, e pasmareis de conhecê-lo. »

REI.

« Ide. »

D. NUNO.

« Perto elle está. Trazei, soldados,
Á presença d'elrei esse malvado. »

XVIII.

Os soldados c'o velho mouro entravam;
E o rei com attenção fixo o contempla.

REI.

« Approximae-o.-Oh pasmo!-Um mouro é esse?
Um mouro, dizeis vós! — É frei Soeiro. »

A DAMA.

« Um christão—justo Deus!—e um religioso! »

REI.

« Frei Soeiro! o confessor de minha filha?
Miseravel! defende-te se podes;
Treme infiel das penas que te aguardam.
Por que enormes peccados has chegado
A esse estado de infamia e de miseria?
Renegar do teu Deus, teus sanctos votos!
Como, infeliz, como chegaste a tanto?

XIX.

Atonitos emtôrno estavam todos,
E com horror ao renegado frade
Observa cadaqual, attento ouvido
Para escutá-lo dando. Mas calado,
Mudo, quedo, c'os alhos esgaziados,
Como se não ouvíra, immovel fica.

REI.

« Pensas com teu silencio has de illudir-me?
Cuidas salvar-te assim? Como te enganas!
Falla, eu t'o ordeno, falla, senão... »

Mudo,

Estatico, impassivel como d'antes.

REI.

« Soldados, co'as espadas nas bainhas
Por que as não manche o vil, as duras costas
Lhe macerae com rija mão. — Veremos
Se lhe passa a mudez. »

Executada
Foi a sentença — em vão: nem signal leve
Da menor dor amostra. Pasma Afonso,
Espantam-se os que vêem. Então d'um lado,
Donde atélli calado ésta observára
Scena de maravilha, se approxima
Frei Gil, e com um brado tremebundo,
Erguendo a esquerda mão: « Falla eu t'o ordeno. »
O criminoso treme, e revolvendo
Com furia os olhos, n'um arranco horrivel:
— « O que queres de mim (lhe disse) mestre?»

FR. GIL.

« Ès tu frei Soeiro? »

MOURO.

« Não. »

REI.

« Não és frei Soeiro!

Quem és tu pois? »

FR. GIL.

« Responde. »

MOURO.

« Sou o diabo. »

REI.

« Zombas de mim, traidor? »

FR. GIL.

« Não zomba, Afonso:

Ouve. Escutae-me, todos, em silencio,

E não me interrompais. »

Tira da manga,

Curta varinha dobradiça e negra,

Que tres vezes no ar com pausa agita.

No chão depois um circulo descreve,

Emtôrno ignotos characteres fórma,

Palavras caballisticas murmura,

E em silencio, os braços descahidos,

Ericada na frente a rara grenha,

Com os olhos fechados, como espectro
Que se ergue sôbre a campa em hora aziaga,
Estatico, terribil permanece.

XX.

Subito exclama com accento horrido:
—« Espirito infernal, anjo das trevas,
Que ao meu podêr, rebelde, hei sugeitado!
Pelas sublimes artes, e execrandas
Palavras não sabidas d'homem vivo,
Nem pronunciadas per humanos labios
Diante da luz do sol — eu te esconjuro,
Immunda creatura, que declares
O que pertendes d'esse immundo corpo
De frei Soeiro? como, e por que causa
A renegar da fe e de Deus sancto,
Teu e seu creador, o compelliste?
E paraquê per suas mãos impuras,
Déste á bella Oriana crus tormentos?
Falla, e verdade, em que te pez, nem mintas;
Ou as fataes palavras do castigo
Sôbre ti, vil creatura, pronuncio. »

XXI.

DIABO.

Essa Oriana é filha do peccado,
E de nascença minha escrava, e d'elle.
Roubou-ma um tal tratante de Garcia,
Mercador que ahi jaz em Antas morto.
(E foi-se a tempo, que por nada o pilho
N'uma onzena em que quasi, quasi o empalmo.)
Custava-me a perder essa donzella:
E ao velho ermitão que a tinha em casa
Tentei, tentei de balde um anno inteiro —
Debalde, que o mofino velho e tropego
Não tinha que tentar. — Quando vi juntos
Em Antas seis tam jovens cavalleiros,
Assentei de encaixar-me no mais moço
E mais gentil dos seis. Perto dormia
Essa Oriana: — cuidei que a tinha feita:
Mas, por mau fado, os cavalleiros todos
Não se esqueceram de trazer ao peito
Aquella cousa que adorais vós outros,

E que nós... »

FR. GIL.

« Vai per diante, e não blasphemes.

DIABO.

« Fiquei *desapontado*, — como dizem
Os Inglezes ; — não ha na vossa lingua
Com que o dizer — e venha ou não do diabo,
Tomem-na, que hão mister d'essa palavra. —
N'um falcão me enganchei, voei de sorte,
Que o joven me seguiu té juncto d'ella.
Dormia, e em tam formosa, tam lasciva
Postura estava, que eu á fe vos juro
De diabo que sou — arrependi-me
De pôr tam fino mel em boca d'asno.
E, não fôra eu falcão n'esse momento,
Meu incubo podêr... »

— Corou a bella
Oriana ; e indignado o interrompe
Frei Gil : — « Spirito immundo, não abuses
Da liberdade que te dei. Prosegue. »

XXII.

DIABO.

Quem tal diria? o parvo do mancebo
Babado a olhar para ella uma hora inteira.....,
E porfim... e porfim — toma a nos braços,
E desanda a fugir como um damnado,
Para a levar a terra de baptismo,
E fugir — dizia elle la comsigo —
Da tentação. Sahiram-lhe ao caminho:
E o resto sabeis vós. Vi-os eu todos
Os seis, e o mercador ir direitinhos
Para o ceo com palmitos e capellas;
E eu raivando me fui direito a Sylves,
Onde a môça levaram. Vi ahi Soeiro,
Com quem antigas contas tenho ha muito.
Escravo fôra dum villão mourisco?
Que nem toucinho, seu manjar querido,
Nem nada mais, bastante a encher-lhe a pança,
Lhe dava. Renegou per fome o frade;
Não fui eu que o obriguei: ja negra e moura

A alma tinha, quando eu lhe entrei no corpo.
Renegou; mas ninguem fez caso d'elle;
Mouro, ou Christão, ficou sempre *bernardo*.
Metti-me n'elle, e fiz taes diabruras,
Taes trattos dei a outros christãos escravos,
Que alguns fiz renegar, dei cabo d'outros:
E por zêlo da lei tomando-o os mouros,
Lhe encarregaram da princeza a guarda.
O mais que fiz foi tudo bagatella;
Nada alcancei: ella ahi'stá com vosco;
E eu vou-me embora d'este sujo frade,
Que nunca entrei em mais immundo corpo,
Nem temos la no inferno lagartixa
De mais nojo e fedor que este maldicto. »

XXIII.

FR. GIL.

« Ainda não; espera: onde escondeste
A infante dona Branca? »

DIABO.

« É outro caso
Esse de dona Branca; não sei d'ella.

Anda ahi mor podêr que o meu. »

FR. GIL.

« Alida,

A rainha das fadas? »

DIABO.

« Sim. »

FR. GIL.

« E quando

Se lhe acaba o incanto? »

DIABO.

« Á meianoute,

Em dia de san' João. »

FR. GIL.

« Com sangue? »

DIABO.

« Sangue.

Solta-me, ou nada mais tórno a dizer-te.

Maldicto frade! affoga-me de gordo. »

FR. GIL.

« Vai-te, inimigo, sume-te! »

Um estoiro

Medonho retumbou per todo o campo;
E em negro boqueirão se abriu a terra.
Estremeceram todos, e aterrados
Se benzem. — Enxophrado fumo e cheiro
Exhala o boqueirão. — Com agua benta
Purificam o ar; e a terra fecha-se.

XXIV.

Frei Soeiro despossesso — como um parvo
Olhava para tudo, e bocejando,
Se é hora de jantar pergunta a Nuno.

Dona Branca.

CANTO SEPTIMO.

I.

Caro es, prazer, quando remorsos custas!
Quanto mel de seu favo amor espreme
Na taça das delicias, — se o tocaram
Labios impuros, negro fel se torna,
Que embriaguez de morte, e não suave
Devancio de languido repoiso
N'alma agitada convulsivo excita.
—Gôso da vida, amor, tam breve passas!
Males que deixas são tam duradouros!

II.

Branca cedeu a amor. C'os olhos turvos
De ternura e deleite, o adeus extremo
Deu suspirando á virgindade; e morta
De prazer e de amor — cahiu nos braços
Do roubador gentil. As horas correm,
Os dias fogem, — voa o tempo a amantes:
E n'um seio de glória adormecidos
Aben-Afan e Branca o mundo esquecem.

III.

Eram fins d'esse mez festivo e bello,
Consagrado o João, sancto o mais guapo,
Mais garrido e brincão do kalendario;
Sancto do proprio mouro festejado,
Cujos orvalhos bentos dão saúde,
Ao corpo e alma, cuja noite amiga
D'amor e dos prazeres, tanto encobre
Gôsto furtivo bejo, namorado,
E o mais que vai per arraiaes, per feiras,
Pelas fermosas margens de teus rios,

Muito devota Elysia, quando as môças,
Quando jovens tafues, pimpões da aldeia
Na abençoada noite vão devotos
Ao milagroso banho! Sancto amavel,
Advogado das limpidas correntes,
Amigo protector das frescas fontes,
Para quem tece de gentis boninas
Recendente grinalda a mão mimosa
Da donzella innocente! Oh! lindo sancto,
Qual ha hi renegado iconoclasta,
Metaphysico, abstruso protestante,
Que ao ver-te assim gentil c'o surrãosinho
Pastoril d'alvas pelles, e affagando
O corderinho que a teus pés nem bala,
Quem será que tal vista não converta?

IV.

E então as agoureiras alcachofras,
Oraculos d'amor, e as crepitantes
Fogueiras! — e a torneada, fina perna,
Que se mostra ao saltar — como a descuido....
« Ai, *mamam*, que me viram quasi!... Nada;

Não salto mais.—Um so, um so. »—E o medo
De crestar a orla crespa e bem franjada
Do tafulo vestido, o ergue mais alto;
E viu-se quasi—quasi tudo agora.
Bemdicto san' João, tudo desculpas,
Tam bom que es—e sanctificas tudo!

V.

Era pois a estação formosa do anno,
Em que todo o seu fasto em luxo e galas
Per nossos meigos climas pavoneia,
De rica esperdiçada, a natureza.
O sol, que tam benefico despende
Para tanto aderêce os raios de ouro,
Em seu zenith ás vezes dobra o fogo;
E a calma intensa aos ledos habitantes
De seu paiz dilecto a miudo offende.
Mas então vós, ó sombras deleitosas
Do annoso freixo, do alamo copado,
Que ao pé da porta respeitado cresce,
E ha gerações que é venerando abrigo
De paes e filhos no queimoso estio;

Mas a floresta espessa, que dá couto
No ardor da sesta ao ceifador cançado,
Ao caçador sequioso; e a grutta fresca
Aopé do rio que salgueiros bordam;
E os regalados pomos saborosos,
Corados — como a face da donzella
Quando ao primeiro amor diz — *não* modestia
C'os labios — porque o *sim* la ficou n'alma :
Ficou, — se o não revelam olhos languidos,
Que o tem (so para cegos) escondido.

VI.

Oh! cressos de Britania! oh! que vos vale,
Ricassos lords, tanto formoso parque,
Tanta grutta (de *libras* sumidouro),
Tam lindas relvas, tam gentis ribeiros!
Onde a calma que dê valor á sombra?
Que é do sol que dê preço a tanto esmêro
D'arte que em vão luctou co'a natureza?
Em vão : — humida nevoa, fumo negro
Pesam n'esse ar; e as urnas incessantes
Os pluviosos gemeos não descançam,

Quasi fixos no immobile zodiaco,
De as emborcar na terra apaúlada.
— Oh! doce clima! oh! sol da minha terra!
Quando te verei eu! quando á tua branda
Restea me aquentarei, e ao suspirado
Lumiar da minha porta as vestes humidas
D'estes gelos do exilio heide seccá-las!

VII.

Abençoado protector d'amantes,
Glorioso san' João que tudo alegras,
Que até descridos mouros te festejam
E canibaes pedreiros te veneram,
Teu sancto dia, tua benta noite
Suspirada d'amor, bem vinda a todos,
Tuas brandas orvalhadas, quem as foge?
Teu serêno saudavel, quem o evita?
Quem teme a vinda de tam fausto dia?
— Dous amantes. — João sancto, advogado
Não és tu d'elles? teu amparo amigo
Negaste-lho? porquê? — Fadas o vedam;
E no tempo em que fadas e feitiços

(Antes que a inquisição queimasse as bruxas)
Imperavam na terra, sancto ou sancta,
O mais pintado e milagroso — embalde
Se opporia ao podêr d'um bom feitiço.

VIII.

A embriaguez d'amor e dos prazeres
Ai! perpétua não é: o bello mouro
Da formosa abbadeça aos lindos braços
Ja tam sedento de prazer não corre.
Saciedade fatal!—Em vão te esforças,
Delicado amador, por encubri-la.
Que amante ha hi, que os resfriados osculos,
Que o affroixar do appêrto nos abraços,
O entibiar das caricias não descubra
N'aquelle, a cujo amor a vida, a honra,
Tudo sacrificou, — toda se ha dado?
Branca o percebe; — misera, a seus olhos
Crédito não quer dar: suspiros nascem
No triste peito, que no peito affoga;
Lagrymas véem aos olhos, e olhos bebem
Lagrymas, — que as não veja a causa d'ellas.

IX.

Oh sexo generoso! e ha tal ingrato,
Que traia tanto amor? — Traidor não era
Aben-Afan: mas vós que haveis amado,
Dizei-o vós; quando a explosão primeira
Do faxo se exhalou, que amor o accende?
Culpa é do amante se em quieto fogo,
Mais tranquilla a paixão no peito lhe arde?

X.

Do Algarve ao rei, de longe em longe, a glória
Esquecida télli lhe dá lampejos
Na phantasia: acodem, pouco e pouco,
Á memoria que surge do lethargo
Em que o deleite a jouve, — ora do sceptro
O brilho, o resplendor do diadema, —
Ora a patria em perigo, ora a victoria
Cingindo-lhe na frente outro diadema
Mais refulgente c'os ganhados louros.
Louros! — « Ramo fatal do meu destino, »
Exclama o joven rei — « emmurcheceste,

Seccaste para sempre! Não ha glória
Mais para mim! a inutil existencia
Arrastarei aqui n'estes dourados
Salões em ocio vil e afeminado!
Ramo fatal! se á custa do meu sangue
Reverdecer podesses! — Desgraçado,
Que proferi!—E amor, e Branca?—oh sorte!»

XI.

Mal os extremos sons dos labios rompem,
O sol se obscureceu; medonha noite
Cai sôbre o ceo, como um funereo manto
Sòbre a cinerea urna: estala um raio,
Com vívido lampejo fende as nuvens,
E horrisono trovão nos ares brama.
« Voto fatal! »—estremecendo disse
O mancebo: seus ramos incantados
Observa: sêcco o myrtho, verde o louro...
Oh vista! — esmoreceu. Sem voz, sem ânimo,
Entre a morte e a existencia suspendido
Desfallece, cahiu. — Sophá ditoso,
Que outros desmaios ha tam pouco viste,

Thalamo de prazer, de dor és hoje.

III.

Branca era longe; triste e solitaria
Pelos vergeis sosinha passeiava,
E pelo mais umbroso da espessura
Suas mágoas entre as flores escondia.
Do escurecer de sol, do trovão subito
Aterrada a fugir aos paços vinha,
Vinha esconder as delicadas faces,
Que o susto descorou, no seio amado.
O coração batia-lhe no peito;
O respirar violento e apressado
A suffocava. Uma lembrança acode:
— « Noite de san' João é ésta noite! »
Noite de san' João! — E a prophecia
Da fada lhe soou no intimo d'alma,
Como o funebre som descompassado
De sino, ao longe, que por mortos dobra

XIII.

Noite de san' João!— Ja, mais de meio
Seu gyro o sol correu. Prazo terrivel,
Quam perto estás! Affroixa o passo, teme
De o ver, de lhe fallar, de recordar-lhe
Os p'rigos d'essa noite que avizinha.
Mas que perigos são? Não disse a fada
Que emquanto o ramo florecer da murta,
Seguro é seu amor, sua ventura?
Ánimo cobra, novo alento, e voa
Nas azas da esperança ao doce amado.

XIV.

Triste! mal sabes que fatal desejo
No coração entrou d'esse que adoras!
Mal sabes, infeliz, que agouros negros
Esse ramo de esp'rança te hão murchado.
— Suas penas c'os sentidos recobrára
O mancebo real, chegar a sente,
E á pressa os ramos escondeu no peito;
O semblante compõe, serena os olhos,

E da illudida virgem ao encontro
Vem com tranquillo, socegado gesto.

XV.

Estreitou-os amor em doce abraço:
Doce direi? — As lagrymas soffria
A linda infante; — elle os tormentos todos
Do inferno padecia.

BRANCA.

« Ó doce amado,

Ésta noite! »

ABEN-AFAN.

« Ésta noite!... »

BRANCA.

« Tu receias!

O quê? oh, não! não m'o encubras; falla.
Communiquemos nossas mútuas penas,
Nossos temores. »

ABEN-AFAN.

« Pois tu temes, Branca? »

BRANCA.

« Ai! d'ésta fatal noite não recordas

O que nos disse a fada? »

ABEN-AFAN.

« Mas promessas

Tam seguras nos fez! »

BRANCA.

« Se os teus desejos

O sêcco ramo.... »

ABEN-AFAN.

« Branca!...—oh! não profiras

A sentença fatal. »

BRANCA.

« De quê? »

ABEN-AFAN.

« Perguntas?

Queres sabê-lo?—Misera.... não queiras. »

BRANCA.

« Ramos fataes!—Não ouso perguntar-te

Se...—Mas tu, doce amor, não desejaste?... »

ABEN-AFAN.

« Eu? desejei— desejo so a morte. »

No chão os olhos d'ambos se cravaram;

E, de todos os males do universo.

Incerteza, o mais cru, co'as azas fuscas
Lh' esvoaça dentro dos afflictos peitos.
Quanto o extremo prazer ou dor extrema
É maior que a expressão! Silencio, a funebre
Eloquencia da mágoa — com teu sêllo
Os descorados labios lhe cerraste.
—Em tanto o dia se perdeu nas trevas;
E a receada noite, dobra a dobra,
Estende sôbre a terra o veo de lucto.

XVI.

Dizei-me, ó fadas que inspirais meu canto,
Espiritos das lobregas cavernas,
Que á meia noite volteais d'emtôrno
Dos tumulos co'as azas membranosas,
Dizei-mo vós; com que fataes palavras,
Per que terriveis ritos se prepara
No arraial portuguez o formidavel
Incanto em que empenhou suas artes todas
O sabio Gil, d'alta sciencia mestre.

XVII.

São horas dez; e clara e doce a lua
Vai pelo azul do ceo, como de gôsto,
Desafiando as cantigas e foguciras,
Com que tua noite festejar é d'uso,
Milagroso João, aos teus devotos.
Mas a rôgo de Gil, de ordem de Afonso,
Arautos prohibiram pelo campo
Folias e cantares, qualquer mostra
De regosijo, quando em tanto empenho
Da christandade contra infieis — so preces
E rogações deviam de fazer-se.
Isto o arauto pregoou: e ao regio mando,
Mas que não satisfeito, ob'dece o campo.

XVIII.

Manso, frei Gil na tenda real entrava,
E a Afonso diz: — « A hora se approxima;
Vão consummar-se os horridos mysterios
Que hão-de volver-te a filha, e entregar-te
Nas mãos seu roubador e teu inigo.

N'ésta redoma ja sem ferro havidas
Tres gottas levo de seu proprio sangue.
Com bebida incantada adormecida
Oriana foi per mim; do esquerdo braço
Com um vitreo cutello infeitiçado
Lh' as extrahi per magicas palavras.
Vela em que o assalto, no momento proprio
Em que a lua no ceo subitamente
Per esconjuros meus ha de esconder-se,
N'esse instante se dê: não arreceies,
Vai certo da victoria; a mesma hora
Que vir Sylves em mãos de Portuguezes,
Verá Branca liberta, e Aben punido. »
Sahiu; e Afonso, que a seus cabos todos
Ordens ja deu e dividiu batalhas,
E prestes fez para o assalto as tropas,
Armado e prompto o prazo dado aguarda.

XIX.

Cèrca dos muros da torreada Sylves,
E á falda d'um outeiro, curto valle
Se estende: *Val de morte* lhe chamaram

Em tempo antigo; ahi per essas eras
Os seus mortos os mouros sepultavam.
Porêm o aspecto placido e sereno,
Qual convem aos que somno eterno dormem,
Nem medonho, nem lugubre parece;
Triste sim, melancholico; mas doce
É a melancholia que hi respira.
No fim do valle broncas penedias,
Como acaso das mãos da natureza
Esquecidas alli, umas sôbre outras
Em massa irregular se encastellavam.
Fenda ha na terra, estreita, entre os penedos,
Per onde uns degraus toscos, porêm d'arte
Feitos, á profundez descem da terra.
Longa caverna ahi jaz, dos reis do Algarve
Antiga, respeitada sepultura.

XX.

Negro manto cubrindo, e abordoado
Em nodoso cajado atravessava
Frei Gil o Val de morte; á boca chega
Da sepulcral caverna, o manto poisa,

Tira da manga mão de infante, morto
Antes que em fontes baptismaes lavasse
A mancha original, — ao dia septimo
Desenterrado á lua, e então cortada
Essa mão, que é a esquerda : ignotas vozes
Murmurou baixo o frade ; e a resequida
Mão se accendeu de si, luz baça e opaça,
Propria a feitiços dando. Co' ella desce
Á escura estancia. — Longo, mas estreito,
O subterraneo vasto se estendia ;
A um lado e outro pela rocha viva
Os tumulos cavados se enfileiram.

XXI.

Co'a infeitiçada luz dia sombrio
N'essa estancia de morte se diffunde.
Ao cabo do carneiro, sôbre a lousa
D'um sepulcro pousando a tocha aziaga
Éstas palavras diz : « Morto que dormes !
Lousa que o cobres ! Cinza que repoisas !
Ossos que vos myrrais ! — Com ésta gotta
De sangue que desparzo, recobrae-vos,

E á minha voz se desencerre a campa, »
Da redoma que traz, um golpe verte,
E com ronco estridor os ossos rangem
Dentro da campa. — Ja segunda entorna,
E a lousa se ergue. — A terceira esparze,
E de dentro da campa um secco braço
Surde como buscando, sôbre a borda
Do atahude, apoio para alçar-se.
A carcomida mão firmando a custo,
Se eleva em pé squeleto descarnado,
Mal cuberto de andrajos lacerados
Do sudario que, ha seculos, por último
Vestido, trouxe á estancia dos finados.

XXII.

SPECTRO.

« Que pertendes de mim? Porque vieste
De meu eterno somno despertar-me?
Peza-te a paz dos mortos, homem vivo,
Não tens assás de guerra e de disturbio
La sôbre essa inquieta superficie
Da terra que inda habitas? — Acabadas

Entre os meus e o christãos pelejas foram;
Ou ja meu sangue o sceptro dos Algarves
Conquistados per mim, perdeu covarde? »

FR. GIL.

« Sobeja-lhe uma hora de reinado
Á tua geração: mas da fadada
Ampulheta dos seculos o extremo
Bago d'areia cai; a derradeira
Hora chegou do imperio de teus filhos. »

SPECTRO.

« E isso vens annunciar-me? »

FR. GIL.

« Isso. »

SPECTRO.

« Com honra
Minha progenie acabará aomenos? »

FR. GIL.

« De ti depende: ou perecer com glória
Deve hoje o derradeiro rei do Algarve;
Ou longa vida em ocio vergonhoso
E criminaes deleites lhe é fadada. »

SPECTRO.

« Pereça. »

FR. GIL.

« Alto podêr em prisões doces
O prende e guarda : incanto que o defende
So a ti não empece : da ignominia
Se desejas salvá-lo, vem e segue-me.
Gripho alado acharás no Val de morte ;
Sôbre elle montarás : voa-lo deixa.
No atrio pousará d'uns bellos paços.
Bate á porta tres vezes quatro : o resto
La saberas. »

SPECTRO.

« Irei. — Porèm, se a lua
Clara é no ceo, não posso ; não consente
Sombra de mortos o clarão da lua. »

FR. GIL.

« Parte : cubrir-lhe-hei com esconjuros
A face, e a esconderei. »

A lento passo
O esqueleto caminha ; andando, os ossos
Se lhe deslocam, e medonhos rangem.

Adiante o frade vai, e á boca apenas
Chega da cova, com fataes palavras
Impreca á lua que sua bella face
Envolva em negro veo, nem interrompa
Com a alva luz, das trevas os mysterios.

XXIII.

No ceo se apaga o luminar da noite,
Trevas a face do universo cobrem;
E os ares negros negro fende o hyppogripho
C'o finado guerreiro. Emtanto aos muros
De Sylves mansamente se aproximam
As escadas, as gravidas balistas,
Catapultas que amorte ao longe atiram;
E as movediças tôrres lentas rodam.
Cada um dos chefes o seu lanço toma
Do muro; e divididas as batalhas,
A um signal dado o ataque se começa.

XXVI.

Ja sôbre o alto do muro os mais affoitos
Subindo chegam; ja bradar: « Sanctiago! »

Ia Afonso mandar : vela de mouros
Os descobre, e gritou : « Alarma, alarma! »
Os sitiados, que despertos sempre
Prestes estão, á defensão acodem.
Trava a peleja ; lanças se aremeçam,
Ardentes alcanzias, duros cantos ;
Nuvens de settas pelo escuro á toa
Silvam pelo ar : do alto despenhados
Das escadas uns cahem, semque aos outros
O ânimo de subir lhes acovarde.
Dobra co'as trevas o terror; augmenta
Com a grita confusa a sanha, a furia
D'um lado e outro ; e longo permanece
Entre tanto valor dubia a victoria.

XXV.

Lindos paços que tanta formosura,
Tanto lustre encerrais, tanto amor vistes,
E de tanto prazer theatro fostes,
Paços da maga Alida, a vós me volvo.
Velas tu, bella infante, — e tu, formoso
Mouro, velas tambem, ou brando somno

Em repoiso fallaz vos tem sopitos
Para cru despertar? — Tristes! não dormem.
Um c'o outro abraçados, a terrivel
Hora fatal da meianoite aguardam.
— « Tanto não poderão » Branca dizia;
E os soluços palavras lhe cortavam:
« Tanto não poderão que dos meus braços
Te separem. A morte embora... »

— Bate

Dura pancada n'esse instante á porta
Do paço, e vezes doze se repète
O mesmo rudo som lento e pausado.
— « Ai! » gritou a donzella, e embalde aperta
O seu amor n'esses formosos braços
Em vão! — a hora fatal soou: quebrou-se
O incanto. N'um momento os lindos paços
Desapparecem. Sos na ingreme roca
De calvo outeiro ficam. Abraçar-se
Inda c'o amante a misera se esforça:
Sècca mão d'um espectro arrasta e leva
Com invencivel fôrça o mauro joven;
Em alado corcel com elle foge;

Ja nos ares se perdem..... —

Branca, oh! Branca,

Baldado é teu chamar, baldado o choras;

Nunca mais o verás: leva-t'o.... a morte.

XXVI.

UMA VOZ.

« Teu execrando amor os ceos puniram

Segue-me: o Deus, que desleal trahiste,

Vem applacar com dura penitencia,

Vem abjurar tua paixão nefanda;

Vem, — ou n'este momento has pronunciado

Sôbre tua cabeça criminosa

Condemnação eterna. »

BRANCA.

« Mis'ricordia,

Seuhor meu Deus! — maior castigo ainda

A meu peccado tens? maior do que este?

Deus de piedade! — separar-me... »

VOZ.

« Cega!

Emmudece, blasphema. »

— Da mão trava
Á donzella infeliz mão ruda e aspera.
Semimorta da dor, n'um quasi espasmo
Que a vida lhe parou, languida a frente
Lhe descai, como ao lirio delicado,
Que ardor do sol pendeu. Leva-a nos braços
Frei Gil (d'elle era a voz que lhe fallava),
E per seus incantados poderios
Veloz caminha, e mais veloz que o vento,
Per atalhos ja d'outrem não sabidos,
Per devezas, per bosques, per silvados
Illeso passa; e quando mor se ateia
O furor do combate e assalto, chega
Ante os muros de Sylves. Despontava
A arraiada no extremo do oriente;
E a luz que nasce de mostrar começa
Os estragos da noite. Mor se augmenta
Co'a vista horrivel, da peleja a furia.
Emtanto Gil co'a infante á régia tenda
Invisivel entrava; — e sôbre os muros
Da forte Sylves o pendão das Quinas
O intrepido Nuno ovante arvora.

XXVII.

Aqui, aqui, ó nobres cavalleiros!
Aqui de Portugal! vêde: o estandarte
Lusitano cahiu; precipitado
Das altas tôrres sôbre os corpos rólla
Exsangues dos que ardidos o hastearam.
Aqui de Portugal, aqui! salvae-a
A lusitana glória, que vacilla.
O mouro exulta e freme co'a esperança
Recemnada de sangue e de victoria.
Quem lh'a inspirou? que subita barreira
Ao valor dos christãos se poz d'avante?
Fogem, vozes de cabos não escutam:
A fugir Portuguezes! — Fogem, tremem.
Quem é esse inimigo formidavel
Que tanto póde? Um so campeão. Armado
De enferrujadas armas, que parecem
Sôbre a campa em tropheo haver jazido
De morto cavalleiro, — é elle: o escudo
Sua devisa tem; de myrto e louro
Dous ramos são, — Aben-Afan, que á porta

D'Azoia investe; qual ferido tigre,
As bathalhas dos Lusos rompe, acossa,
Affugenta, dispersa Morre o ousado
Que as costas não voltou: « Fugi, que é elle! »
Se ouve grito geral: « Fugi, que é elle! »

XXVIII.

Do alto dos muros o infiel responde
Com gritos de victoria aos sons covardes,
E a seu rei, que lha traz, ledos saúdam.
Porta de Azoia, que sahir o viste
Quando levou comsigo esp'rança e glória
Do vacillante imperio, — abre-te agora,
Abre-te a recebê-lo. — É tarde, é tarde;
Os seus dias e os teus estão contados,
Senhorio de Agar, em nossas terras.
A porta abriu-se, mas em vão; ja diante
De Aben, o mestre de Sanctiago em riste
A lança tem. — « Defende-te (lhe brada)
Rei do Algarve, defende-te: a vergonha
Do nome portuguez lavo em teu sangue. »

XXIX.

Justaram lanças; lanças se quebraram.
Espadas nuas,—e as espadas cruzam.
Golpe é mortal cadaum; broqueis aparam
Os duros botes c'os espontões duros.
Nunca taes campeões juntou a guerra
Em próva singular de brio e fôrça.
Cessa o assalto: na muralha os mouros,
Na esplanada os christãos as armas poisam;
E nos dous cavalleiros se concentra
O combate geral. Mas ja das cotas
Roxeia o sangue, ja desmantelados
Braceletes desprendem, ja partido
Do mestre o escudo c'um tremendo golpe
Do joven rei cahiu. Brioso arroja
O mouro o seu; lealdade lhe não soffre
Cam armas desiguaes peleja ignobil.
Sem defensão á espada fica o peito,
Fica a frente: os cavallos mal supportam
A fadiga, as feridas; pé em terra
Poem: de novo as espadas fogo e sangue

Ferem, redobram; mas o alfange quebra
Ao musulmano rei; — não quebra o ânimo;
A seu competidor de arteiro salto
Corre, nos braços o travou membrudos;
E enlaçados os dous, de corpo a corpo,
De peito a peito, infatigaveis luctam.

XXX.

Fôras, sorte, imparcial — nenhum vencêra;
Neutros permanecei, fados da terra,
Nenhum succumbirá. Mas os destinos
Nas balanças fatidicas pesaram
A sorte das nações; e o mahometano
Imperio pende. — Aben-Afan succumbe,
Cai: embalde o inimigo generoso:
— « Cavalleiro (lhe diz) tua vida é minha:
Não queira o ceo que a tal campeão a tire. »
Em vão! nos olhos tremulos vacilla
A derradeira luz, nas faces pallidas
Ja mais sangue não ha que o das feridas.
So morto cede; vivo se não rende
Quem jamais de estacada ou raso campo

Sem victoria sahiu. — « É morto, é morto »
Clamam christãos, e ás portas se arrojaram.
De subito pavor cortado o mouro,
Sem resistir, ao jugo offrece o collo.
De novo as Quinas nos torreões tremolam,
E no Algarve d'áquem Afonso impera.

XXXI.

Nas ameias da tôrre pendurada
Foi a cabeça do traidor Soeiro.
Em vão por elle supplicou Oriana;
Elrei não cede: atroz, horrendo é o crime;
Pune-o de morte a lei; e á lei não ousa
Para tal delinquente o rei magnanimo
Justo rigor embrandecer piedoso.

XXXII.

Ás torturas da dor resiste a vida
Da linda Branca; mas razão lhe foge.
Por Aben clama, por Aben suspira.
De remorsos e amor ja ri, ja chora,
E c'os olhos no ceo, a alma na terra,

Ora implora perdões, blasphema outr'ora.
— A Holgas a levam : Oriana a segue,
Oriana, que deixar um triste mundo
Onde tudo perdeu, ao ceo votára.
Unica a vista d'ella a dor acalma
A afflicta Branca : seu formoso gesto
Muda, quèda contempla horas inteiras,
E uma por uma nas feições lhe colhe
O parecer d'aquelle que inda adora.
Mas ah ! consôlo misero e mesquinho !
Pouco e pouco se esvai o doce ingano ;
E a verdade fatal volve mais crua.

XXXIII.

Flor da existencia desfolhou-se n'hástea :
Ramos que amarellecem vão cahindo ;
Vejeta o tronco ainda : — mas é vida
Esse viver que se alimenta em lagrymas?

NOTAS.

AO CANTO PRIMEIRO.

PAGINA 1.

Aureos numes d'Ascreu.

Hesiodo de Ascra, a cuja Theogonia (ou geração dos deuses) aqui se allude.

PAGINA 2.

Da minha conversão, sincera é ella...

Deve intender-se este verso e os dous subsequentes no verdadeiro sentido: a tenção do auctor foi impugnar as ficções gentilicas, alêm de absurdas, insossas para nós. E todavia não é propriamente *maravilhoso christão* o de que se serviu n'este poema: julga elle a relígião muito sublime cousa para se fazer entrar em poemas, cujo assumpto não seja ella mesma, ou um de seus dogmas, como no Paraizo de Milton, no poema didatico de Racine. N'ésta composição, seguiu-se visivelmente o exemplo de Wielland no Oberon; todo o seu maravilhoso é tirado das fabulas populares, crenças e preconceitos nacionaes.

PAGINA 4.

A real Branca, de Lorvão senhora.

D. Nunes de Leão chama á infante D. Branca *senhora* de Lorvão e *abbadeça* de Holgas: não descubro eu a razão d'ésta distincção; mas conservo-a porque não era tal historiador como Duarte Nunes para a fazer sem motivo.

PAGINA 4.

O castelhano rei...

D. Afonso de Castella e Leão, imperador eleito que veio a ser d'Allemanha, cuja filha era D. Beatriz, mulher de D. Afonso de Portugal o III. e mãe d'elrei D. Diniz, de D. Branca, e outros infantes. D'essa filha D. Beatriz foi elle tam amante, que por seu respeito cedeu ao genro os direitos que reputava ter ao reino do Algarve, direitos que por de boa lei tinha, ja em razão da dominação antiga, ja porque de novamente o ia conquistando a ordem de Sanctiago, cujo mestre, ainda que portuguez (e portuguezes quasi todos os cavalleiros que andaran na conquista) eram todavia elle e sua ordem vassallos de Castella. Por amor d'ésta mesma filha quitou despois D. Afonso ao de Portugal a obrigação das cinquenta lanças que com a investidura do Algarve lhe impozera. Veja D. Nunes. Chron. de D. Afonso III.

PAGINA 5.

Vassallos estes são que as ferteis varzeas

De Burgos teem.

O convento ou abbadia de Holgas está situado nas deleitosas varzeas de Burgos; e grande espaço em derredor eram vassallos d'elle os povos que as habitavam. Ainda hoje teem elles grande dependencia do mosteiro; e a abbadeça (me disse um biscainho cuja tía o fôra) usa de mythra como abbade: ésta singularidade motivou o verso acima:

A mais subido,
Mais alto grau na hierarchia.....

PAGINA 5.

Salvos conductos do valente Afonso...

Diziam-se salvos-conductos os que davam reis e senhores feudaes a quem, receioso de passar por suas terras, lh'os pedia para segurança de sua pessoa, porque o não atacassem, ou lhe não defendessem a passagem. D'elles ha exemplos na historia dados a reis per outros reis, como foi o que a D. Pedro o cru de Castella deu elrei D. Pedro I. de Portugal.

PAGINA 6.

Com ricos pannos d'ouro..,

Chamavam pannos d'ouro a certo tecido feito com palhetas de ouro, ao qual, supponho, se dá hoje o nome de *lhama* de ouro ou prata, a segundo é o metal de que são as palhetas.

« O corpo de dona Inez de Castro vinha em hũas andas, cubertas de hum panno de auro. »

diz D. Nunes, fallando da trasladação de D. Ignez.

PAGINA 6.

Que nem o agudo Busembau sonhára,
Nem o larraga lhe mettêra o dente.

É evidente o anachronismo; mas alêm de não ser na bôca dos actores, não pude resistir á tentação de fallar em dous tamanhos casuístas. O Larraga foi oraculo dos nossos padres moralistas, e a obra prima da sabedoria humana em a sciencia dos costumes, e direcção das consciencias. Assim no-lo pregavam jesuitas. Ja se ve que ironicamente é dicto aqui: os bons eclesiasticos hoje são os primeiros que taes livros desprezam.

PAGINA 6.

Mestre Gil Vaz que em Padua fez prodigios.

Aos physicos e doutores medicos chamavam então em Portugal *mestres*, ou *messeres* á italiana. E não so aos doutores em medicina, porêm aos outros tambem, como é de ver, nos escriptos d'esse t'empo ou que d'elle nos contam. Em Padua era a mais famosa universidade para physicos, assim como em Bolonha para juristas e theologos. A de Coimbra não veio a fundar-se, senão em o reinado seguinte.

PAGINA 9.

De monges negros...

Os monges distinguiam-se ao principio, ou per aquellas eras na Europa, pelas côres de sua cogulla:

Bernardos ou de Cister os *brancos,* bentos os *negros.* São vulgares, não so as rivalidades d'éstas ordens entre si, mas as chufas, dicterios e apodos com que se motejavam uns aos outros sôbre negros e brancos, per equivocos e joguetes que d'éstas palavras formavam. Em Inglaterra ha ainda hoje sitios, especialmente em Londres, denominados de *black*, e *white friars:* nem era so popular este appellido, que assim lhe chamam estatutos e canones antigos.

E não sei por que fado, sendo em toda a parte os monges negros dados ás sciencias, respeitados e dignos de o ser, os pobres Bernardos vieram em Portugal a ser o objecto da mofa geral, que seguramente se não dirige a seu sagrado instituto, mas á crassa ignorancia que por abuso d'esse instituto entre elles reina.

PAGINA 11.

O que lhes falta, o quê? — Falta a tremenda.

Este verso não carecia de nota, quanto a mim, porque não suppunha que houvesse em Portugal quem ignore o uso venerando (por antigo) dos monges de san' Bernardo, uso conhecido pelo nome de *tremenda.* Advertiram-me porêm que assim não erá, porque em Lisboa, por exemplo, muita gente o não sabia, como o sabemos nós provincianos, que mais de perto lidamos com aquelles padres, e lhes sabemos das.... virtudes.

A certa hora da noute, depois de ceados, rezados, deitados, adormecidos, e roncados os reverendos

padres, vão pelos dormitorios, leigos, donatos, coristas, ou moços, que tanto não sei eu, com uma enorme marmita, ou outra que tal vazilha, cheia de gordas grossas e pingues postas de cevado toucinho cozidas e adubadas com seu môlho de vinagre, e nao sei que mais ingredientes; e batendo ás portas das cellas, acordam aquelles penitentes varões para tam frugal repasto, que suas reverendissimas mui devotamente, e por sancta obbediencia devoram. A isto de chama *tremenda;* porquê e com que etymologia não pude ainda descubrir; mais o facto asseveram ser tam real como a existencia dos cachaços dos reverendos padres. Talvez d'aqui venha aquelle sabido anechim, que ás pessoas de juizo *bernardo* se applica:

Tens muito toucinho nos cascos.

PAGINA 11.

E em caso de mais polpa um bom milagre.

Nao interpréte algum mal-intencionado que o auctor quizesse de maneira nenhuma atacar a pia crença da Igreja. Mas certo, que ha milagres de milagres, que tem havido impostores que abusaram da boa fe pública. Com esses é a ironia d'este e dos versos subsequentes.

PAGINA 16.

Como atahude egypcio que entre os brindes...

Não commento este verso para explicar a allusão

historica tam sabida de toda a gente, mas para dizer que a comparação nao é minha: li-a, porêm aonde não me posso lembrar.

PAGINA 16.

Insoluvel theorema a sabios, se ergue
A obra dos Pharaós.

Porque digo theorema, e não problema como geralmente se diria, conhecem os que sabem a differente natureza e significação das duas cousas e palavras.

Quanto a *insoluvel*, auctorizar-me-hei com as observaç˜es modernas de um viajante inglez, que apezar de não ser tam conhecido e fallado como Volney, Chateaubriand, e outros viageiros orientaes, em muitas cousas observou mais reflectido, e intendeu melhor que elles. Eisaqui o que elle diz sôbre as célebres pyramides de Egypto:

« Com imperfeitos conhecimentos da antiquidade, e auxilio de arbitrárias analogias vãos esforços se tem feito para romper a obscuridade que involve a origem d'estes monumentos: as tentativas dos sabios modernos, depois de observaç˜es longas e assiduas, antes teem multiplicado do que ajudado a arredar as difficuldades. O fim de taes construç˜es porventura *não foi jamais* nem completa, nem geralmente *conhecido*. Cartas sobre a Palest. Egypto, etc., Por J. T. R. — *Cart.* 25.

É notavel porêm que, depois de tal confissão, o auctor nos appresenta a sua opinião como a *unica segura*.

PAGINA 18.

Que por velas de mouros o tomára.

Velas na linguagem d'aquelle tempo, quer dizer vigias, sentinellas. Vejam-se os classicos *passim*, e especialmente D. Nunes na chronica delrei D. Afonso Henriques, pag. 108, ediç. de Lisboa de 1774; ahi:

« E quando veo ao quarto da alva, tempo em que entenderão que as *velas* estavão mais somnolentas. »

Rolda, ou *sobrerolda*, que alguns teem polo mesmo, é todavia differente. Rolda é a sentinella, ou vela que vigia sôbre outras velas; como hoje ha official do dia que visita de noute as guardas para ver se tudo vai em ordem. Outro logar do mesmo D. Nunes, e logo na pag. seguinte, 109, authentica ésta distincção: « Nisto a *rolda*, que andava pelo muro requerendo as *velas*, chegou perhi, e lhes fallou. »

PAGINA 18.

Bem travado co' elles
Anda o mestre Dom Paio.

D. Paio Correa, portuguez de nascimento, e mestre de Sanctiago em Castella, que com seus commendadores e cavalleiros tomou aos mouros os mais dos logares do Algarve, e depois se fez vassallo d'elrei de Portugal, a quem entregou todo o ganhado

por motivo da cessão de D. Afonso de Castella. Foi homem de singular valor e nomeada prudencia.

PAGINA 19.

Como as sette

Aureas tôrres no escudo lusitano...

Como ao singelo titulo...

As sette tôrres do escudo portuguez são pelos Algarves, e *aureas* porque são amarellas, que em blazoneria é o mesmo que aureas, ou de ouro. As quaes tôrres são em campo *vermelho;* e a razão d'isto refere o citado chronista, foi *por os logares que erão tomados aos mouros, e por os que sperava tomar com spargimento do sangue delles.* Quanto ao número de sette, é elle mais moderno: vêem-se em pinturas antigas, doze e mais castellos nos escudos portuguezes. Li-o algures, mas não me recordo de que rei nosso fixou o número de sette, para o quê não teve razão particular, senão motivo de regularidade para o futuro.

Os primeiros nossos reis intitulavam-se somente com a singela saudação de Ourique, em Lamego confirmada, de reis de Portugal, ou dos Portuguezes, que tambem ha documentos e scripturas antigas, em que vem d'ésta última fórma. Depois da tomada do Algarve, accrescentaram — *e do Algarve* — no singular. O plural — *dos Algarves*, com — *d'áquem, e d'além mar em Africa* — só o tomaram depois de

haver estendido a conquista á outra parte do mar na Barbaria. Com effeito antigamente houvera este reino dos Algarves d'áquem e d'alêm mar em Africa unidos em um so imperio, e era mui grande estado, que da parte da Europa começava na cidade de Almeria, reino de Granada; e da parte de Africa, desde a boca do estreito corria até Tremecem, em que entra o reino de Fez, e as cidades de Ceuta e Tangere; ao que antigamente chamavam reino de Benamarim.

« Algarve *Algarb* é a parte occidental, ou Poente. Assim chamam os mouros á antiga Turdetania. Não pude descubrir onde Duarte Nunes de Leão, Bluteau e outros auctores acharam a etymologia que dão a este nome, dizendo que Algarve na lingua arabica significa *terra plana, cham e fertil*, quando todos os auctores arabes, até o mesmo vulgo o toma pela parte occidental.

Algarb que nos corruptamente chamamos Algarve. Barros, dec. 1, p. 1. » —Vestigios da ling. arab. em Portugal, per Fr. João de Sousa. Lisboa, 1789.

PAGINA 20.

E a hora a costumada
De suas rezas maldictas.

O escurecer, hora, em que se illuminam os *minaretes* ou grympas das mesquitas, e sobem a elles os Imans a chamar para a oração da tarde.

PAGINA 20.

A pergunta costumada
De — « Por quem , cavalleiro? »

Era o — *qui vive?* — d'então. Ao passar per pontes, logares fortes, etc., ás entradas das terras e castellos, se fazia esta pergunta, que as continuas guerras e disputas feudaes faziam necessaria. Cavalleiros, ou gentes d'armas, quando em qualquer parte se encontravam, mutuamente a faziam; e muitas vezes as respostas eram á viva lançada, e amiudo acabou o interrogatorio com morte do perguntador, ou do outro, ou de ambos.

PAGINA 25.

Hymno exemplar e sancto,
Extrahido do cantico dos canticos.

Voltaire, que foi tammanho impio como todos sabem, tentou mostrar que o sublime *cantico dos canticos* era um poema lascivo oriental, e não inspirada canção do rei sabio: paraphraseou-o a seu modo para este fim, e com tal arte diabolica o fez, que parece que tem razão, a quem so em Voltaire o ler. O cantico dos canticos é um sublime trecho de inspirada poesia, mas que não é para de todos ser lido e intendido.

AO CANTO SEGUNDO.

PAGINA 31.

A ventura, o prazer d'um nó separa.

Tudo quanto aqui se diz arrespeito dos votos religiosos não é sôlta generalidade, nem invectiva contra os sanctos asylos que para o infortunio, para a virtude, para a fraqueza humana abre o claustro e principalmente a um sexo que per si é destituido da fôrça, da energia que as difficuldades da vida precisam. Mas ninguem póde negar que terriveis, funestos, desastrosos abusos teem solapado éstas instituições. É geralmente demaziado tenra e inexperta a idade da profissão: e muitos varões de grade doutrina e religião contra esse êrro fatal teem clamado: êrro que priva o estado de tanta boa mãe, de tanta esposa excellente, e atulha o claustro de tanta má religiosa.

A estes abusos, e so a elles se refere o que no poema é dicto.

PAGINA 33.

Largas postas do nitido cevado.

Assim chamam na minha provincia ao porco engordado em casa, e na *cortinha*, ou *eido*, como diz a nossa gente.

PAGINA 37.

Basta, padre, á ordem.

Conheço o anachronismo da expressão; mas des-

culpem-me, porque ha certas cousas e palavras, que pela muita vontade que me fazem de rir, não posso impedi-las que se me não venham encaixar onde quer que ha caso para rir.

PAGINA 39.

E em manta enorme atassalhando um naco.

Manta, é de toucinho, e atassalhar, de qualquer carne. São vulgares expressões; mas para exprimir ideias vulgares, como se hade fazer sem ellas, ou sem cahir em Gongorismos e Elmanismos? — Não disse Virgilio: *Pars in frusta secant?*

PAGINA 40:

Digna de ti, ó Wan-derneer mimoso.

Pintor célebre da eschola flamenga, cujos characteres são á simpleza e naturalidade (porventura demaziada as vezes.) O fundo dos quadros flamengos é quasi sempre negro, ou muito escuro: a isso alludem os versos mais abaixo.

Pinta-me o escuro
Fundo dos quadros teus.

PAGINA 48.

Tremendo Allá soou pelas abobedas.

Voz ou grito de accometter e de guerra dos mahometanos. Em arabe é — *Alla acbar — Deus é todo poderoso.*

PAGINA 51.

Donde vieram ao reclamo tredo
Do vingativo pae pola offendida
Honra da loura virgem.

Allusão á entrada dos mouros nas Hespanhas, per ajuda e chamamento do conde Julião, que para vingar a honra de sua filha, infamada per elrei D. Rodrigo, foi traidor á patria. Sir Walter Scott nas notas á — « Visão de D. Rodrigo » — parece dar algum pêso ás dúvidas de Voltaire (hist. gen.) sôbre a authenticidade d'este facto, e talvez porque Gibbon lhes dera tambem valia. Certo é porêm que uma tradição tam geral e constante não é para ser destruída com simples dúvidas, mas que sejam de grandes auctores,

PAGINA 57.

Tal em cheiroso banho aspide amigo
Voluptuoso suicida.

O que se conta de Cleopatra, a este respeito, era frequente uso dos orientaes, até na morte voluptuosos, — ou *deliciosos*, que é expressão do nosso Lucena.

AO CANTO TERCEIRO.

PAGINA 61.

E vós, fermosas mouras incantadas,
Na noute de san' João aopé da fonte
Aureas tranças.....

É crença popular entre nós que na noute de san' João todos os incantamentos se quebram: as mouras incantadas, que ordinariamente andam em figura de cobras, tomam n'essa noute sua bella e natural presença, e vão pôr-se aopé das fontes, ou á borda dos regatos a pentear os seus *cabellos de ouro*. Os thesouros sumidos no fundo dos poços véem á tona d'agua, e mil outras maravilhas succedem em tam milagrosa noute.

PAGINA 62.

Ja indo, ás duzias, em casquinha d'ovo.

Ainda hoje é superstição commum nas aldeias o quebrarem as cascas dos ovos depois de comidos, por temor, dizem e crem, que d'elles se não sirvam as bruxas para ir á India, ou a outras partes longes onde costumam de ir embarcadas em taes navios, chupar sangue de meninos por baptisar, ou fazer alguma outra maldade de seu officio. Todavia é mister que se recolham cedo, e antes do cantar do gallo—preto que são os mais certeiros có'a meianoute — porque a essa hora acaba-se-lhes o incanto e podêr: assim

muitas teem morrido affogadas per esses mares de Christo. A isso allude o verso mais abaixo:

E ai! se o gallo cantou, que á meia noute
Incantos quebram, e o podêr lh' acaba.

PAGINA 62.

Não gósto de Irminsulfs, nem de Theutates.

São os deuses dos Druidas. Os poemas de Macpherson, que tantos annos correram mundo com o nome de Ossian, foram de tanta moda aqui ha tempos, que os phantasmas scandinavios, caledonios, e todos as outras invenç~es e mythologia runica andavam na baila per versos e versinhos de toda a gente. Cesarotti, o erudito e profundo Cesarotti quasi que dá preferencia ao imaginario bardo ecossez sôbre o proprio Homero; e elle, que ambos os traduziu, certo que os tinha estudado. Buonaparte, cuja imaginação gigantesca se apprazia em tudo o que era d'este genero, foi grande prezador de Ossian, e e o preferia a todos os poetas: n'esse tempo em França a torrente dos trovadores ia com o vento imperial. O elegante Lebrun, unico lyrico que tenho conhecido francez, de geito (digam o que quirezem de Malherbe, e Rousseau) em uma gallante odesinha graciosamte combate, e mette a ridiculo ésta preferencia.

Quanto a mím, tenho que as artes filhas da natureza devem andar a par d'ella, e com ella. Essas phantasmagorias druidicas são bellas, são magníficas nas montanhas e despenhadeiros da alta Escocia, nos gelos e neves das terras polares; mas nos nos-

sos dulcissimos, e risonhos climas não podem ter mais valor do que a impressão extraordinaria do primeiro momento; e repito que essas bellezas glaciaes.

« Do sol do meio dia aos raios vividos
Parvos! -- se lhes derretem; a brancura
Perdem co' a nitidez, e se convertem
De lucidos christaes, em agua chilra. »

PAGINA 62.

O saxeo promontorio, que de Sagres
Tem hoje nome.

Para explicação de tudo o que vai dicto até o fim da estancia IX, copiarei aqui um tracto de uma mui breve, porêm mui bem escripta descripção d'ésta parte do Algarve, cujo auctor supponho ser um doutor Silva, medico e homem de muito saber e gôsto, de quem possuo alguns preciosos mss.

« Entrando na praça de Sagres dous contrarios effeitos se observam; per uma parte admira-se um quasi isthmo composto de um enorme rochedo, onde tudo são bancos de *saxum*, ora horisontaes, ora obliquos, ora verticaes, cuja revolução assás mostra a existencia de vulcões, testemunhada com os dous grandes hyatos que la se encontram; per outra ve-se com espanto o que fôra theatro das observações astronomicas de nosso famosissimo infante D. Henrique reduzido a ruínas, que á excepção das baterias, mais inculcam uma praça abandonada, que guarnecida: quanto mais se reflecte que d'este pôrto sahiram as

expedições, que abriram o primeiro caminho á descuberta das nossas colonias, cuja epocha faz figurar tam gloriosamente a nação portugueza no mundo, e que este mesmo pôrto é demandado como asylo de todos os navios que atravessam os nossos máres, tanto mais se magôa todo o bom portuguez: porque se não accredita a origem de tanta honra que d'alli resultou á nossa patria, envergonhando-se de que o estrangeiro esperando achar um padrão distincto de tam heroicos feitos, não encontra senão uma face cadaverica de fortaleza, sem viveres, sem cultura nas terras adjacentes, d'onde possa fornecer ás suas embarcações os generos de que necessitam: tanta é a penuria e despopulação d'aquellas pobres terras!....

« Na distancia de mil passos andantes do nordeste da praça fica uma pequena lagoa.... As plantas que crescem dentro daquelle recinto são a mor parte de *fragaria*, alguns ranunculos aquaticos, alguns juncos, e poucos almeirões, azedas, e grama.... alecrim, rosmarinho, tojos, e carqueja.... »

PAGINA 71.

Onde o próvido insecto auxiliando
Trabalhos d'arte, e fôrças da natura,
A sacarina flor no botão pira.

O insecto que se gera ou desinvolve no figo de certa especie de figueiras, e que tomando corpo, fura o figo onde nasceu, e vai picar os das outras. Plantam para este fim os Algarvios aquella casta de

figueiras entre as mais, porque o figo assim piado incha, augmenta de volume e melhora de sabor. Digo *sacarina flor*, porque é sabida decisão de botanicos não ser o figo fructo, senão flor, ou antes involucro de flores.

PAGINA 72.

E o grave da saxonica rudeza.

A architectura saxonica differenceia-se da gothica pelo massudo e grosseiro de suas fórmas. As arcadas gothicas são ligeiras e aguçadas, as saxonicas redondas, pesadas e achatadas. Não so em Inglaterra, e Alemanha, como alguem crê, mas em Portugal, e per todas as Hespanhas ha monumentos de ambas ellas.

Não lhe descubriria o proprio Volney...
Nem tu famoso Jones....

Volney nas viagens do Egypto, e sir W. Jones *Essays on eastern poetry and on the imitative arts*, (Lond. 1777.) são, quanto a mim, os mais intelligentes antiquarios, que de cousas orientaes escreveram. Não sei se me ingano, mas tenho por mais profundo o inglez.

PAGINA 75.

Os leões de incanto
Os olhos, quando dormem, arregalam.

Em todos os contos de fadas e castellos incanta-

dos se deparará com ésta circumstância arrespeito de le-es, dragos, serpentes, etc.

PAGINA 77.

Ja em Cacella, preço offerecido
Por Estombar, e Alvor.

D. Paio, mestre de Sanctiago, e os seus commendadores e freires tinham tomado aos mouros do Algarve os logares de Alvor e Estombar; e estes lhes offereceram por ellas a praça de Cacella, que apezar de mais consideravel, ficava proxima a Tavira, praça forte e mui defensavel dos mouros. D. Paio acceitou, e d'ahi com mais fôrça continuou e acabou a conquista. veja-se D. N. do Leão Chr. de D. Afonso III.

PAGINA 78.

Abre-te, porta,
Porta d'Azoia.

Célebre porta de Sylves, da qual faz menção o citado D. Nunes no mesmo logar.

PAGINA 81.

Mais fragrantes que o oleo precioso
Das rosas do Thibet.

Este oleo, que se vende carissimo, é celebrado per todo o oriente, e ja hoje o luxo europeu o fez conhecido entre nós. Um dos primeiros poetas d'és-

tas eras, e agora (depois da morte de Byron) o primeiro dos hoje viventes, o suavissimo Anacreonte do norte, Thomaz Moore eternizou na sua Lala Rook a memoria de tal oleo.

AO CANTO QUARTO.

PAGINA 90.

Falso o meu Deus; e o teu é verdadeiro?

Note-se que falla um infiel dirigido pela falsa luz das suppostas verdades naturaes, e sem a guia da revelação. Assim na estancia seguinte, a VI., se diz:

Os theologos sabem mil respostas....

PAGINA 95.

Flexivel, curta vara tem na dextra.

A célebre varinha de *condão*, ou *divinatoria*, insignia e instrumento de fadas, incantadores, etc.

PAGINA 105.

Sois vós outros,
Portuguezes, imigos do descanço,
E delicias da paz.

São expressões de um rei, ou régulo da India, em carta, ou falla a um de nossos capitães per

aquellas partes, nos bons tempos da glória da nossa gente. — Hoje.....

PAGINA 107.

Embriagando-se em sangue de parentes,
De amigos....

Superstição muito geral no oriente que veio a prevalecer depois para o septentrião da Europa. O nome de *Vampyro* é hoje célebre pela historia de Lord Byron, ou de quemquer que é seu auctor.

PAGINA 109.

Como a espada de fogo, que fulmina
Nas mãos do guardador do Eden defeso.

Os mahometanos citam, e dam crédito a grande parte dos livros do Testamento Velho, e fallam de Moisés, Abraham, etc. com a mesma veneração que judeus, e christãos.

PAGINA 115.

O burel do santão.

Nome que dão os musulmanos a certos loucos, ou fanaticos, que por devoção se dilaceram. Catam-lhes grande respeito; e não é de admirar que um mahometano como Aben-Afan confundisse os seus miseraveis *santões* com os nossos sanctos ermitães.

PAGINA 116.

Christo e Mahomet foram prophetas
Mas Deus é o mesmo Deus.

Tal é a impia fe e misero credo dos mahometanos. Dizem elles em sua cegueira, que não sendo completa a missão de J. Ch. porque o mundo, que Deus lhe mandára reformar, ficára peior do que estava, mandára Deus a Mahomet, que emfim acabára a obra começada por J. Ch.

PAGINA 120.

O propheta, se a víra nesse instante,
Emmendára o Koran.

Todos sabem que Mafoma no seu Koran, ou Alkoran negou a entrada do paraizo ás mulheres, e apenas concede por especial mercê ás mais virtuosas, obedientes, e amantes de seus maridos, que de longe estejam vendo a glória de seus antigos esposos.

AO CANTO QUINTO.

PAGINA 123.

Pelas librés da infamia e de injustiça.

Convimos todos os Portuguezes que muitos, ao menos algumas d'éstas venerandas insignias andam deshonradas sôbre peitos d'ellas indignos, ou por que taes se tornaram depois de as obter, ou porque

surprehenderam a religião do gran' mestre. Toda a generalidade é inexacta : intenda-se d'aquelles a quem a carapuça servir.

PAGINA 133.

Como estrellas namoradas.

Allusão ás harmonias das espheras de Pythagoras, cujo antôjo ás favas é bem conhecido.

PAGINA 144.

Seccos troncos
De figueiras que ahi jazem , encastellam.

Historico. Veja Chr. de D. N.

AO CANTO SEXTO.

PAGINA 160.

Bordada a cruz azul , insignia antiga
Do reino...

Primeiras armas de Portugal e do conde D. Henrique, mudadas depois da gloriosa batalha de Ourique, mas conservadas em bandeiras e outras cousas muito tempo depois.

PAGINA 161.

N'este seu reino
Investi-lo do Algarve.....

Historico. V. todas as chron.

PAGINA 165.

Se o vira alguem, forte milagre fôra.

A igreja reconhece os milagres; e a crença dos fieis se deve conformar com ésta: mas não se segue d'ahi que não haja sôbre este ponto muita superstição entre o vulgo, e sôbre tudo n'aquelles seculos ignorantes Além de quê a bem intendida piedade nos deve fazer aguardar a decisão da igreja antes de prestarmos fe; pois em verdade muitos falsos milagres tem havido, que para serem taes foi mister que ninguem os visse: com o que se dá gôsto e triumpho a hereges e inimigos de nossa religião.

PAGINA 176.

Quando ramo de peste em talha de ouro.

Allude-se a várias crenças populares sôbre a noute e madrugada de S. João. É com effeito real que a noute de S. João, a festejam os mahometanos da mesma sorte que nós com fogueiras, danças, etc. Modernos viajantes testimunham do Egypto e outras partes do oriente que não é conto de velhas o que celebra aquella tam sabida cantiga:

Té os mouros na mourama
Festejam a san' João. —

V. Dupuis. O. des C.

PAGINA 187.

Meu incubo podêr.

Veja-se a respeito de *incubos* e *sucubos*, S. Clemente Alexandrino, Tertuliano e Lactancio, padres da igreja que todos accreditaram n'este podêr dos demonios. Veja-se tambem as notas do P. Pereira ao VI. cap. do Genesis, e á I. epistola, XI, 10, Cor. de S. Paulo : dous logares da biblia, que deram origem, por mal intendidos, áquella imaginação pouco decente.

AO CANTO SEPTIMO.

PAGINA 199.

Antes que a inquisição queimasse as bruxas.

Em testimunho da sanctissima verdade se deve dizer que as mesmas atrocidades e fanaticas persiguições da ignorancia commettidas nas duas peninsulas pela inquisição, taes e tammanhas se cometteram nos outros paizes, onde a não havia. A Saint Barthelemy, a Dragonade, e as horriveis crueldades do reinado da *bloody Mary* não succederam para áquem dos Pyreneus, nem para alêm dos Alpes, onde querem atirar com tudo quanto é d'este genero. E em que seculo foi a *Dragonade!*

PAGINA 208.

Ordens ja deu, e dividiu batalhas.

Chamavam os nossos antigos *batalhas* ao que na

technologia da nova tactica militar se chama *columnas*. Por algum resto da antiga derivação subsiste ainda hoje talvez a palavra *batalhões*, que todavia não é exactamente o mesmo. As columnas ou divisões d'um corpo d'exército chama tambem *azes*, talvez do latino *ala*, Damião de Goes Ch. de D. Man. Batalhas era o mais geral.

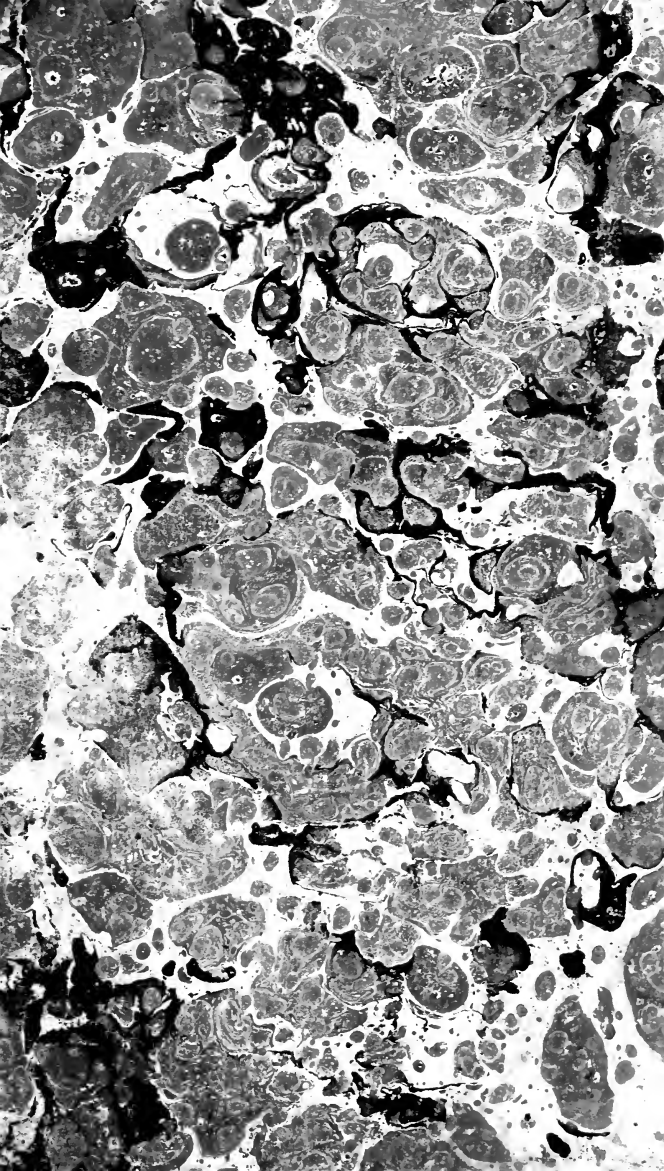
PAGINA 209.

Ahi per essas eras
Os seus mortos os mouros sepultavam.

Os mahometanos fazem sempre seus cemiterios fóra das cidades, e escolhem para elles appraziveis e amenos, senão alegres sitios. Veja-se Volney viag. ao Egyp. — Chateaubriand, itinerario, etc.

PAGINA 210.

Tira da manga mão de infante morto.

Toda ésta estancia é compilada das crenças vulgares e supersticiosas dos nossos povos. Todavia é isto commum em toda a parte, e não é so a nossa gente a *que crê em bruchas*. Veja-se *Dictionnaire infern. etc.*

FIM.